O mérito, o perdão dos pecados e o batismo dos bebês

Santo Agostinho

Santo Agostinho

O Mérito, o Perdão dos Pecados e o Batismo dos Bebês

Tradução: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2018

O mérito, o perdão dos pecados e o batismo dos bebês.

Santo Agostinho

Refutação daqueles que afirmam que Adão morreria, mesmo que ele não tivesse pecado e que a geração não transmite absolutamente nada desse pecado aos seus descendentes.

A morte do ser humano foi a consequência, não da necessidade da natureza, mas do mérito de seu pecado. Toda a descendência de Adão foi, aliás, englobada em seu pecado e os bebês recebem o batismo para a remissão desse pecado original.

Livro I

A morte vem do pecado

Capítulo 01

Prefácio

Jogado como que no meio de temíveis vagas de preocupações e problemas que levantam ao nosso redor os pecadores que abandonam a Lei de Deus[1] e obrigado, aliás, a imputar essas tempestades aos tristes méritos de nossos pecados pessoais, mais uma

[1] Provavelmente uma referência aos donatistas, que perturbavam naquele momento a Igreja da África.

dívida nos foi criada, bem amado Marcelino, por sua consulta tão confiante, o que o que o torna, aos nossos olhos, ainda mais interessante e mais amável e, apesar de todos os obstáculos, eu não quis __ ou, para ser mais sincero, eu não pude __ adiar por mais tempo a quitação de minha dívida para com você.

Eu me senti levado a isso, seja pelo amor, graças ao qual somos um só nesse Ser sublime que não pode mudar, mas que nos mudará um dia para melhor, seja pelo medo de ofender em você o Deus que inspirou em você esse desejo, enquanto que, ao atendê-lo eu serviria Aquele que lhe sugeriu esta ideia.

Sim, repito, eu me senti levado, pressionado, arrastado a resolver, na medida das minhas forças tão enfraquecidas, as questões que você me colocou por escrito. Desde então esses problemas assumiram, em minha mente, prioridade sobre todos os outros assuntos e hoje me decidi a fazer um trabalho qualquer que fosse capaz de provar que eu quis me colocar __ se não de forma suficiente, pelo menos com obediência __ a serviço da boa vontade que você demonstra e todos aqueles que se interessam por estas questões.

Capítulo 02

Adão não morreria se não tivesse pecado.

Muitos afirmam que Adão foi criado com a condição de morrer, mesmo que ele não tivesse merecido isso por causa do pecado. Isso teria sido para ele não uma punição por um erro, mas uma necessidade da natureza. Consequentemente, quando lemos na Lei de Deus esta sentença terrível: *Não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, por que, no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente*[2], dizem que isso não se refere à morte física, mas à morte que o pecado provoca na alma. A essa morte cuja obra o Senhor mostrou nos infiéis, quando, falando deles, disse: *"Siga-me e deixe que os mortos enterrem seus mortos"*[3].

Mas, o que responder, diante desta hipótese, ao texto onde lemos que, logo após o pecado, Deus dirige ao ser humano esta sentença de condenação: *És pó e pó te hás de tornar*[4]?

Evidentemente que não era sua alma que era pó, mas seu corpo e era com a morte desse corpo que o ser humano deveria retornar ao pó.

---

[2] Gênesis 2: 17.
[3] Mateus 8: 22.
[4] Gênesis 3: 19.

Da mesma forma também, mesmo sendo pó com seu corpo, mesmo conservando por um tempo esse corpo puramente animal, com o qual ele foi criado, ele deveria, no entanto, se não tivesse pecado, ser um dia transformado em um corpo espiritual e passar, assim, sem a experiência da morte, para a condição nova de incorruptibilidade que é prometida aos fiéis e aos santos. Um feliz estado em que somente sentimos o desejo em nós mesmos, mas cujo conhecimento temos através desta lição do Apóstolo: *Por isto suspiramos e anelamos ser sobrevestidos da nossa habitação celeste, contanto que sejamos achados vestidos e não despidos. Pois, enquanto permanecemos nesta tenda, gememos oprimidos. Desejamos ser, não despojados, mas revestidos com uma veste nova por cima da outra, de modo que o que há de mortal em nós seja absorvido pela vida*[5].

Concluamos que, se Adão não tivesse pecado, ele não teria sido despido de seu corpo, mas receberia sobre a carne uma vestimenta de imortalidade e incorruptibilidade, de sorte que o elemento mortal teria sido absorvido pela vida, ou seja, a parte animal nele teria se tornado totalmente espiritual.

[5] 2 Coríntios 5: 2-4.

Capítulo 03

Diferença entre ser mortal e ser sujeito à morte.

De fato, podia ser que o ser humano vivesse por mais tempo em seu corpo animal e que ele não tivesse que temer o peso da velhice e os lentos progressos da idade que o teriam levado à morte. O Deus dos israelitas não concedeu às suas vestimentas e aos seus calçados o privilégio de não se desgastarem durante os longos anos de sua peregrinação no deserto?[6]

Seria então uma coisa espantosa que a obediência do ser humano lhe tivesse valido, por parte desse mesmo soberano poder, um favor análogo, que seria ter um corpo animal e mortal, mas dotado, no entanto, de uma estabilidade que o impediria de se enfraquecer, apesar do acúmulo dos anos e que o fizesse ir do estado mortal à imortalidade, no tempo marcado por Deus e sem a intermediação da morte?

De fato, ninguém dirá que nossa carne, tal como a temos no presente, não possa ser ferida, alegando que não é necessário que ela se fira, da mesma forma que não se poderia pretender que a carne do primeiro ser humano fosse imortal por que não era necessário que ela morresse.

[6] Cf. Deuteronômio 29: 5. *Eu vos conduzi durante quarenta anos pelo deserto, sem que vossas vestes se gastassem sobre vós, nem os sapatos de vossos pés*.

Esta é, eu penso, a condição em que Deus quis colocar aqueles que ele transportou para fora deste mundo sem fazê-los sofrer a morte, mas lhes conservando, no entanto, seu corpo animal e mortal.

Henoc e Elias não se desgastaram em uma velhice decrépita, apesar de sua vida tão prolongada e, no entanto, não creio que é uma mudança como esta que nos é prometida por ocasião da ressurreição, cujo exemplo nos foi fornecido pelo próprio Jesus Cristo Nosso Senhor, tendo já espiritualizado sua carne; exceto em um ponto talvez: eles não teriam atualmente necessidade do alimento que consumimos para manter nossas forças.

Depois de sua elevação, pelo contrário, eles viveriam sem experimentar a fome, como Elias viveu quarenta dias sem alimento, com somente um vaso d'água e um pedaço de pão[7]. Ou, se eles ainda precisarem dos alimentos que sustentam a vida, talvez eles os encontrem no Paraíso, como Adão encontrava antes de merecer, por causa de seu pecado, ser expulso dele. Pelo que eu posso imaginar, as plantas em geral ofereciam ao nosso primeiro pai o necessário para reparar os desgastes comuns e a árvore da vida, em particular, lhe propiciava um estado de estabilidade que o preservava da velhice.

[7] 1 Reis 19: 1-8.

Capítulo 04

A morte do corpo vem mesmo do pecado.

Eu não sei mesmo como é possível entender de outra maneira a morte física; essa sentença pronunciada pela vingança divina: *És pó e pó te hás de tornar*.

Mas, além deste oráculo, há outros em que se vê com toda evidência que o pecado fez o gênero humano inteiro merecer a morte, não somente da alma como também do corpo.

Como esta passagem de São Paulo aos romanos: *Ora, se Cristo está em vós, o corpo, em verdade, está morto pelo pecado, mas o espírito vive pela justificação. Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, ele, que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos, também dará a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós*[8].

Uma máxima tão clara e tão evidente não precisa, eu acho, ser comentada, mas apenas ser lida. Ele diz: *o corpo está morto*, não por causa de sua fragilidade terrestre e por que é feito do pó da terra, mas, *pelo pecado*. Que dúvida ainda há?

Ele cuidadosamente evitou dizer: "o corpo é mortal". Ele disse: *o corpo está morto*.

[8] Romanos 8: 10 e 11.

Capítulo 05

Diferença entre mortal, morto e certeza de morrer.

Antes de ser passado para esse estado de incorruptibilidade que nos promete a ressurreição dos mortos, o corpo podia ser mortal sem jamais, de fato, ter sofrido a morte, exatamente como nosso corpo no estado atual, se posso falar assim, pode ser capaz de adoecer mesmo que a doença, de fato, não o atinja.

Suponhamos uma pessoa que morra sem nunca ter ficado doente. Podemos dizer que sua carne não era suscetível à doença?

Assim, o corpo de Adão era mortal no início, mas essa mortalidade seria eliminada por uma transformação que lhe daria uma incorruptibilidade eterna, se a sua justiça, ou seja, sua obediência tivesse persistido. Mas esse corpo mortal se tornou morto por causa do pecado.

Pelo contrário, assim será, na ressurreição que virá, nossa feliz transformação, que não guardará, não apenas nenhum germe dessa morte causada pelo pecado, como também a mortalidade que o corpo animal tinha antes do pecado.

Desta forma, São Paulo não diz: *O Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos dará a vida aos vossos corpos "mortos"*, mesmo tendo utilizado antes a expressão "corpo morto". Mas ele diz: *dará a vida aos vossos corpos "mortais"*, para nos

mostrar que eles não serão mais mortos e nem mortais, no dia em que o ser animal ressuscitará espiritual, em que o elemento mortal se revestirá de imortalidade e em que, enfim, o mortal será absorvido pela vida[9].

Capítulo 06

Como o corpo está morto por causa do pecado.

Seria espantoso que se exigisse algo mais claro do que um texto tão evidente. Deveríamos, por acaso, ouvir algum argumento que seja contraposto a este testemunho tão luminoso? Precisamos entender neste texto de São Paulo que o corpo está morto no mesmo sentido em que ele disse em outro lugar: *Mortificai, pois, os vossos membros no que têm de terreno: a devassidão, a impureza, as paixões, os maus desejos, a cobiça, que é uma idolatria*[10].

Mas, quando o corpo é mortificado desta forma, é pela justiça e não pelo pecado, pois é para praticar a justiça que mortificamos nossos membros que estão sobre a terra. Se há quem interprete de forma diferente a expressão *pelo pecado* e se querem que entendamos não *por que um pecado foi cometido*, mas sim *para que o pecado não aconteça*, então o sentido dado pelo Apóstolo

[9] Cf. 1 Coríntios 15: 44, 53,54 e 55. *Semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual. É necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade e que este corpo mortal se revista da imortalidade. Quando este corpo corruptível estiver revestido da incorruptibilidade e quando este corpo mortal estiver revestido da imortalidade, então se cumprirá a palavra da Escritura: "A morte foi tragada pela vitória"*.
[10] Colossenses 3: 5.

seria este: o corpo é morto para que o pecado não seja mais cometido no futuro.

Mas, então com que objetivo São Paulo completou sua frase com a segunda frase: *mas o espírito vive pela justificação*? Bastaria que ele tivesse dito que o espírito possui a vida e imediatamente ficaria subentendido o complemento já dito: *para que o pecado não aconteça*. O motivo é que, usando as duas frases, fica claro que, ao mesmo tempo, o corpo está morto e que o espírito está vivo para evitar o pecado.

Reciprocamente, se o Apóstolo quisesse indicar que o segundo motivo: *pela justificação*, tem o sentido somente de praticar a justiça, as duas frases se explicariam igualmente. Invés disso, ele disse que *o corpo está morto pelo pecado* e que *o espírito vive pela justificação*, atribuindo efeitos diversos para causas diversas: a morte do corpo como merecimento pelo pecado e a vida do espírito como merecimento pela justiça.

Por consequência, se for verdade (e ninguém pode duvidar disso) que *o espírito vive pela justificação*, ou seja, como merecimento pela justiça, como devemos ou podemos, na frase correlata *o corpo está morto pelo pecado*, ver outra coisa além do merecimento pelo pecado, se não for com o objetivo de alterar ou distorcer, por capricho, o sentido bem claro da Santa Escritura?

Esta conclusão fica ainda mais clara diante das palavras que se seguem imediatamente. O Apóstolo quer definir o gênero de graças concedidas à vida presente. Ele declara então que, sem dúvida, o corpo é morto por causa do pecado, por que, ao esperar o dia em que o corpo será renovado pela ressurreição, ele recebe o merecimento do bem perseverante pecado, ou seja, a necessidade de morrer. Mas, ele logo acrescenta, o espírito, pelo contrário, está vivo por causa da justiça, por que, sobrecarregados que somos por este corpo de morte[11], no entanto, já respiramos sob o império da justiça através da fé, em que já começa nossa renovação segundo nosso ser mais íntimo.

Ele continua, no entanto, e, para que a ignorância humana não deixasse de esperar a ressurreição do corpo, ele retorna ao corpo que ele tinha declarado morto já neste mundo __ como merecimento pelo pecado __ e afirma que, no mundo futuro, ele deverá, como merecimento pela justiça, receber a vida, não somente no sentido de que, de morto ele se tornaria vivo, mas também que, de mortal ele seria feito imortal.

[11] Cf. Romanos 7: 24. *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?*

Capítulo 07

A vida do espírito prepara a vida do corpo.

Temo, na verdade, que as explicações obscureçam aqui a própria evidência. No entanto, observemos ainda o quanto é luminoso este texto apostólico. Diz São Paulo: *Ora, se Cristo está em vós, o corpo, em verdade, está morto pelo pecado, mas o espírito vive pela justificação.*

As pessoas poderiam acreditar que a graça de Jesus Cristo só lhes traz um benefício ilusório ou, no máximo, bem pequeno, já que elas têm que, necessariamente, sofrer a morte física.

As palavras citadas do Apóstolo se antecipam a esta ideia. As pessoas devem observar, de fato, que, na verdade, o corpo não deixa de trazer sempre a triste consequência do pecado, já que a morte é o seu merecimento rigoroso. Mas o espírito já começa a encontrar a vida através da fé, depois dele também ter sofrido esse tipo de morte chamado de infidelidade.

Não, diz o Apóstolo, não considere um favor mínimo aquilo que lhe é dado pela habitação de Jesus Cristo em você. Se o corpo está morto por causa do pecado, dali por diante o espírito está vivo por causa da justiça. E, por este motivo, não se desespere por que seu corpo não encontre a vida, pois, *Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, ele, que ressuscitou*

Jesus Cristo dos mortos, também dará a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós.

Sob esta luz magnífica, como ainda opor a vã fumaça da disputa?

O corpo, segundo São Paulo, sem dúvida está morto por causa do pecado, mas os corpos mortais retornarão à vida por causa da justiça, já que, através dela, desde já, seu espírito está vivo e essa obra de vivificação total se completará pela graça de Jesus Cristo, ou seja, pelo seu Espírito que habita em nós.

E ainda clamam contra esse grito do Apóstolo! No entanto, ele diz como acontece de, ao matar o corpo, a vida assimilar a própria morte.

Escutemos: *Portanto, irmãos, não somos devedores da carne, para que vivamos segundo a carne. De fato, se viverdes segundo a carne, haveis de morrer, mas, se pelo Espírito mortificardes as obras da carne, vivereis*[12]. Isto não é o mesmo que dizer que, se você viver segundo a morte, tudo em você morrerá, mas, se viver segundo a vida, mortificando a própria morte, tudo em você viverá?

[12] Romanos 8: 12 e 13.

Capítulo 08

A morte do corpo segundo São Paulo.

Em outro texto de São Paulo encontramos: *Se por um homem veio a morte, por um homem vem a ressurreição dos mortos*[13]. É possível ver aqui algo que não seja a morte física?

De fato, quando o Apóstolo falou isto, ele tratava da ressurreição dos corpos, que ele queria, com todas as suas forças e com todo seu empenho, provar para os coríntios.

Quando ele lhes diz: *Por um homem veio a morte, por um homem vem a ressurreição dos mortos. Assim como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos reviverão*[14], ele não está falando exatamente a mesma coisa que ele disse aos romanos: *Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte*[15]? Há os que querem que a morte mencionada aqui deva ser entendida como a morte da alma e não a do corpo, dando um sentido bem diferente ao texto dirigido aos coríntios: *Por um homem veio a morte*.

Mas, de fato, eles se encontram na impossibilidade absoluta de interpretar este último texto no sentido da morte espiritual, por

[13] 1 Coríntios 15: 21.
[14] 1 Coríntios 15: 21 e 22.
[15] Romanos 5: 12.

que o tema tratado nesse lugar é a ressurreição do corpo, cujo contrário é, evidentemente, a morte do corpo.

Mas, por que, nesta segunda passagem, o Apóstolo lembra que a morte é a obra de um só homem e não menciona o pecado? É por que o Apóstolo não tratava aqui da justiça e nem, por consequência, do pecado, seu contrário, mas sim da ressurreição, cujo oposto é a morte corpórea.

Capítulo 09

Foi pela propagação e não por simples imitação que o pecado passou para toda a humanidade.

Quanto ao próprio oráculo de São Paulo, em que ele diz: *Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte*, sua carta, querido Marcelino, me diz bem que há uma tentativa de desviar seu sentido para uma opinião nova. Mas você não me informa o que se pretende descobrir neste texto.

Pelo que eu pude saber em outras fontes, o pensamento sobre este assunto é este: a morte mencionada pelo Apóstolo não seria a do corpo, pois não é admitido que Adão a tenha merecido com seu pecado. Mas essa morte seria a da própria alma que produziu o pecado.

Quanto ao pecado, ele teria passado do primeiro ser humano para seus descendentes, não pela geração, mas pela imitação.

Consequentemente há a recusa também em acreditar que o batismo redime o pecado original nos bebês, por que há a crença de que o ser humano, por ocasião de seu nascimento, é absolutamente sem pecado.

Eu respondo que se o Apóstolo tivesse desejado falar dessa espécie de pecado que entrou no mundo não pela geração mas pela imitação, ele atribuiria suas premissas e a causa não a Adão, mas ao demônio, pois é sobre ele que está escrito: *O demônio peca desde o princípio*[16]. É sobre ele também que lemos no Livro da Sabedoria: *Foi pela inveja do demônio que a morte entrou no mundo*[17].

A morte mencionada aqui entrou nos seres humanos por obra do demônio, mas não foi por que eles nasceram dele, mas por que o imitaram. Assim, o Espírito logo acrescenta: *Os que pertencem ao demônio prová-la-ão*[18].

Recordando, pelo contrário, o pecado que, de um só passa para todos através da geração, o Apóstolo coloca na frente aquele através de quem começou a propagação ao gênero humano.

[16] 1 João 3: 8.
[17] Sabedoria 2: 24.
[18] Sabedoria 2: 24.

Capítulo 10

O pecado atual e o pecado original.

Adão, sem dúvida, tem por imitadores todos aqueles que, pela desobediência, transgridem um preceito divino. Mas, uma coisa é o poder do exemplo sobre aqueles que pecam por vontade própria e outra coisa é o efeito da origem sobre aqueles que nascem no pecado.

O próprio Senhor Nosso tem por imitadores seus santos bem-amados que querem seguir pelos caminhos da justiça e foi isto o que fez São Paulo dizer: *Tornai-vos os meus imitadores, como eu o sou de Cristo*[19].

Mas, além desse poder exterior de imitação, a graça de Jesus Cristo produz a iluminação e a justificação das próprias profundezas de nossa alma e foi dessa mesma grande obra que o mesmo e sublime pregador de Jesus Cristo disse: *Nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer*[20].

Através dessa graça, de fato, ele liga ao seu corpo as criancinhas, desde que elas sejam batizadas e mesmo que, certamente, elas não possam ainda imitar ninguém.

Concluamos. Aquele em quem todos encontram a vida, não contente em se fazer de modelo de justiça para seus imitadores,

[19] 1 Coríntios 11: 1.
[20] 1 Coríntios 3: 7.

concede, além disso, aos seus fiéis, a graça profundamente escondida de seu Espírito, que ele infunde secretamente até nas criancinhas.

Da mesma forma, aquele em quem todos morrem, não somente deu um triste exemplo a ser seguido por aqueles que se fazem voluntariamente de transgressores da Lei de Deus, como também, pela mácula escondida de sua concupiscência carnal, infectou nele mesmo todos aqueles que saem de sua estirpe corrompida.

Foi este fato e somente este fato que motivou o oráculo do Apóstolo: *Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte. Assim, a morte passou a todo o gênero humano, no que todos pecaram*[21].

Se esta afirmação fosse minha, haveria oposição a ela. Seria ressaltada a inexatidão da expressão e do pensamento. Fosse qual fosse a pessoa, de fato, que tivesse esta opinião, não se veria nela outro sentido além daquele que não se quer reconhecer em São Paulo.

Mas, como esta afirmação é dele e sua autoridade e doutrina são esmagadoras, eles nos objetam a dificuldade que experimentam para bem compreender seu pensamento e se esforçam para dar um sentido estranho para afirmações tão nítidas e claras como

[21] Romanos 5: 12. *Sicut per unum hominem peccatum in hunc mundum intravit et, per peccatum, mors et ita in omnes homines mors pertransiit, in quo omnes peccaverunt.*

esta: *Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte*. Isto é um efeito da geração e não da imitação. Se fosse o caso de imitação, ele teria dito: pelo demônio.

Aliás __ e que ninguém duvide disso __ ele designa como primeiro homem aquele que recebeu o nome de Adão.

Assim, a morte passou a todo o gênero humano, ele conclui.

Capítulo 11

Todos pecaram em Adão.

Ele logo acrescenta: *no que todos pecaram*. Estas expressões são de uma escolha, de uma exatidão, de uma clareza admirável!

Uma coisa é entender como se ele tivesse dito que há um pecado, que entrou através de um só homem no mundo e no qual todos pecaram. Logo se conclui com exatidão que outros são os pecados próprios a cada culpado e nos quais somente estes são pecadores, já que pessoalmente os cometem. Outro é o pecado único no qual[22] todos pecaram, por que esse homem somente era então todo o gênero humano.

Você prefere na expressão "no que" (*in quo*), não entender o pecado, mas esse único homem *em quem* todos pecaram? O que

[22] A expressão *in quo* é ambígua na frase de São Paulo. Ela pode ser entendida *in quo homine* ou *in quo peccato*. O grego *eph o* só se presta ao primeiro sentido, por que a palavra *amartia* (pecado) é feminina. (Nota do Abade Collery, tradutor do latim).

há de mais evidente do que essa evidência nova? Pois lemos que todos aqueles que acreditam em Jesus Cristo são justificados nele pela comunicação secreta e pela inspiração de sua graça espiritual. Através dela, quem se liga ao Senhor forma com ele um só espírito.

É bem verdade que os santos de Deus querem, além disso, imitá-lo, mas fiéis, por sua vez, imitaram os santos de Deus. Ora, mostre-me, com relação a esses fiéis, uma passagem como esta, um texto que fale sobre algum deles: ele foi justificado em São Paulo, em São Pedro ou qualquer um desses personagens sublimes cuja autoridade brilha no seio do povo de Deus.

Admito que nos declaram que somos abençoados em Abrão, de acordo com a promessa que lhe foi feita: *Todas as famílias da terra serão benditas em ti*[23], mas isto é por causa de Jesus Cristo, seu descendente segundo a carne e este sentido é mais claramente indicado quando a mesma promessa lhe é formulada nestes termos: *Em tua descendência serão benditas todas as gentes*[24].

Mas, que alguém tenha pecado ou mesmo que peque *no demônio*, mesmo que todos os maus e ímpios sejam seus imitadores, esta é uma afirmação que ainda está para ser descoberta nas Escrituras Santas e eu não sei se algum dia tal descoberta acontecerá nos livros santos.

---

[23] Gênesis 12: 3.
[24] Gênesis 22: 18. *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ*.

Ora, é bem isto o que o Apóstolo disse sobre nós, com relação ao primeiro homem: *Nele todos pecaram*. Como então contestar a transmissão do pecado através da propagação? Como se perder assim em não sei que nuvem de imitação que opõem a nós?

Capítulo 12

O pecado mais antigo da Lei.

Observe bem as palavras que se seguem. O Apóstolo acaba de dizer: *Nele todos pecaram*. Ele prossegue e acrescenta: *De fato, até a Lei, o mal estava no mundo*[25]. Ou seja, a Lei não pôde destruir o pecado; ela chegou depois dele para fazer abundar a iniquidade[26].

Isto é próprio da lei natural, em virtude da qual todo ser humano, assim que usa sua razão, começa a acrescentar suas faltas pessoais ao pecado de sua origem.

Isto é próprio também da lei escrita que foi dada ao povo de Israel, por intermédio de Moisés, pois, *Se fosse dada uma lei que pudesse vivificar, em verdade a justiça viria pela lei; mas a Escritura encerrou tudo sob o império do pecado, para que a promes-*

[25] Romanos 5: 13.
[26] O santo doutor reproduz literalmente o texto do grande Apóstolo. Mas, entre a Lei e o pecado só se pode ver uma relação de tempo e não de necessidade. O pecado seguiu a Lei, mas não segundo os desígnios do Deus Legislador.

sa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem[27].

O mal não é imputado quando não há Lei[28]. O que quer dizer *O mal não é imputado*, se não é que não se sabia, que não se acreditava que era pecado?

Não vá acreditar, no entanto, que Nosso Senhor e Deus não consideravam que eles não existiam, pois, está escrito: *Todos os que, sem a Lei, pecaram, sem aplicação da Lei perecerão*[29].

Capítulo 13

O que é o reino da morte, na opinião do Apóstolo?

Continua o Apóstolo: *No entanto, desde Adão até Moisés reinou a morte*[30], ou seja, desde o primeiro ser humano até mesmo sob a Lei que foi promulgada por ordem de Deus, por que nem mesmo essa Lei pôde destruir o reino da morte.

O Apóstolo, com esse *reino de morte* quer nos mostrar a dominação sobre o gênero humano de um pecado cuja mancha subsiste e que, longe de lhe permitir chegar à vida eterna __ a única vida verdadeira, afinal __o arrasta para uma segunda morte eterna, como castigo.

---

[27] Gálatas 3: 21 e 22.
[28] Romanos 5: 13.
[29] Romanos 2: 12.
[30] Romanos 5: 14.

Para todo ser humano, somente a graça do Salvador destrói esse reino de morte. Foi ela que já tinha operado nos santos da antiguidade que precederam a vinda de Jesus Cristo. Eles também pertenciam à sua graça salvífica e não à Lei que podia muito bem ordenar, mas não ajudar. O que estava oculto no Antigo Testamento agora é revelado no Novo. Assim quis a muito justa economia de tempos bem diferentes.

Desta forma, *desde Adão até Moisés reinou a morte* sobre todos que a graça de Jesus Cristo não ajudou para destruir neles o reino de morte e esse reino se estendeu até mesmo *sobre aqueles que não pecaram à imitação da transgressão de Adão*[31], ou seja, que não tiveram tempo para pecar como ele, por vontade própria e pessoal, mas que somente receberam dele o pecado da origem.

Por fim, esse Adão *é figura do que havia de vir*[32], por que nele foi estabelecida a forma do processo e da condenação que deveria pesar sobre seus descendentes, sobre aqueles que seriam criados a partir dele, de sorte que, saídos dele somente, todos nasceriam com uma condenação que nenhum poder liberta, a não ser a graça do Salvador.

Eu sei que a maior parte dos exemplares latinos traz: "A morte reinou, de Adão até Moisés, sobre aqueles que pecaram de forma semelhante à prevaricação de Adão". Aqueles que adotam

[31] Romanos 5: 14.
[32] Romanos 5: 14.

esta versão a entendem exatamente como nós. Esse pecado semelhante ao de Adão eles explicam dizendo que todos pecaram nele e que todos assim são gerados semelhantes a ele. Como o ser humano só procria seres humanos, o Adão pecador só procriou pecadores. Condenado à morte e à danação, ele só gera seres devotados à morte e à danação.

No entanto, os exemplares gregos, a partir dos quais foi feita a tradução latina, trazem todos, ou quase todos, a versão que eu mesmo apresentei em primeiro lugar.

Capítulo 14

A redenção supera o pecado original.

Diz o Apóstolo: *Mas, com o dom gratuito, não se dá o mesmo que com a falta. Pois, se a falta de um só causou a morte de todos os outros, com muito mais razão o dom de Deus e o benefício da graça obtida por um só homem, Jesus Cristo, foram concedidos copiosamente a todos*[33].

O Apóstolo não disse que a graça é dada a um número maior de pessoas, pois o número de justificados não é mais considerável do que o dos condenados. Ele disse que essa graça foi concedida *copiosamente a todos*.

[33] Romanos 5: 15.

De fato, Adão produziu culpados, mas que trazem dele somente um pecado. Pelo contrário, muitas pessoas acrescentaram ao pecado original, no qual nasceram, faltas cometidas por sua própria vontade e, no entanto, Jesus Cristo os liberta e lhes concede sua graça, o que a continuação de nossas reflexões vai demonstrar, com muito maior evidência.

Capítulo 15

Há um só pecado que é comum a todos.

Estudemos então mais atentamente ainda o que diz o Apóstolo: que muitos estão mortos por causa do pecado de um só.

Por que ele acusa assim, como causa de morte, o pecado de um único homem e não os pecados pessoais de cada um, se ele quer nos fazer entender nesta passagem uma falta por imitação e não por propagação?

Observemos então o que se segue: Não *aconteceu com o dom o mesmo que com as consequências do pecado de um só: a falta de um só teve por consequência um veredito de condenação, ao passo que, depois de muitas ofensas, o dom da graça atrai um juízo de justificação*[34]. Que se encontre nesta passagem um lugar para esse suposto pecado por imitação.

[34] Romanos 5: 16. *Et non sicut per unum peccatum, ita et donum. Nam judicium quidem ex uno in condemnationem : gratia autem ex multis delictis in justificationem*.

A falta de um só; o que entender aqui por *um só*, se não é um só pecado?[35] O Apóstolo indica isto claramente, já que ele diz que fomos justificados de vários pecados pela graça. Mas, por que esta antítese de um julgamento que nos condena por um só pecado e uma graça que nos justifica por vários pecados?

Supondo que o pecado original não exista, não é evidente que o objeto da justificação pela graça será um certo número de pecados e que esse número deverá ser também o motivo de nossa condenação pelo julgamento? Pois, se a graça perdoa vários pecados, não se pode supor que o julgamento não condene também vários pecados.

Se, condenados por um só pecado, quisermos entender no sentido de que todos os pecados condenados foram cometidos por imitação a um único pecado, a mesma razão deveria nos fazer admitir que a justificação também recai sobre um só pecado, já que todos aqueles que seriam apagados nas almas dos fiéis teriam sido cometidos por imitação a esse único pecado!

Ora, não foi este, sem dúvida o pensamento de São Paulo, quando ele disse: *a falta de um só teve por consequência um veredito de condenação, ao passo que, depois de muitas ofensas, o dom da graça atrai um juízo de justificação*.

---

[35] Santo Agostinho leu *Per unum "peccantem"*. Nós lemos atualmente : *Per unum "peccatum"*. Da mesma forma, a construção latina : *Nam iudicium ex uno in condemnationem, gratia autem ex multis delictis in justifcationem*, torna incerto o sentido de ex uno, ou se presta a um duplo sentido, que tratamos de conservar invertendo a construção francesa.

Pois bem! Compreendamos o grande Apóstolo e nos convençamos de que, se ele nos declarou julgados e condenados por um único pecado, foi por que bastou o pecado original, mesmo sendo um só, para condenar todo o gênero humano.

Certamente que uma condenação mais severa atinge aqueles que acrescentam suas faltas pessoais ao pecado original. Ela atinge com uma força e gravidade proporcionais às próprias iniquidades. No entanto, o mal contraído em nossa origem basta individualmente para nos separar do reino de Deus.

Até mesmo os pelagianos admitem que até mesmo os bebês não podem entrar no reino de Deus se não receberam a graça de Jesus Cristo. Uma morte assim os exclui da salvação e da vida eterna, que não se pode conceber como sendo diferente desse reino de Deus, ao qual somos introduzidos pela união íntima com Jesus Cristo.

Capítulo 16

Nem todo pecado vem de Adão, mas a remissão de todos vem de Jesus Cristo.

Adão, em quem todos pecamos, não nos transmitiu todos os pecados; somente aquele de nossa origem. Jesus Cristo, pelo contrário, em quem todos somos justificados, nos obteve não apenas a

remissão dessa falta original, mas também a de todos os outros pecados que acrescentamos a ela.

É por isso que o mal que nos fez este pecador único não se iguala ao bem que nos fez o dom de Deus. Seu justo julgamento pode nos levar à condenação por uma única falta, ou seja, aquela de nossa origem, se ela não nos for perdoada, ao passo que ele nos leva à justificação, nos perdoando por vários pecados, ou seja, não apenas o pecado original, mas todos os outros que se seguiram a ele.

Capítulo 17

O reino da morte e o reino da vida.

Se, pelo pecado de um só homem reinou a morte por esse único homem, muito mais aqueles que receberam a abundância da graça e o dom da justiça reinarão na vida por um só, que é Jesus Cristo![36]

Assim, a morte, por causa do pecado de um só, reinou por causa de um só. Por quê, se não é por que nele todos pecaram e que, desta forma, a morte os tem aprisionados, mesmo quando eles não acrescentam a essa mácula seus pecados pessoais? Não fosse assim, não seria verdadeiro que por um só e pelo pecado de

[36] Romanos 5: 17.

um só, a morte obteve seu império. Ela reinaria, pelo contrário, por causa de vários pecados de várias pessoas e cada pecador.

Aliás, atribua somente à imitação de um triste antecessor a perda de todo o gênero humano; diga que é neste sentido e por tê-lo seguido na via do pecado, que o pecado de um só lhe deu a morte; então, ele também e muito mais que os outros, morreu por causa da falta de outro criminoso, pois o demônio não precedeu nosso primeiro pai na via do pecado, a ponto de aconselhar-lhe essa ofensa a Deus?

Adão, pelo contrário, não aconselhou seus imitadores. Um bom número daqueles que são chamados de imitadores aqui nem mesmo souberam de sua existência e de seu crime ou mesmo lhe deram qualquer fé.

Na suposição então de que o Apóstolo nesta passagem quis falar de um pecado de imitação e não de propagação, não seria mais lógico conceder o primeiro lugar, como eu já fiz, ao demônio e afirmar que foi por ele que a morte e o pecado passaram para toda a humanidade? Pois, se é possível ser imitador de um culpado sem que este tenha aconselhado nada que se pareça com seu crime, sem que ele nem mesmo conheça o pecador de alguma maneira, não seria mais lógico chamar Adão de imitador do demônio, que o convenceu a pecar?

O Apóstolo acrescenta: *aqueles que receberam a abundância da graça e o dom da justiça*. O que isto quer dizer, se não é que primeiro uma graça de perdão é concedida, não apenas pela falta em que se tornaram pecadores com o resto da humanidade, mas também para os pecados que eles mesmos acrescentaram a ela e que, também em seguida a eles, uma justiça lhes é concedida, tão forte e tão poderosa que eles não cederão mais nem mesmo às violências do demônio, enquanto que Adão cedeu aos seus simples conselhos?

Estes, ele diz, *reinarão na vida*. Em que sentido, já que a morte domina a maioria das pessoas e seu império as arrasta ao castigo eterno?

Evidentemente que só podemos aplicar este texto, como o precedente, às pessoas que passam de Adão a Jesus Cristo, ou seja, da morte à vida. Sim, seu reino na vida será superior ao triste reino da morte sobre eles. Este só durará um tempo e terminará; aquele será eterno e não terminará.

Capítulo 18

Só Jesus Cristo pode justificar.

Como pelo pecado de um só a condenação se estendeu a todo o gênero humano, assim, pela justificação de um só, recebe

todo o gênero humano a justificação que dá a vida[37]. Admitamos o pecado por imitação e, este pecado de um só, só pode ser o do demônio. Mas, evidentemente, o texto aqui não se refere ao demônio, mas a Adão. Então, ele só pode ser entendido como falando de um pecado por propagação e não por imitação.

Observemos o que São Paulo fala de Jesus Cristo: *pela justificação de um só*. Isto é bem mais expressivo do que dizer: "pela justiça de um só".

A justificação aqui indicada, de fato, é a ação pela qual Jesus Cristo justifica o pecador e que não propôs a ninguém imitar, pois só ele pode operá-la.

O Apóstolo pôde muito bem dizer: *Tornai-vos os meus imitadores, como eu o sou de Cristo*[38]. Mas jamais ele teria dito: "Recebam de mim a justificação, como a recebi de Jesus Cristo".

Pode haver, há e houve um certo número de pessoas justas e dignas de serem imitadas, mas ninguém, exceto Jesus Cristo, possui ao mesmo tempo a justiça e o poder de justificar. Assim, está escrito: *Aquele que, sem obra alguma, crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada em conta de justiça*[39].

Para ousar dizer a alguém: "Eu te justifico", é preciso poder também lhe dizer: "Creia em mim". Ora, dentre os santos, nenhum

---

[37] Romanos 5: 18. *Igitur sicut per unius delictum in omnes homines in condemnationem : sic et per unius justitiam in omnes homines in justificationem vitæ*.
[38] 1 Coríntios 11: 1.
[39] Romanos 4: 5.

no mundo, a não ser o Santo dos Santos, teve o direito de dizer: *Credes em Deus, crede também em mim*[40], por que aquele que *crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada em conta de justiça*.

Capítulo 19

Ninguém é gerado sem Adão e ninguém é regenerado sem Jesus.

Aliás, se somente a imitação nos faz pecadores em Adão, por que ela também não nos faz justos por Jesus Cristo? São Paulo responde: *Como pelo pecado de um só a condenação se estendeu a todo o gênero humano, assim, pela justificação de um só, recebe todo o gênero humano a justificação que dá a vida*[41].

Na hipótese da imitação, a expressão *um só*, repetida duas vezes em duas frases correlatas, deveria designar não Adão e Jesus Cristo, mas Adam e Abel.

De fato, consulte a história do mundo e ali verá certamente mais de um predecessor no pecado e aqueles que ofenderam Deus nas eras seguintes foram seus imitadores. No entanto, há aqueles que querem que somente Adão, que é designado no texto sagrado,

---

[40] João 14: 1.
[41] Romanos 5: 18. *Igitur sicut per unius delictum in omnes homines in condemnationem : sic et per unius justitiam in omnes homines in justificationem vitæ*.

seja considerado como aquele em quem todos pecaram por imitação, somente por que Adão foi o primeiro pecador.

Consequentemente, é Abel que o texto sagrado deveria designar também como aquele em quem todos os seres humanos são justificados, também por imitação, já que Abel foi o primeiro a viver na justiça.

Você considera que um dado tão importante assim pertence mais ao Novo Testamento? Você diz que Jesus Cristo foi colocado à frente dos justos unicamente para ser imitado?

Então Judas, que o traiu, deveria ser colocado à frente dos pecadores.

Por outro lado, se Cristo é o único em quem todos são justificados, pela razão de que não é somente sua imitação que nos faz justos, mas também sua graça espiritual de regeneração, então, por uma razão semelhante, Adão é também o único em quem todos pecaram, por que não é somente sua imitação que nos faz pecadores, mas também a infelicidade de receber dele a geração carnal.

Assim se explica também o termo *todos*, duas vezes empregado. Isso não significa que aqueles que são gerados por Adão sejam todos identicamente também regenerados por Jesus Cristo. Mas este termo é exato no sentido de que, como ninguém deixa de receber de Adão a geração carnal, assim também ninguém recebe a regeneração espiritual a não ser por Jesus Cristo. Se fosse possí-

vel a geração segundo a carne sem Adão e segundo o espírito sem Jesus Cristo, a palavra *todos* seria muito pouco clara, tanto na primeira como na segunda afirmação do texto apostólico.

A mesma palavra *todos*, ele empregará mais tarde através do termo *muitos*. De fato, desde que haja mais de um, mesmo sendo poucos, a palavra *todos* pode designar esse pequeno número. Mais de um recebe a geração carnal e mais de um a regeneração espiritual, mesmo que os filhos do espírito sejam menos numerosos do que os filhos da carne. Esta última expressão abrange *todos* os seres humanos, exatamente como a primeira abrange *todos* os justos.

Fora da carne não há ninguém, assim como fora do espírito ninguém é justificado. Uma e outra geração conta com uma numerosa família, pois, *como pela desobediência de um só homem foram todos constituídos pecadores, assim, pela obediência de um só todos se tornarão justos*[42].

[42] Romanos 5: 19.

Capítulo 20

Comparação entre a geração carnal e a geração espiritual.

Sobreveio a Lei para que abundasse o pecado[43]. Isto se refere aos pecados que a humanidade acrescentou, por vontade própria, à mácula do pecado original. Mas estes novos pecados são apagados e curados por Jesus Cristo, por que, *onde abundou o pecado, superabundou a graça. Assim como o pecado reinou para a morte* (entendam-se aqui as faltas que a humanidade não herdou de Adão, mas cometeu por vontade própria), *assim também a graça reinaria pela justiça para a vida eterna, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor*[44].

Observemos, no entanto, que não existe justiça fora de Jesus Cristo como há pecado fora de Adão. Após ter dito: *Assim como o pecado reinou para a morte*, o Apóstolo evitou acrescentar "por um só homem" ou então "por Adão". Ele tinha esclarecido que, desta vez, ele falava de outra espécie de pecado que abundava no momento em que sobreveio a Lei. Essa espécie de pecado não diz respeito mais à nossa origem, mas à nossa própria vontade.

Foi por isso que, após ter dito que *a graça reinaria pela justiça para a vida eterna*, ele acrescenta: *por meio de Jesus Cristo,*

[43] Romanos 5: 20.
[44] Romanos 5: 20 e 21.

nosso Senhor, por que, de fato, a geração carnal só nos fez contrair o pecado original, enquanto que nossa regeneração espiritual produz a remissão de todos os pecados; tanto os de nossa origem como aqueles de nossa vontade.

Capítulo 21

A condenação dos bebês mortos sem o batismo.

Por consequência, pode-se afirmar, com verdade, que os bebês que morrem sem o batismo serão colocados na mais suave de todas as condenações, mas é adotar e propagar um grande erro afirmar que eles não serão punidos, pois o Apóstolo diz: *a falta de um só teve por consequência um veredito de condenação*[45] e *pelo pecado de um só a condenação se estendeu a todo o gênero humano*[46].

Assim também, logo depois que Adão pecou em desobediência a Deus, seu corpo, já mortal e animal antes de sua queda, perdeu também uma graça que o tornava, em todos os seus membros, obediente à nossa alma. Assim se fez sentir esse impulso tão vergonhoso à nossa humanidade e que fez Adão corar ao se ver nu.

[45] Romanos 5: 16.
[46] Romanos 5: 18.

Então um tipo de doença pareceu prender seu germe nessa corrupção súbita e empesteada de nossa natureza. O ser humano perdeu o vigor da juventude inalterável que tinha recebido do Criador e teve que caminhar para a morte através das vicissitudes das idades.

Os seres humanos, em seguida, viveram ainda longos anos, sem dúvida, mas eles começaram a morrer desde o dia em que receberam a lei de morte que os condena a sofrer a decrepitude da velhice. Podemos dizer, de fato, que ele se mantém, nem que seja por um só instante __ ou melhor, que não se esvai sem descanso __ o ser, qualquer que ele seja, que uma contínua mudança precipita pouco a pouco rumo a um fim, que, longe de aperfeiçoá-lo, o extingue e o destrói? Assim se cumpre o que Deus disse: *No dia em que comeres do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, morrerás indubitavelmente*[47].

Desta forma, qualquer pessoa que recebeu seu nascimento carnal após essa desobediência da carne e sob o império da lei do pecado e da morte precisará, por causa disso, receber um novo nascimento totalmente espiritual, não apenas para chegar ao reino de Deus, mas até mesmo para ser libertado da condenação provocada pelo pecado.

[47] Gênesis 2: 17.

Assim, quando o ser humano nasce na carne, ele é atingido ao mesmo tempo pelo pecado e pela morte do primeiro Adão. Mas também, quando ele renasce no batismo, ele participa da justiça e da vida eterna do segundo Adão, ao qual está unido. Prova do primeiro destes pontos são as palavras do Eclesiástico: *Foi pela mulher que começou o pecado e é por causa dela que todos morremos*[48].

Que se atribua a falta a Eva ou ao seu esposo, nos dois casos ela pertence ao primeiro ser humano, pois sabemos que a mulher foi tirada do homem e que ambos são uma só carne, de acordo com o que está escrito: *O homem deixa o seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher e já não são mais que uma só carne*[49]. Disse Nosso Senhor: *O homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher e os dois formarão uma só carne. Assim, já não são dois, mas uma só carne*[50].

Capítulo 22

Os bebês não possuem pecados atuais.

Também não é preciso dispender muitos esforços, quando se trata de refutar aqueles que afirmam que o batismo é dado aos

[48] Eclesiástico 25: 33.
[49] Gênesis 2: 24.
[50] Mateus 19: 5 e 6.

bebês para perdoar-lhes as faltas contraídas por eles mesmos nesta vida e não aquelas que eles herdaram de Adão.

Quando os adeptos de uma afirmação dessas quiserem refletir um pouco seriamente e sem partidarismos, eles se convencerão logo desse perfeito e indiscutível absurdo e logo mudarão de opinião. Se eles se recusarem a isso, não duvidemos do bom senso das outras pessoas e não temamos que eles se deixem convencer sobre este ponto. Essas pessoas, se não me engano, se deixaram arrastar por esse discurso, em prejuízo de outra ideia mais tocante.

Forçados a admitir que o batismo redime os pecados daqueles que o recebem e se recusando a confessar que Adão lhes legou um pecado, mesmo reconhecendo que ele é redimido em todos, até mesmo nos bebês, eles se veem forçados a incriminar a própria infância, como se o acusador da infância estivesse mais à vontade e mais seguro, pela razão de que o acusado não pode se defender.

Mas, eu digo, deixemos de lado essa pobre gente. Quando se trata da inocência perfeita dos bebês, pelo menos quanto ao uso pessoal de sua vida recém-nascida, os discursos e os argumentos são inúteis, se o senso comum não o reconhece primeiramente, sem precisar ser ajudado pelo socorro de algum debate.

Capítulo 23

Refutação daqueles que dizem que os bebês são batizados para a obtenção do reino dos céus e não para remissão do pecado original.

Outros possuem uma opinião mais sedutora __ parece __ e mais digna de ser examinada e discutida. Eles dizem que, se os bebês são batizados logo ao saírem do seio materno, não é para a remissão do pecado, mas para lhes dar o nascimento espiritual que lhes falta. Assim, eles devem adquirir criação em Jesus Cristo e direito de participação em seu reino eterno. Tornam-se assim filhos e herdeiros de Deus e coerdeiros de Jesus Cristo.

Respondamos com uma pergunta. Embora não batizadas, embora sem se tornarem coerdeiras de Jesus Cristo e participantes do reino dos céus, essas crianças têm pelo menos o benefício da salvação eterna na ressurreição dos mortos?

Aqui é grande seu embaraço e você não encontrará a saída. Algum dia um cristão no mundo suportará ouvir dizer que alguém possa chegar à salvação eterna sem renascer primeiro em Jesus Cristo?

Ora, esse renascimento não é operado pelo batismo? Não está aí uma regra estabelecida por Nosso Senhor, no mesmo momento em que ele quis instituir esse sacramento, precisamente

para regenerar aqueles que ele chamava à esperança da vida eterna?

Daí, de fato, vem estas palavras do Apóstolo: *Não por causa de obras de justiça que tivéssemos praticado, mas unicamente em virtude de sua misericórdia, ele nos salvou mediante o batismo da regeneração e renovação, pelo Espírito Santo*[51].

Essa salvação, aliás, nós só a temos na esperança, enquanto vivemos neste mundo. São Paulo o diz: *Pela esperança é que fomos salvos. Ora, ver o objeto da esperança já não é esperança, por que o que alguém vê, como é que ainda o espera? Nós que esperamos o que não vemos, é com paciência que o aguardamos*[52].

Ora, a salvação eterna dos bebês é possível sem essa regeneração pelo batismo? Quem ousaria afirmar isso, como se Jesus Cristo não tivesse morrido por eles?

No entanto, o Apóstolo declara que *Cristo a seu tempo morreu pelos ímpios*[53]. Como, por um lado, é evidente que essas criaturinhas não cometeram em sua vida pessoal nenhum ato ímpio e se, por outro lado, elas não estão presas originalmente por nenhum ato de impiedade, como o Deus que morreu pelos ímpios morreu por elas?

---

[51] Tito 3: 5.
[52] Romanos 8: 24 e 25.
[53] Romanos 5: 6.

Se a doença do pecado da origem não as feriu de nenhuma maneira, por que o pio temor de seus pais os apressa a acorrer ao médico Jesus e a levá-las para receber esse sacramento da salvação eterna?

Por que não dizemos a esses pais, na própria Igreja: "Levem daqui esses inocentes. Pessoas saudáveis não precisam de médico, mas sim as doentes. Jesus Cristo não veio para chamar os justos, mas sim os pecadores"?

Ora, na Igreja de Deus, nunca se pronunciou, nunca se pronuncia e nunca se pronunciará tal absurdo.

Capítulo 24

Os bebês não batizados são pecadores.

Ninguém imagine que é preciso levar os bebês ao batismo pela razão de que, sem serem de forma alguma pecadores, eles também não são justos.

Com esta ideia, como se justificariam estas palavras do Senhor, que louvam as virtudes da primeira infância: *"Deixai vir a mim estas criancinhas e não as impeçais, por que o Reino dos céus é para aqueles que se assemelham a elas"*[54]?

Se com estas palavras, de fato, Nosso Senhor não visava somente nos propor o modelo de humildade, dessa virtude que, de

[54] Mateus 19: 14.

fato, nos reduz ao nível dessas criancinhas; se ele quis, pelo contrário, fazer o elogio de sua vida e de sua própria conduta, ei-las em uma só frase declaradas justas. Não fosse assim, ele não poderia dizer com razão: *o Reino dos céus é para aqueles que se assemelham a elas*, pois esse reino só pode pertencer aos justos.

Mas, por outro lado, pode ser que se afaste deste raciocínio e se entenda que as palavras do Senhor: *o Reino dos céus é para aqueles que se assemelham a elas*, fazem elogio ao comportamento das criancinhas. O sentido já citado é o verdadeiro, ou seja, Jesus Cristo simplesmente propôs a primeira infância como modelo de humildade.

Também pode ser que se queira manter a afirmação que eu assinalei, ou seja, que se deve batizar as crianças por que, sem serem pecadoras, elas também não são justas. Mas, Nosso Senhor não se contentou em dizer: *Não vim chamar à conversão os justos*. Continuando, como se tivesse que responder à pergunta: "Quem então o senhor veio chamar?", ele logo acrescentou: *mas sim os pecadores*[55].

Concluindo: se as crianças são justas e se não são pecadoras, em ambos os casos Nosso Senhor não veio chamá-las, pois ele disse: *Não vim chamar à conversão os justos, mas sim os pecadores.*

[55] Lucas 5: 32.

Por consequência, é inútil e, digamos, é até mesmo com um tipo de insolência e crime que se precipita ao batismo aquele que não foi chamado.

Longe de nós tal pensamento! Pelo contrário, todos são chamados pelo médico que os doentes e não os saudáveis precisam e que não veio chamar os justos e sim os pecadores, à conversão. Consequentemente, como as criancinhas não estão ainda maculadas por nenhum pecado de sua vida pessoal, é somente a doença original que a graça Daquele que as salva com o batismo da regeneração cura nelas.

Capítulo 25

Os bebês, no sacramento do batismo, se tornam penitentes e crentes.

Alguém pode questionar: “Em que sentido esses bebês são chamados à penitência? Eles podem ter então, em tão tenra idade, alguma falta para lamentar?”

Respondemos: se eles não devem ser considerados como penitentes, pela razão de que não possuem ainda a faculdade do arrependimento, eles não devem ser considerados também como fiéis, pela mesma razão também de que não possuem ainda nenhum sentimento de fé.

Mas, já que se admite, pelo contrário, que se tem razão em considerá-los fiéis, por que eles confessam, de uma certa maneira, pela boca daqueles que os levam nos braços, por que não considerá-los também como penitentes, já que, pela boca também dessas mesmas pessoas que as levam, eles manifestam sua renúncia ao demônio e ao mundo presente? A esperança realiza neles todos esses atos religiosos, em virtude do sacramento e da graça divina que o Senhor dotou sua Igreja.

Quem ignora então, enfim, que a criança perderá todo o benefício das graças que recebeu desde o berço, se, chegada à idade da razão, ela se recusar a acreditar e não evitar as concupiscências culposas?

No entanto também, se ela sair desta vida com a inocência de seu batismo, sendo partido o laço do pecado que manchou sua origem, ela obterá a perfeição da felicidade na verdadeira luz que permanece imutável para sempre e cujo brilho ilumina com a presença do Criador toda pessoa justificada.

Os pecados são os únicos muros que separam o ser humano de Deus e os pecados caem sob os golpes da graça de Jesus Cristo, o Mediador que reconcilia quando ele justifica o pecador.

Capítulo 26

Não há salvação e vida eterna fora do reino dos céus.

Aos que se aterrorizam com esta sentença do Senhor: *Quem não nascer de novo não poderá ver o Reino de Deus*[56], ele logo explica: *Quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus*[57].

Tentam conceder aos bebês, alegando inocência, a salvação e a vida eterna, mesmo que eles sejam, como não batizados, estranhos ao reino dos céus. Esta é uma pretensão estranha e perturbadora, já que ela supõe a salvação e a vida eterna fora da herança de Jesus Cristo, fora do reino dos céus.

Observe, por fim, um refúgio e como que um abrigo, de cuja proteção eles se afastam: Nosso Senhor não disse que quem não renascer da água e do Espírito não terá a vida, mas apenas que não entrará no reino dos céus. A primeira afirmação, se ele a tivesse pronunciado, não deixaria a menor dúvida possível.

Pois bem! Para eliminar a dúvida, então, escutemos somente o Senhor e não as opiniões arriscadas e especulativas de simples mortais. Sim, escutemos o Senhor mesmo nos falar; não, é verdade, desse sacramento do banho regenerador, mas do sacramento da mesa santa, em que todos só são admitidos após o batismo: *Se*

[56] João 3: 3.
[57] João 3: 5.

não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos[58].

Que temos ainda que procurar? Diante deste oráculo, que resposta é possível, a não ser que a teimosia e a mania de tudo contestar invistam contra o baluarte da evidência e da imutável verdade?[59]

Capítulo 27

O preceito eucarístico também obriga as crianças.

No entanto, há aqueles que ousarão dizer que esta última máxima não visa os bebês e que eles podem ter a vida sem a participação nesse corpo e nesse sangue de Jesus, por que o Senhor não disse: "Quem não comer", como disse sobre o batismo: *Quem não nascer de novo*, mas que ele disse: *Se não comerdes*, parecendo, portanto, se dirigir àqueles que podem ouvir e compreender, o que, certamente, é impossível para os bebês.

Apresentar esta questão é não refletir que, se nem todas as pessoas estão incluídas neste oráculo do Salvador e declaradas por ele incapazes de ter a vida fora desse sangue do Filho do homem, aqueles mesmos dentre nós que estão em uma idade mais madura

[58] João 6: 53.

[59] Não nos surpreendamos ao ver Santo Agostinho aplicar esta máxima contra os próprios bebês e a heresia pelagiana. Dois Papas __ Inocêncio I e Gelásio I __ aplicaram-na no mesmo sentido e contra os mesmos erros. O ilustre Bossuet, defendendo aqui Santo Agostinho contra as insinuações pérfidas de Ricardo Simão, prova perfeitamente que este argumento não é uma sutileza e que ele não confunde uma lei de necessidade de preceito com uma lei de necessidade de meio.

do que as crianças errariam em se preocupar com este preceito, pois, supondo que se leve em conta a intenção formal de Jesus Cristo, mas que se prenda à letra dessas palavras, seu preceito poderá muito bem parecer se dirigir exclusivamente aos ouvintes que o Senhor exortava naquele exato momento.

Ele não diz, de fato, "Quem não comer", mas, *Se não comerdes*. Mas, então, explique-se então seu linguajar na mesma passagem e sobre o mesmo assunto. Ele disse: *O pão que eu hei de dar é a minha carne para a salvação do mundo*[60].

É isto o que nos faz entender que este sacramento também visa a nós mesmos, mesmo que não fôssemos nascidos quando ele falou assim, pois, não podemos dizer que somos estranhos ao mundo, para a vida do qual o Senhor deu sua carne.

Não é indubitável que, com o termo *mundo*, são designados todos, já que seu nascimento os traz para este mundo? É neste mesmo sentido que ele diz em outro lugar: *Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento*[61].

Assim, foi para a vida dos bebês também que a carne do Senhor foi dada, já que ela foi oferecida para a vida do mundo e se eles não comerem a carne do Filho do homem, eles também não terão a vida.

---

[60] João 6: 51.
[61] Lucas 20: 34.

Capítulo 28

Os bebês não batizados são considerados não crentes, para efeito de condenação.

Daí vem também esta outra doutrina de Jesus Cristo: *O Pai ama o Filho e confiou-lhe todas as coisas. Aquele que crê no Filho tem a vida eterna. Quem não crê no Filho não verá a vida, mas sobre ele pesa a ira de Deus*[62]. Em qual destas duas categorias se colocarão as crianças: na dos que acreditam no Filho ou na dos que não acreditam nele?

Nem em uma e nem em outra, pode ser que respondam. Incapazes de acreditar, elas não devem ser consideradas incrédulas.

No entanto, a regra da Igreja não está estabelecida assim; ela considera as crianças batizadas como fiéis.

Se aqueles que são batizados são considerados crentes, pela virtude poderosa desse grande sacramento e pela sua recepção solene, mesmo que eles não façam, nem com a boca e nem com o coração, o que é preciso fazer para acreditar e para confessar sua fé, então, certamente também, aqueles aos quais faltou esse sacramento devem ser considerados como aqueles que não acreditam no Filho e, por consequência, se saem deste mundo privados dessa graça, o oráculo citado diz respeito a eles e os atinge: eles não terão a vida e a cólera de Deus recairá sobre eles.

[62] João 3: 35 e 36.

E, como está claro que eles não possuem pecados pessoais, como explicar sua perda, se não forem considerados maculados pelo pecado original?

Capítulo 29

O mistério da distribuição da graça.

O texto sagrado, sempre exato, não diz aqui: "A ira de Deus virá", mas: *sobre ele pesa a ira de Deus*. Esta é a ira, de fato, em virtude da qual todos estão sob o jugo do pecado. É a ira da qual o Apóstolo disse: *Éramos, como os outros, por natureza, verdadeiros filhos da ira divina*[63]. Nada neste mundo nos liberta dela, a não ser a graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor.

Mas, por que essa graça vem para uns e não vem para outros? A razão dessa diferença pode ser um segredo, mas não pode ser uma injustiça. *Que diremos, pois? Haverá injustiça em Deus? De modo algum!*[64]

Apenas e antes de tudo, todos devem curvar a cabeça sob os oráculos das santas escrituras, para atingir seu verdadeiro sentido pela fé e não é em vão que está escrito: *Senhor, vossos juízos são profundos como o mar*[65].

---

[63] Efésios 2: 3.
[64] Romanos 9: 14.
[65] Salmo 35: 7.

Profundos como o mar, de fato, cuja imensidão acabrunha, de alguma forma, o Apóstolo, quando ele clama: *Ó abismo de riqueza, de sabedoria e de ciência em Deus!*[66]

Ele tinha acabado de emitir uma máxima perturbadoramente profunda: *Deus encerrou a todos esses homens na desobediência para usar com todos de misericórdia*[67]. E, como que apavorado por esse abismo, ele acrescenta: *Ó abismo de riqueza, de sabedoria e de ciência em Deus! Quão impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos! Quem pode compreender o pensamento do Senhor? Quem jamais foi o seu conselheiro? Quem lhe deu primeiro, para que lhe seja retribuído? Dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele a glória por toda a eternidade! Amém*[68].

Admitamos, então, que nossa inteligência é bem estreita para questionar a justiça dos julgamentos de Deus e, sobretudo, para discutir a gratuidade da graça. Certamente que ela não é injusta com relação aos méritos anteriores, pois esses méritos não existem. No entanto, quando ela é concedida a pessoas indignas, ficamos menos impressionados do que quando a vemos recusada a outras igualmente indignas.

---

[66] Romanos 11: 33.
[67] Romanos 11: 32.
[68] Romanos 11: 32-36.

Capítulo 30

Está envolto pelo mistério da justiça de Deus os destinos diversos dos bebês.

Sobre isto eu recordo aqueles que veem uma injustiça na sorte dos bebês que saem deste mundo sem terem recebido a graça de Jesus Cristo. É necessário, eles questionam, que eles sejam privados, não apenas do reino de Deus, pois ninguém pode lá entrar sem ter sido regenerado pelo batismo, mas também da salvação e da vida eterna? Como pode ser justo que uns sejam libertados de seu pecado original e outros não, quando a condição de uns e outros é a mesma?

Pois bem! Que estes questionadores nos respondam então como, de acordo com sua própria opinião, a justiça permite que uns recebam o batismo e, através dele, a entrada no reino de Deus, enquanto que outros são excluídos dele, quando tanto os direitos de uns como dos outros são iguais?

Você está mesmo comovido pela razão misteriosa que rege a sorte dos dois grupos de crianças, marcados ambos pelo mesmo grau de mácula original, sendo que um grupo é libertado desse laço, por que lhe foi concedido o batismo, enquanto que o outro permanece acorrentado, por que uma graça parecida não lhe foi outorgada?

Então por que você não está igualmente comovido ao ver que, dos dois grupos de seres inocentes, em sua opinião, em sua origem, um recebe o batismo e pode, com este meio, entrar no reino de Deus, enquanto que o outro não o recebe e está na impossibilidade de ser admitido nesse divino reino?

Ah! Nos dois casos o clamor do Apóstolo encontra seu lugar: *Ó abismo de riqueza, de sabedoria e de ciência em Deus!*

Então me digam por que, de dois bebês recém batizados, um é *arrebatado para que a malícia lhe não corrompesse o sentimento, nem a astúcia lhe pervertesse a alma*[69] , enquanto que o outro, no entanto, um futuro ímpio, viverá. Não é verdade que, se ambos fossem levados, ambos entrariam no reino de Deus?

No entanto, em Deus não há injustiça! Por que então? Quem não ficará comovido com isso? Quem poderá reter o grito de sua alma diante de outros abismos igualmente profundos?

Sim, algumas crianças são atormentadas por espíritos impuros e outras não experimentam nada de parecido. Algumas, como Jeremias, são santificadas desde o ventre de sua mãe[70]. No entanto, todas são igualmente culpadas, se existe um pecado original e, se não, todas são igualmente inocentes!

---

[69] Sabedoria 4: 11.

[70] Jeremias 1: 5. *Antes que no seio fosses formado, eu já te conhecia. Antes de teu nascimento, eu já te havia consagrado e te havia designado profeta das nações*.

Onde encontrar a razão dessas diferenças tão profundas? Não é simplesmente por que, com relação a Deus, *impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos*?

Capítulo 31

É insustentável e inútil a opinião de que Deus estabelece a sorte da alma de acordo com o mérito de uma vida precedente.

Devemos retomar aqui uma opinião já destruída e repudiada em toda parte, que é a de que as almas já tinham pecado em uma morada celeste e foram gradativamente e por etapas ocupando os corpos que elas mesmas mereceram, sendo mais ou menos atingidas por castigos físicos, segundo seu comportamento em uma vida anterior?

Primeiramente, esta opinião recebe o desmentido mais formal nas Escrituras santas. No próprio lugar onde o texto sagrado celebra a graça, ele nos diz: *Antes mesmo que fossem nascidos e antes que tivessem feito bem ou mal algum, para que fosse confirmada a liberdade da escolha de Deus, que depende não das obras, mas daquele que chama, foi dito a Rebeca: "O mais velho servirá o mais moço"*[71].

[71] Romanos 9: 11 e 12.

Depois, mesmo que este texto fosse esquecido, os partidários da opinião contrária não escapariam das temíveis dificuldades da presente questão. Eles se veriam paralisados, enlaçados e constrangidos a clamar: *Ó abismo de riqueza, de sabedoria e de ciência em Deus!*

Como pode ser, de fato, que, uma pessoa, desde a mais tenra idade e em um grau superior, demonstre moderação, inteligência, temperança, um grande domínio de suas paixões, uma aversão à avareza, um horror pela luxúria, um ardor e uma aptidão privilegiados para todas as outras virtudes e, ao mesmo tempo, ele esteja radicado em uma região onde a graça cristã não pode chegar a ele através da pregação?

Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Porém, como invocarão Aquele em quem não têm fé? E como crerão Naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão falar, se não houver quem pregue?[72]

E como pode ser, pelo contrário, que outra pessoa, de inteligência limitada, dedicada às sua paixões, já totalmente coberta de crimes e de vergonhas, seja levada a ouvir, acreditar, a receber o batismo e depois arrebatada deste mundo ou mesmo passa a viver nele de forma santa, se for mantida nele?

[72] Romanos 10: 13 e 14.

Em que lugar estas duas pessoas acumularam méritos tão diferentes que acontece de, não digo que uma acredita e a outra não, pois aqui a vontade pessoal tem sua parte, mas que uma ouça e a outra não ouça a fé ser pregada, pois isto não está em poder do ser humano? Em que lugar, volto a perguntar, estas pessoas acumularam méritos tão opostos?

Admitamos por um instante que essas pessoas já passaram por alguma vida no céu, de sorte que seus atos lhes valeram o banimento, a queda na terra e a prisão neste ou naquele lar corpóreo, em harmonia com suas obras precedentes. Devemos acreditar pelo menos que, se uma delas viveu de forma mais pura antes de sua estadia em um corpo mortal, esta foi, sem dúvida, a primeira mencionada, já que, longe de merecer ser sobrecarregada com esta carne que é como que um pesado fardo, ela possui uma boa inteligência e se ressente de paixões menos vivas, que ela pode facilmente dominar.

No entanto, ela não mereceu ouvir a pregação da graça que pode, exclusivamente, libertar da segunda morte!

A segunda, pelo contrário, após ter acumulado um mérito tão triste lá em cima, como dizem, se veria presa em uma carne mais pesada e mais grosseira e só teria, por consequência, um coração duro e estúpido, seria derrotada pela mais ardente concupiscência e pelos mais tristes assaltos da carne e assim, aos pecados

antigos que lhe valeram a queda nessa degradação, ela acrescentaria, com a vida mais infame neste mundo, outros pecados mais detestáveis ainda. No entanto, um pecador assim teria ouvido, até mesmo na cruz, estas doces palavras: *"Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso"*[73]. Ou então, ela seria envolvida pela personalidade de um apóstolo e, convertida por sua pregação, salva pelo banho da regeneração e se confirmaria o texto: *Onde abundou o pecado, superabundou a graça*[74].

Diante destes dois exemplos, eu não vejo resposta possível, na verdade, para aqueles que pretendem defender a justiça de Deus com a ajuda de especulações puramente humanas e, ignorando as profundezas da graça, inventam um universo de fábulas absurdas.

Capítulo 32

Um episódio contra a opinião precedente.

Haveria muito a dizer sobre os maravilhosos chamados à fé, cujos exemplos lemos ou que, aliás, testemunhamos. Isso bastaria para arruinar a opinião que admite para as almas humanas uma vida anterior à existência atual em um corpo e a suposição de que elas descem de lá somente em consequência de seu comportamen-

[73] Lucas 23: 43
[74] Romanos 5: 20.

to pessoal antecedente, para experimentar neste mundo o bem ou o mal, de acordo com a diversidade de seus méritos. Mas, a necessidade de nos limitarmos neste presente escrito não nos permite insistir muito nessas ideias. No entanto, eu testemunhei um fato admirável entre nós e sobre ele não me calarei.

Suponhamos, como dizem, que as almas sejam condenadas a carregar, mais ou menos pesadamente, o peso de um corpo terrestre, de acordo com a vida que levaram em alguma região celeste, antes de sua existência corpórea. Nesta hipótese, quem terá cometido os pecados mais criminosos e mais monstruosos? Não acusaríamos todos e bem claramente as pessoas que mereceram perder a razão, essa luz da alma, a ponto de virem ao mundo em um estado próximo da animalidade? Não falo apenas daquelas que são atingidas por uma lentidão excessiva da inteligência e que são qualificadas de imbecis. Eu cito, quer dizer, eu falo desses pobres alienados que são predestinados a fazer rir nossas populações saudáveis de espírito e a diverti-las tristemente com o espetáculo de sua loucura. Aqueles, enfim, que o povo chama de *moriones*, um termo derivado do grego *moros*.

Dentre essas criaturas, no entanto, havia um homem tão cristão que, paciente ao extremo, graça à sua impressionante deficiência, quando se tratava de sofrer as injúrias que lhe dirigiam, não podia suportar injúrias feitas ao nome de Jesus Cristo ou

mesmo à religião, com sua pobre condição de deficiente. Quando ele ouvia as blasfêmias de gente supostamente sã de espírito, que se divertia em provocá-lo desta maneira, ele não deixava de persegui-los a golpes de pedradas e não poupava nem mesmo seus senhores, neste caso.

Por que tais pessoas são predestinadas e criadas assim?

Em minha opinião, é para que pessoas que podem compreender compreendam, de fato, que, na ordem da graça de Deus, desse Espírito *que sopra onde quer*[75], nenhum tipo de mente humana está excluído do conjunto dos filhos da misericórdia, como entre os filhos da perdição são encontrados todos os tipos de inteligência. Assim, é preciso que *"Quem quiser se vangloriar, vanglorie-se no Senhor"*[76].

Agora vêm aqueles que afirmam que cada uma de nossas almas, de acordo com os méritos de uma vida precedente, recebe um corpo terrestre que sobrecarrega mais uns e menos outros; que, segundo esses mesmos méritos, as inteligências humanas também são criadas diferentes, sendo umas mais vivas e outras mais grosseiras; que, enfim, sempre em proporção aos méritos de uma vida anterior, a graça divina é dispensada às pessoas que devem ser salvas.

---

[75] João 3: 8. *O vento (spiritus) sopra onde quer; ouves-lhe o ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai.*
[76] 1 Coríntios 1: 31.

Em sua hipótese, o que eles responderão com relação ao nosso pobre deficiente mental? Como lhe atribuir uma vida antecedente tão execrável que lhe teria valido um nascimento nesse estado de deficiência e, no entanto, tão meritória que lhe teria propiciado a graça de Jesus Cristo, a ponto de ele ser preferível aos mais inteligentes cristãos?

Capítulo 33

Jesus Cristo é o Salvador e Mediador até mesmo para as crianças.

Cedamos então às Santas Escrituras e concordemos com essa autoridade que não sabe enganar e nem ser enganada.

Então, como já não acreditamos que ninguém antes de nascer tenha feito qualquer bem ou qualquer mal que deve estabelecer uma diferença de mérito, evitemos de toda forma duvidar de que todos estão sujeitos ao pecado que entrou no mundo por uma só pessoa e que se transmitiu a todas as outras, sem que nenhum poder as liberte dele, a não ser *a graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor*[77].

Sim, o advento medicinal de Jesus Cristo foi uma necessidade. Não para as almas sãs, mas para as almas doentes, por que ele não veio chamar os justos, mas os pecadores. Ninguém entrará

[77] Romanos 7: 25.

em seu reino se não tiver recebido um novo nascimento na água e no Espírito Santo. Ninguém, enfim, fora de seu reino, possuirá a salvação e a vida eterna. Não entrará na vida quem não tiver comido da carne e do sangue de Jesus e quem não acreditar no Filho do homem, a ira de Deus permanecerá nele.

Até mesmo aqueles que não possuem nenhum pecado pessoal, por causa de sua idade, já contraíram o pecado original e são, por natureza, filhos da ira. Dessa ira, dessa doença, desse pecado, ninguém é libertado, a não ser pelo *Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*[78]; o médico que não veio para as pessoas saudáveis, mas para as doentes; o Salvador cuja vinda foi anunciada ao gênero humano nestes termos: *Hoje vos nasceu na Cidade de Davi um Salvador*[79]; o Redentor cujo sangue apaga nossa dívida.

Quem ousaria dizer que Jesus Cristo não é o Salvador e o Redentor das crianças? E do que ele as salva, se não encontra nelas nenhuma doença do pecado original? Como ele as resgata se elas não foram vendidas ao pecado com seu nascimento do primeiro homem?

Não vamos então, fantasiosamente, prometer às crianças nenhum tipo de salvação eterna fora do batismo de Jesus Cristo. As divinas Escrituras, que não fazem este tipo de promessa, devem ser então ter a preferência, com relação a qualquer mente humana.

[78] João 1: 29.
[79] Lucas 2: 11.

Capítulo 34

O batismo é a salvação e a eucaristia é a vida até para as crianças.

Os cristãos da África têm perfeita razão em chamar o batismo simplesmente de *salvação* e o sacramento do corpo de Jesus Cristo de *vida*.

De onde lhes veio esse costume, de fato, se não foi da tradição antiga, eu creio mesmo que apostólica, que lhes faz admitir, no fundo de suas entranhas, um dogma da Igreja de Jesus Cristo que é: ninguém pode chegar, não apenas ao reino de Deus, mas até mesmo à salvação e à vida eterna, fora do batismo e da participação na mesa do Senhor?

Isto é, afinal, o que atestam também as Escrituras, como observamos acima. De fato, chamar o batismo de salvação é acreditar no que está escrito: *Ele nos salvou mediante o batismo da regeneração e renovação*[80]. E também acreditar no que escreveu São Pedro: *Esta água* (a água do dilúvio) *prefigurava o batismo de agora, que vos salva também a vós*[81].

Por fim, chamar de vida o sacramento da mesa do Senhor é recordar as palavras de Jesus: *Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que eu*

[80] Tito 3: 5.
[81] 1 Pedro 3: 21.

hei de dar é a minha carne para a vida do mundo[82]. *Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia*[83].

Concluamos. Por um lado, os oráculos divinos, tão numerosos e tão impositivos, proclamam conjuntamente: ninguém tem o direito de esperar a salvação e a vida eterna sem o batismo, sem o corpo e sem o sangue do Senhor. Por consequência, é em vão que se ousa fazer tais promessas às crianças, sem estes meios.

Mas, por outro lado, é certo que o pecado e só o pecado separa o ser humano da vida eterna. Então, os sacramentos já citados só fazem libertar os bebês desse laço do pecado que os macula. Está escrito sobre essa mácula: "Ninguém é puro; nem mesmo a criança que não tem mais do que um dia". Daí também vem este grito do Salmista: *Eis que nasci na culpa, minha mãe concebeu-me no pecado*[84].

De fato, de duas, uma: Davi falava aqui sobre a humanidade em geral ou dele pessoalmente. Mas não, pois ele não nasceu da fornicação, mas de uma aliança legítima.

---

[82] João 6: 51. *Ego sum panis vivus, qui de cœlo descendi. Si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in æternum : et panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita*.
[83] João 6: 53 e 54.
[84] Salmo 50: 7.

Desta forma, não duvidemos de que o sangue de Jesus Cristo foi derramado até mesmo para as crianças que deveriam receber o batismo, pois esse sangue, antes de ser derramado, nos foi dado e recomendado no sacramento nestes termos bem significativos: *Isto é o meu sangue; o sangue da Nova Aliança, derramado por muitos homens em remissão dos pecados*[85].

Ora, é negar a libertação dos bebês não querer admitir seu nascimento no estado de pecado, pois, do que elas são libertadas, se não estão presas de nenhuma forma pela servidão do pecado?

Capítulo 35

Sem o batismo as crianças permanecem nas trevas do pecado.

Jesus Cristo também disse: *Eu vim como luz ao mundo; assim, todo aquele que crer em mim não ficará nas trevas*[86].

O que demonstram estas palavras do Senhor, se não é que todo aquele que não acredita nele está nas trevas e, se acredita, consegue deixar essas trevas? E, por estas trevas, podemos entender outra coisa que não seja o pecado?

Por fim, seja como for que se entenda, no mínimo, muito seguramente, aquele que não acredita em Jesus Cristo permanece nessas trevas e, certamente também, essas trevas possuem um

[85] Mateus 26: 28.
[86] João 12: 46.

caráter penal e não se parecem com aquelas da noite, tão necessárias ao repouso de todo ser vivo.

Portanto, evidentemente, os bebês, a menos que passem para a condição de crentes, através do sacramento instituído por Deus para este fim, permanecerão nas trevas.

Capítulo 36

Não há para ninguém uma iluminação fora do batismo.

Algumas pessoas consideram as crianças iluminadas, logo após seu nascimento. Elas entendem assim o que está escrito: *A verdadeira luz era aquela que ilumina todos que vem a este mundo*[87].

Mas, se é este o sentido do texto evangélico, devemos nos espantar que essas crianças sejam iluminadas pelo Filho único de Deus, por aquele que era o Verbo, Deus em Deus, desde o começo e que, no entanto, precisemos excluí-las do reino de Deus, como não sendo nem herdeiras de Deus e nem coerdeiras de Jesus Cristo. Este privilégio, de fato, só lhes é concedido pelo batismo, admitido até mesmo por aqueles que defendem esta opinião.

Depois, uma vez que elas foram iluminadas, mesmo que incapazes ainda de chegar ao reino de Deus, essas crianças deveriam receber pelo menos, com alegria e transporte, o próprio batismo.

[87] João 1: 9. *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum*.

Como então, pelo contrário, as vemos nos resistir com gritos e lágrimas?

Essa tocante ignorância dessa idade tão tenra só nos provoca piedade e, como sabemos qual é para elas a utilidade dos sacramentos, nós os conferimos com toda cerimônia, apesar de sua resistência.

Aliás, por que o Apóstolo nos recomenda que não sejamos como *crianças quanto ao modo de julgar*[88], se essas inteligências infantis já são iluminadas pela luz verdadeira que chamamos Verbo de Deus?

Capítulo 37

Só Deus é a luz.

Compreendamos bem este texto do Evangelho: *A verdadeira luz era aquela que ilumina todos que vem a este mundo*.

Ele nos ensina que ninguém recebe a luz se não for da luminosa verdade que é Deus. Este texto previne então o erro em que poderia cair aquele que se acreditasse iluminado pelo mestre humano, cujas lições é preciso escutar para se instruir. Esse mestre seria mesmo, aliás, não digo uma pessoa de gênio, mas um verdadeiro anjo do céu.

[88] 1 Coríntios 14: 20.

Sem dúvida que as palavras da verdade se utilizam do órgão físico da voz para ressoar externamente. No entanto, *nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer*[89].

O ser humano ouve essa voz humana ou angélica, mas, para sentir e para conhecer a verdade que as palavras expressam, ele sofre a irradiação interior em sua alma, da luz que permanece eternamente e sobre a qual é dito que brilha nas trevas.

Da mesma forma como a claridade do sol não chega até os cegos, mesmo que eles estejam envolvidos, se posso dizer assim, pelos seus poderosos raios, assim também a luz divina não é percebida pelas trevas da estupidez.

Capítulo 38

Nosso ser interior permanece nas trevas, sem a iluminação da fé.

Após haver dito *A verdadeira luz era aquela que ilumina todos*, o Evangelista acrescenta: *que vem a este mundo*, Por que esta adição? Esta frase incidente fez nascer, de fato, a ideia de que toda alma infantil recém-nascida, logo após sair do ventre materno recebe esse raio de luz.

[89] 1 Coríntios 3: 7.

É de se observar que no texto grego a palavra é escolhida de maneira a dizer que é a própria luz que vem ao mundo[90]. No entanto, se for preciso entender que é o homem que vem a este mundo, há, em minha opinião, duas interpretações plausíveis aqui.

Ou vemos neste incidente apenas uma frase puramente explicativa, como muitas outras nas Escrituras, que se pode excluir sem mudar em nada o sentido principal, ou então tendemos a crer que este incidente foi realmente acrescentado para formular uma ideia distinta e particular. Então, esta própria ideia é suscetível de ser compreendida de duas maneiras.

A primeira delas é que ela teria por objetivo estabelecer a diferença entre a iluminação espiritual e a iluminação física que ilumina em nós os olhos da carne com a ajuda dessas tochas acesas no céu ou qualquer outro fogo visível. Assim, para a pessoa que vem a este mundo, o Evangelho teria designado o ser interior, por que o ser interior é corpóreo como o próprio mundo. Ao escrever *A verdadeira luz era aquela que ilumina todos que vem a este mundo,* isto equivaleria a dizer: *Eu era um menino vigoroso, dotado de uma alma excelente, ou antes, como era bom, eu vim a um corpo intacto*[91].

---

[90] De fato, o particípio grego é ao mesmo tempo masculino e neutro e pode se referir tanto à palavra *phos* (luz) quanto *antrhopos* (homem). Como em francês, o particípio *venant* qualificaria igualmente bem a luz ou o homem.
[91] Sabedoria 8: 19 e 20.

Eu repito: se quisermos ver uma ideia distinta da frase principal no inciso *que ilumina todos que vem a este mundo*, entendamos como se fosse dito que ela ilumina todo ser interior, por que o ser interior, quando se torna realmente sábio, é então iluminado por Aquele que, exclusivamente, é a luz verdadeira.

Num segundo sentido, se quisermos, podemos ver nessa luz a própria razão, pela qual a alma humana deve ser chamada de racional; a razão que, mesmo que esteja escondida em um tipo de repouso e de sono, nem por isso deixa de estar gravada e como que em estado seminal nas crianças.

Foi a razão que o Evangelho quis chamar de iluminação, como sendo a criação do olho interior? Nesta hipótese, devemos concordar que, de fato, essa iluminação acontece desde que a alma é criada. Não há nada de absurdo em acreditar que ela é realizada desta forma, quando o ser humano vem a este mundo.

No entanto, se o olho já está realmente criado, ele ficará necessariamente nas trevas, se ele não chegar à fé naquele que disse: *Eu vim como luz ao mundo; assim, todo aquele que crer em mim não ficará nas trevas*[92].

Ora, este feliz efeito é produzido nos bebês pelo sacramento do batismo. Longe de duvidar disso, a Igreja, como verdadeira mãe, lhes empresta seu coração e sua boca materna para fazer com

[92] João 12: 46.

que eles recebam a impressão profunda dos sagrados mistérios. Pessoalmente, eles mesmos não podem ainda acreditar com seus corações para serem justificados e nem para confessarem com suas bocas para serem salvos. Isto não é motivo para que qualquer fiel deixe de chamá-los de fiéis, como eles mesmos e este título vem certamente da ideia de acreditar. Se eles mesmos não puderam responder, ao receberem o sacramento, outros responderam por eles.

Capítulo 39

A consciência da Igreja universal inclui também os bebês na necessidade da redenção.

Seria muito longo discutir, como acabamos de fazer, cada um dos textos sagrados. Mas, me parece útil reunir em bloco todos aqueles que possamos achar ou pelo menos que nos pareça bastar para demonstrar um ponto: a razão para o advento de Nosso Senhor Jesus Cristo em nossa carne, a causa que fez com que ele tomasse assim a forma de escravo e se tornasse obediente até à morte na cruz[93], foi unicamente a vontade de sua parte de distribuir os benefícios de sua graça infinitamente misericordiosa sobre todos aqueles dos quais ele é o chefe e guia para a conquista do

[93] Cf. Filipenses 2: 7 e 8. *Aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz.*

reino dos céus, por que estes também foram escolhidos para fazerem parte de seu corpo e serem como que seus membros.

Desta forma, ele quis vivificar, salvar, libertar, resgatar, iluminar aqueles que antes tinham pertencido ao império do demônio, príncipe do pecado, que os mantinha acorrentados pelo pecado e mesmo na morte, na estagnação, na escravidão, no cativeiro e nas trevas.

Desta forma ainda, Jesus se tornou o Mediador entre Deus e a humanidade, já que, através dele, através da paz de sua graça, se extinguem as inimizades de nossa impiedade, é feita nossa reconciliação com Deus para a vida eterna e somos arrancados da morte eterna que nos ameaçava no primeiro estado.

Quando este ponto estiver vivamente esclarecido, uma consequência surgirá: são aqueles que não podem pretender a dispensação da graça operada por sua divina humildade, que não precisaram de vida, de salvação, de libertação, de redenção e de iluminação.

Como esta graça está ligada ao batismo, no qual os membros de Jesus Cristo, ou seja, seus fiéis, devem ser sepultados primeiro para serem incorporados ao seu chefe sagrado, então, evidentemente também, o batismo não foi necessário àqueles que não precisaram deste benefício da remissão e da reconciliação que produz o Mediador.

Todos concordam que os bebês devem ser batizados e, de fato, sobre isto é impossível ir contra a autoridade da Igreja universal; autoridade que recebeu, sem dúvida do Senhor e dos Apóstolos. Então, é preciso também que todos concordem que os bebês também precisaram do nosso Mediador. Seus mesmos benefícios lhes são indispensáveis para que sejam lavados pelo sacramento e pelo amor dos fiéis, com vistas à sua incorporação ao corpo de Jesus Cristo, que é sua Igreja e, por consequência, à sua reconciliação com Deus; para que se tornem, Nele, vivos, iluminados, salvos e libertos; resgatados da morte, das trevas, dos vícios, da sujeira e da escravidão produzida pelos pecados.

Como em tal idade eles não puderam cometer nenhuma falta pessoal, resta então o pecado original.

Capítulo 40

Testemunhos evangélicos sobre a necessidade do batismo para os bebês.

Este argumento se tornará mais forte quando eu tiver reunido os textos que prometi.

Além daquele já citado: "*Não vim chamar à conversão os justos, mas sim os pecadores*"[94], que nos lembra outras palavras do Salvador, quando ele entrou na casa de Zaqueu: *"Hoje entrou*

[94] Lucas 5: 32.

a salvação nesta casa, porquanto também este é filho de Abraão. Pois o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido"[95].

Este oráculo repete claramente a parábola da ovelha perdida que o Senhor procura e encontra, após ter abandonado no deserto as noventa e nove ovelhas fiéis. Percebe-se nele a mesma alegoria da dracma perdida, enquanto que as nove outras dracmas tinham sido conservadas[96].

Jesus declara: *Era necessário que Cristo padecesse, mas que ressurgisse dos mortos ao terceiro dia. E que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém*[97].

São Marcos, no fim de seu Evangelho, atesta o mesmo mandamento do Senhor. Disse Jesus: *Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado*[98]. Quem não sabe que, para os bebês, crer é ser batizado e não crer é não ser batizado?

Já mostramos vários textos do Evangelho de São João. No entanto, observemos mais alguns.

---

[95] Lucas 19: 9 e 10.
[96] Lucas 15: 3-10.
[97] Lucas 24: 46 e 47.
[98] Marcos 16: 15 e 16.

João Batista disse de Jesus Cristo: *"Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo"*[99].

O Senhor, falando dele mesmo, pronuncia: *As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna. Elas jamais hão de perecer e ninguém as roubará de minha mão*[100]. Os bebês só começam a ser suas ovelhas com o batismo. Então, se eles tiverem a infelicidade de não receber o batismo, eles perecerão, pois não terão a vida eterna prometida às suas ovelhas.

O Senhor também diz, em outro lugar: *"Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai senão por mim"*[101].

Capítulo 41

Os testemunhos da Primeira Epístola de São Pedro.

Os Apóstolos, herdeiros desta doutrina, a proclamam com toda clareza.

Primeiramente foi São Pedro, em sua primeira epístola: *Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Na sua grande misericórdia ele nos fez renascer pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma viva esperança, para uma herança incorruptível, incontaminável e que não perde o*

[99] João 1: 29.
[100] João 10: 27 e 28.
[101] João 14: 6.

viço, reservada para vós nos céus; para vós que sois guardados pelo poder de Deus, por causa da vossa fé, para a salvação que está pronta para se manifestar nos últimos tempos[102].

E, um pouco depois, ele diz: *Que a prova a que é submetida a vossa fé (mais preciosa que o ouro perecível, o qual, entretanto, não deixamos de provar ao fogo) redunde para vosso louvor, para vossa honra e para vossa glória, quando Jesus Cristo se manifestar. Este Jesus vós o amais, sem o terdes visto; credes nele, sem o verdes ainda e isto é para vós a fonte de uma alegria inefável e gloriosa, por que vós estais certos de obter, como preço de vossa fé, a salvação de vossas almas*[103].

Ele diz a mesma coisa em outra passagem: *Vós, porém, sois uma raça escolhida, um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo adquirido para Deus, a fim de que publiqueis as virtudes daquele que das trevas vos chamou à sua luz maravilhosa*[104].

E também: *Pois também Cristo morreu uma vez pelos nossos pecados - o Justo pelos injustos - para nos conduzir a Deus*[105].

Depois, o Apóstolo lembra que na Arca de Noé oito pessoas encontraram a salvação e acrescenta: *Ele foi pregar aos espíritos que estavam detidos no cárcere. Aqueles que outrora, nos dias de Noé, tinham sido rebeldes, quando Deus aguardava com paciên-*

[102] 1 Pedro 1: 3-5.
[103] 1 Pedro 1: 7-9.
[104] 1 Pedro 2: 9.
[105] 1 Pedro 3: 18.

cia, enquanto se edificava a arca, na qual poucas pessoas, isto é, apenas oito se salvaram através da água. Esta água prefigurava o batismo de agora, que vos salva também a vós, não pela purificação das impurezas do corpo, mas pela que consiste em pedir a Deus uma consciência boa, pela ressurreição de Jesus Cristo[106].

Esta é uma salvação à qual são estranhos os bebês, condenados a permanecer na perdição e nas trevas, a menos que sejam admitidos, por adoção, ao seio do povo de Deus, confessando que Jesus Cristo, sempre justo, sofreu, no entanto, pelos injustos, para conduzi-los a Deus.

Capítulo 42

O testemunho da Primeira Epístola de São João.

A Epístola de São João me forneceu, por sua vez, os seguintes textos, que me pareceram se relacionar, necessariamente, com a questão presente.

Se, porém, andamos na luz como ele mesmo está na luz, temos comunhão recíproca uns com os outros e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado[107].

E, em outro trecho: *Aceitamos o testemunho dos homens. Ora, maior é o testemunho de Deus, por que se trata do próprio*

[106] 1 Pedro 3: 19-21.
[107] 1 João 1: 7.

testemunho de Deus, aquele que ele deu do seu próprio Filho. Aquele que crê no Filho de Deus tem em si o testemunho de Deus. Aquele que não crê em Deus, o faz mentiroso, por que não crê no testemunho que Deus deu a respeito de seu Filho. E o testemunho é este: Deus nos deu a vida eterna e esta vida está em seu Filho. Quem possui o Filho possui a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida[108].

Assim, as crianças não serão privadas somente do reino dos céus, mas da própria vida, se elas não possuírem o Filho e, certamente também, elas não podem ter o Filho se não receberem o batismo estabelecido por ele.

Outra passagem declara no mesmo sentido que *Eis por que o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do demônio*[109].

Portanto, as crianças não terão nenhuma participação na graça desse advento do Filho de Deus, se ele não destruir nelas as obras do diabo.

[108] 1 João 5: 9-12.
[109] 1 João 3: 8.

Capítulo 43

O testemunho de São Paulo, em sua Epístola aos Romanos.

Observemos agora, sobre este ponto essencial, os testemunhos do apóstolo São Paulo, que são tão numerosos que ele escreveu mais cartas do que qualquer dos outros apóstolos e que foi, aliás, levado particularmente a defender a graça de Deus contra as pessoas que glorificavam suas próprias obras, pois, *Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*[110].

Citemos primeiramente a Epístola aos Romanos.

Sem o concurso da Lei, manifestou-se a justiça de Deus, atestada pela Lei e pelos profetas. Esta é a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo, para todos os fiéis (pois não há distinção; com efeito, todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus) e são justificados gratuitamente por sua graça. Esta é a obra da redenção, realizada em Jesus Cristo. Deus o destinou para ser, pelo seu sangue, vítima de propiciação mediante a fé. Assim, ele manifesta a sua justiça; por que no tempo de sua paciência, ele havia deixado sem castigo os pecados anteriores. Assim, digo eu,

[110] Romanos 10: 3.

ele manifesta a sua justiça no tempo presente, exercendo a justiça e justificando aquele que tem fé em Jesus[111].

A mesma doutrina aparece em outra passagem: *O salário não é gratificação, mas uma dívida ao trabalhador. Mas aquele que, sem obra alguma, crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada em conta de justiça. É assim que Davi proclama bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente das obras: "Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades foram perdoadas e cujos pecados foram cobertos! Bem-aventurado o homem ao qual o Senhor não imputou o seu pecado"*[112].

E, pouco depois: *Não é só para ele* (Abraão) *que está escrito que a fé lhe foi imputada em conta de justiça. É também para nós, pois a nossa fé deve ser-nos imputada igualmente, por que cremos naquele que dos mortos ressuscitou Jesus, nosso Senhor, o qual foi entregue por nossos pecados e ressuscitado para a nossa justificação*[113].

E também: *Quando éramos ainda fracos, Cristo a seu tempo morreu pelos ímpios*[114].

E ainda: *Sabemos, de fato, que a Lei é espiritual, mas eu sou carnal, vendido ao pecado. Não entendo absolutamente minhas*

---

[111] Romanos 3: 21-26.
[112] Romanos 4: 4-8.
[113] Romanos 4: 23-25.
[114] Romanos 5: 6.

ações, pois não faço o bem que quero, mas, o mal que odeio, isso eu faço. E, se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa. Mas, então, não sou eu que o faço, mas o pecado que em mim habita. Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem, por que o querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo. Não faço o bem que quereria, mas o mal que não quero. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita. Encontro, pois, em mim esta lei: quando quero fazer o bem, o que se me depara é o mal. Deleito-me na Lei de Deus, no íntimo do meu ser. Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a Lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros. Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor![115]

E há aqueles que afirmam que o ser humano não nasce com um corpo de morte! É preciso chegar a isso, para poder afirmar que a graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor não é necessária para nos livrar desse corpo de morte.

O Apóstolo logo acrescenta, no mesmo sentido: *O que era impossível à Lei, visto que a carne a tornava impotente, Deus o*

[115] Romanos 7: 14-25.

fez. Enviando, por causa do pecado, o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, condenou o pecado na carne[116].

Defendam aqui, quem tiver coragem, a necessidade de Jesus Cristo nascer em uma carne semelhante a do pecado, se nós mesmos não nascemos numa carne de pecado!

Capítulo 44

O testemunho de São Paulo nas Epístolas aos Coríntios.

O mesmo discurso aos coríntios: *Eu vos transmiti primeiramente o que eu mesmo havia recebido: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras*[117].

O mesmo ensinamento aparece nas Segunda Epístola aos Coríntios: *O amor de Cristo nos constrange, considerando que, se um só morreu por todos, logo todos morreram. Sim, ele morreu por todos, a fim de que os que vivem já não vivam para si, mas para aquele que por eles morreu e ressurgiu. Por isso, nós daqui em diante a ninguém conhecemos de um modo humano. Muito embora tenhamos considerado Cristo dessa maneira, agora já não o julgamos assim. Todo aquele que está em Cristo é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se fez novo! Tudo isso vem de Deus, que nos reconciliou consigo, por Cristo e*

[116] Romanos 8: 3.
[117] 1 Coríntios 15: 3.

nos confiou o ministério desta reconciliação. Por que é Deus que, em Cristo, reconciliava consigo o mundo, não levando mais em conta os pecados dos homens e pôs em nossos lábios a mensagem da reconciliação. Portanto, desempenhamos o encargo de embaixadores em nome de Cristo e é Deus mesmo que exorta por nosso intermédio. Em nome de Cristo vos rogamos: reconciliai-vos com Deus! Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus[118].

Na qualidade de colaboradores seus, exortamo-vos a que não recebais a graça de Deus em vão. Pois ele diz: "Eu te ouvi no tempo favorável e te ajudei no dia da salvação". Agora é o tempo favorável, agora é o dia da salvação[119].

Se as crianças estão absolutamente excluídas dessa reconciliação e dessa salvação, por que chamá-las com interessado afeto ao batismo de Jesus Cristo? E se elas são admissíveis a ele, é por que estão incluídas no conjunto dos seres mortos, para os quais Jesus quis morrer. Elas não podem ser assim reconciliadas e salvas, se Jesus não lhes perdoar seus pecados e deixar de imputar-lhes.

[118] 2 Coríntios 5: 14-21.
[119] 2 Coríntios 6: 1 e 2.

Capítulo 45

O testemunho de São Paulo na Epístola aos Gálatas.

A mesma doutrina para os gálatas: *A vós, graça e paz da parte de Deus, nosso Pai e da parte do Senhor Jesus Cristo, que se entregou por nossos pecados, para nos libertar da perversidade do mundo presente, segundo a vontade de Deus, nosso Pai*[120].

E, em outra passagem: *Então que é a Lei? É um complemento ajuntado em vista das transgressões, até que viesse a descendência a quem fora feita a promessa; foi promulgada por anjos, passando por um intermediário. Mas não há intermediário, tratando-se de uma só pessoa e Deus é um só. Portanto, é a Lei contrária às promessas de Deus? De nenhum modo. Se fosse dada uma lei que pudesse vivificar, em verdade a justiça viria pela lei; mas a Escritura encerrou tudo sob o império do pecado, para que a promessa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem*[121].

Capítulo 46

O testemunho de São Paulo na Epístola aos Efésios.

Citemos também as palavras aos efésios: *E vós outros estáveis mortos por vossas faltas, pelos pecados que cometestes ou-*

[120] Gálatas 1: 3 e 4.
[121] Gálatas 3: 19-22.

trora seguindo o modo de viver deste mundo, do príncipe das potestades do ar, do espírito que agora atua nos rebeldes. Também todos nós éramos deste número quando outrora vivíamos nos desejos carnais, fazendo a vontade da carne e da concupiscência. Éramos, como os outros, por natureza, verdadeiros filhos da ira (divina). Mas Deus, que é rico em misericórdia, impulsionado pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em consequência de nossos pecados, deu-nos a vida juntamente com Cristo, - pela graça de quem fostes salvos! -, juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus, com Cristo Jesus[122].

Logo ele acrescenta: *É gratuitamente que fostes salvos mediante a fé. Isto não provém de vossos méritos, mas é puro dom de Deus. Não provém das obras, para que ninguém se glorie. Somos obra sua, criados em Jesus Cristo para as boas ações, que Deus, de antemão, preparou para que nós as praticássemos*[123].

O Apóstolo continua: *Lembrai-vos de que naquele tempo estáveis sem Cristo, sem direito da cidadania em Israel, alheios às alianças, sem esperança da promessa e sem Deus, neste mundo. Agora, porém, graças a Jesus Cristo, vós que antes estáveis longe, vos tornastes presentes, pelo sangue de Cristo. Por que é ele a nossa paz, ele que de dois povos fez um só, destruindo o muro de*

[122] Efésios 2: 1-6.
[123] Efésios 2: 8-10.

inimizade que os separava, abolindo na própria carne a Lei, os preceitos e as prescrições. Desse modo, ele queria fazer em si mesmo dos dois povos uma única humanidade nova pelo restabelecimento da paz e reconciliá-los ambos com Deus, reunidos num só corpo pela virtude da cruz, aniquilando nela a inimizade. Veio para anunciar a paz a vós que estáveis longe e a paz também àqueles que estavam perto; porquanto é por ele que ambos temos acesso junto ao Pai num mesmo espírito[124].

Ele diz também em outro lugar: *Renunciai à vida passada, despojai-vos do homem velho, corrompido pelas concupiscências enganadoras. Renovai sem cessar o sentimento da vossa alma, e revesti-vos do homem novo, criado à imagem de Deus, em verdadeira justiça e santidade*[125].

E ele diz também: *Não contristeis o Espírito Santo de Deus, com o qual estais selados para o dia da Redenção*[126].

Capítulo 47

O testemunho de São Paulo na Epístola aos Colossenses.

Vejam as mesmas palavras dirigidas, aos colossenses: *Sede contentes e agradecidos ao Pai, que vos fez dignos de participar*

[124] Efésios 2: 12-18.
[125] Efésios 4: 22-24.
[126] Efésios 4: 30.

da herança dos santos na luz. Ele nos arrancou do poder das trevas e nos introduziu no Reino de seu Filho muito amado, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados[127].

E, em outra passagem: *Nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade. Tendes tudo plenamente nele, que é a cabeça de todo principado e potestade. Nele também fostes circuncidados com circuncisão não feita por mão de homem, mas com a circuncisão de Cristo, que consiste no despojamento do nosso ser carnal. Sepultados com ele no batismo, com ele também ressuscitastes por vossa fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos. Mortos pelos vossos pecados e pela incircuncisão da vossa carne, chamou-vos novamente à vida em companhia com ele. É ele que nos perdoou todos os pecados, cancelando o documento escrito contra nós, cujas prescrições nos condenavam. Aboliu-o definitivamente, ao encravá-lo na cruz. Espoliou os principados e potestades e os expôs ao ridículo, triunfando deles pela cruz*[128].

[127] Colossenses 1: 12-14.
[128] Colossenses 2: 9-15.

Capítulo 48

O testemunho de São Paulo na Epístola a Timóteo.

Ele escreve a Timóteo: *Eis uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé: Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro. Se encontrei misericórdia, foi para que em mim primeiro Jesus Cristo manifestasse toda a sua magnanimidade e eu servisse de exemplo para todos os que, a seguir, nele crerem, para a vida eterna*[129].

Ele também diz: *Por que há um só Deus e há um só mediador entre Deus e os seres humanos: Jesus Cristo; humano que se entregou como resgate por todos. Tal é o fato, atestado em seu tempo*[130].

Na segunda carta escrita ao mesmo Timóteo, lemos: *Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, seu prisioneiro, mas sofre comigo pelo Evangelho, fortificado pelo poder de Deus. Deus nos salvou e chamou para a santidade, não em atenção às nossas obras, mas em virtude do seu desígnio, da graça que desde a eternidade nos destinou em Cristo Jesus e agora nos manifestou mediante a aparição de nosso Sal-*

[129] 1 Timóteo 1: 15 e 16.
[130] 1 Timóteo 2: 5 e 6.

vador Jesus Cristo, que destruiu a morte e suscitou a vida e a imortalidade, pelo Evangelho[131].

Capítulo 49

O testemunho de São Paulo na Epístola a Tito.

Ele escreveu a Tito: *Na expectativa da nossa esperança feliz, a aparição gloriosa de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo, que se entregou por nós, a fim de nos resgatar de toda a iniquidade, nos purificar e nos constituir seu povo de predileção, zeloso na prática do bem*[132].

E, em outra passagem: *Um dia apareceu a bondade de Deus, nosso Salvador e o seu amor para com os homens. E, não por causa de obras de justiça que tivéssemos praticado, mas unicamente em virtude de sua misericórdia, ele nos salvou mediante o batismo da regeneração e renovação, pelo Espírito Santo, que nos foi concedido em profusão, por meio de Cristo, nosso Salvador, para que a justificação obtida por sua graça nos torne, em esperança, herdeiros da vida eterna*[133].

---

[131] 2 Timóteo 1: 8-10.
[132] Tito 2: 13 e 14.
[133] Tito 3: 4-7.

Capítulo 50

O testemunho de São Paulo na Epístola aos Hebreus.

A carta aos hebreus deve nos dar também aqui sua contribuição. Mesmo que alguns a vejam como duvidosa[134], ela foi invocada em apoio a opinião contrária à nossa, na questão do batismo dos bebês e eu mesmo li suas afirmações neste sentido.

Aliás, eu me decido de bom grado por reconhecer essa carta como autêntica, por causa da autoridade das Igrejas do Oriente, que a colocam entre os livros canônicos.

Vejamos então alguns textos impactantes que estão a nosso favor: *Muitas vezes e de diversos modos outrora falou Deus aos nossos pais pelos profetas. Ultimamente nos falou por seu Filho, que constituiu herdeiro universal, pelo qual criou todas as coisas. Esplendor da glória (de Deus) e imagem do seu ser, sustenta o universo com o poder da sua palavra. Depois de ter realizado a purificação dos pecados, está sentado à direita da Majestade no mais alto dos céus*[135].

Ele continua, logo depois: *A palavra anunciada por intermédio dos anjos era a tal ponto válida, que toda transgressão ou desobediência recebeu o justo castigo. Como, então, escaparemos*

---

[134] A Epístola aos Hebreus ainda era um pouco questionável entre os latinos, como atesta São Jerônimo em muitos lugares.
[135] Hebreus 1: 1-3.

nós se agora desprezarmos a mensagem tão sublime da salvação, anunciada primeiramente pelo Senhor e depois confirmada pelos que a ouviram[136].

E, em outro trecho: *Como os filhos participam da mesma natureza, da mesma carne e do sangue, também ele participou, a fim de destruir pela morte aquele que tinha o império da morte, isto é, o demônio e libertar aqueles que, pelo medo da morte, estavam toda a vida sujeitos a uma verdadeira escravidão. Veio em socorro, não dos anjos e sim da raça de Abraão e por isso convinha que ele se tornasse em tudo semelhante aos seus irmãos, para ser um pontífice compassivo e fiel no serviço de Deus, capaz de expiar os pecados do povo*[137].

E, em outro lugar: *Temos, portanto, um grande Sumo Sacerdote que penetrou nos céus, Jesus, Filho de Deus. Conservemos firme a nossa fé. Por que não temos nele um pontífice incapaz de compadecer-se das nossas fraquezas. Ao contrário, passou pelas mesmas provações que nós, com exceção do pecado*[138].

E, em outra passagem: Jesus, *por que vive para sempre, possui um sacerdócio eterno. É por isso que lhe é possível levar a termo a salvação daqueles que por ele vão a Deus, por que vive sempre para interceder em seu favor. Tal é, com efeito, o Pontífi-*

[136] Hebreus 2: 2 e 3.
[137] Hebreus 2: 14-17.
[138] Hebreus 4: 14 e 15.

ce que nos convinha: santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e elevado além dos céus, que não tem necessidade, como os outros sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro pelos pecados próprios, depois pelos do povo; pois isto o fez de uma só vez para sempre, oferecendo-se a si mesmo[139].

E, numa última passagem: *Cristo entrou, não em santuário feito por mãos de homens, que fosse apenas figura do santuário verdadeiro, mas no próprio céu, para agora se apresentar intercessor nosso ante a face de Deus. E não entrou para se oferecer muitas vezes a si mesmo, como o pontífice que entrava todos os anos no santuário para oferecer sangue alheio. Do contrário, lhe seria necessário padecer muitas vezes desde o princípio do mundo; quando é certo que apareceu uma só vez ao final dos tempos para destruição do pecado pelo sacrifício de si mesmo. Como está determinado que os homens morram uma só vez e logo em seguida vem o juízo, assim Cristo se ofereceu uma só vez para tomar sobre si os pecados da multidão e aparecerá uma segunda vez, não porém em razão do pecado, mas para trazer a salvação àqueles que o esperam*[140].

[139] Hebreus 7: 24-27.
[140] Hebreus 9: 24-28.

Capítulo 51

O testemunho do Apocalipse

O Apocalipse de São João também atesta que, entre outros louvores ofertados a Jesus Cristo em um cântico novo, lhe é dirigido este: *Tu és digno de receber o livro e de abrir-lhe os selos, por que foste imolado e resgataste para Deus, ao preço de teu sangue, homens de toda tribo, língua, povo e raça*[141].

Capítulo 52

O testemunho do livro sobre os Atos dos Apóstolos.

Da mesma forma também, nos Atos dos Apóstolos, o apóstolo São Pedro declara que Jesus é o iniciador da vida e censura os judeus, nestes termos, pela morte cruel do Salvador: *Vós renegastes o Santo e o Justo e pedistes que se vos desse um homicida. Matastes o Príncipe da vida*[142].

E, em outra passagem: *Esse Jesus, pedra que foi desprezada por vós, edificadores, tornou-se a pedra angular. Em nenhum outro há salvação, por que debaixo do céu nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual devamos ser salvos*[143].

---

[141] Apocalipse 5: 9.
[142] Atos 3: 14 e 15.
[143] Atos 4: 11 e 12.

E ainda: *O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, que vós matastes, suspendendo-o num madeiro. Deus elevou-o pela mão direita como Príncipe e Salvador, a fim de dar a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados*[144].

E em outro trecho: *Dele todos os profetas dão testemunho, anunciando que todos os que nele creem recebem o perdão dos pecados por meio de seu nome*[145].

São Paulo tem o mesmo discurso neste livro apostólico: *Sabei, pois, irmãos, que por ele se vos anuncia a remissão dos pecados. Todo aquele que crê é justificado por ele de tudo aquilo que não pôde ser pela Lei de Moisés*[146].

Capítulo 53

O testemunho implícito do Antigo Testamento.

Diante dessa quantidade impressionante de testemunhos, qual é o orgulhoso revoltado contra a verdade divina que não se sente esmagado? Poderíamos ainda encontrar outros numerosos textos, se a razão não nos impusesse um dever também de pensar em terminar o presente tratado.

Aliás, eu achei inútil, inicialmente, trazer, em apoio à minha doutrina, uma quantidade grande de provas dos livros do Antigo

[144] Atos 5: 30 e 31.
[145] Atos 10: 43.
[146] Atos 13: 38 e 39.

Testamento. As verdades encontradas ali estão como que cobertas por um véu, sob promessas aparentemente terrenas, enquanto que seu brilho se revela no Novo Testamento.

No entanto, o próprio Senhor, em uma só palavra, nos demonstrou a utilidade desses livros da antiga aliança. Ele disse que foi preciso que se cumprisse tudo o que foi escrito sobre ele, a Lei, os Profetas e os Salmos. E esses fatos, que deviam acontecer infalivelmente, eram precisamente a paixão de Cristo, sua ressurreição no terceiro dia e a pregação em seu nome da penitência e da remissão dos pecados para todos os povos, começando por Jerusalém[147].

No mesmo sentido, as palavras de São Pedro, que relatei há pouco, declaram que todos os Profetas dão seu testemunho ao Messias e afirmam que todo aquele que crer nele recebe a remissão de seus pecados.

Capítulo 54

Alguns testemunhos explícitos do Antigo Testamento.

Será valioso, no entanto, tirar alguns textos do Antigo Testamento. Isto será como que um suplemento às nossas provas ou, se preferir, um tipo de coroamento ao nosso pio edifício.

[147] Cf. Lucas 24: 44-47.

Primeiramente vejamos como o próprio Senhor se expressa, em um Salmo, através da boca do Profeta: *Quão admirável tornou Deus o meu afeto para com os santos que estão em sua terra*[148].

Meu afeto, ele diz e não seus méritos, pois, o que poderiam ser suas obras, se não for o que dizem suas palavras seguintes no mesmo trecho: *Suas enfermidades se multiplicaram*[149].

Além das enfermidades, *Sobreveio a Lei para que abundasse o pecado*[150].

E o que aconteceu em seguida? *Eles se apressaram*[151]. Multiplicadas as enfermidades, ou seja, proliferado o pecado entre eles, eles se apressaram mais vivamente na procura pelo médico, para que, abundando o pecado, superabundasse também a graça.

E o Messias continua: *Não reunirei mais suas assembleias para nelas derramar sangue*[152], por que, de fato, essa enorme quantidade de sacrifícios sangrentos, no primeiro período em que se reuniam no tabernáculo ou no templo, mais que demonstrava neles o pecado, do que os apagava. Houve somente um sangue derramado, depois de tantos e que foi capaz de purificar todos verdadeiramente.

---

[148] Salmo 15: 3.
[149] Salmo 15: 4. *Multiplicatæ sunt infirmitates eorum*.
[150] Romanos 5: 20.
[151] Salmo 15: 4. *: Postea acceleraverunt.*
[152] Salmo 15: 4. *Non congregabo conventicula eorum de sanguinibus*.

Por fim, o Senhor termina: *Meus lábios jamais pronunciarão o nome deles*[153], por que eles serão renovados.

Seus antigos nomes eram: filhos da carne, filhos do mundo, filhos da cólera, filhos do demônio, impuros, pecadores, ímpios. Depois de sua reconciliação, eles se tornaram *filhos de Deus*; um nome novo que eles adquiriram com um Novo Testamento. Um ser humano novo que canta um cântico novo.

Essa graça de Deus não deve encontrar nenhum ingrato. *Pequenos e grandes*[154], menores e maiores, devem ser reconhecedores.

É ainda a Igreja inteira que lança este grito: *Ando errante como ovelha tresmalhada*[155]. São todos os membros de Jesus Cristo que clamam em coro: *Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas e seguíamos cada qual nosso caminho; o Senhor fazia recair sobre ele o castigo das faltas de todos nós*[156]. *Ele foi castigado por nossos crimes e esmagado por nossas iniquidades; o castigo que nos salva pesou sobre ele; fomos curados graças às suas chagas*[157].

---

[153] Salmo 15: 4. *Nec memor ero nominum eorum per labia mea*.
[154] Apocalipse 19: 5.
[155] Salmo 118: 176.
[156] Isaías 53: 6.
[157] Isaías 53: 5.

Esta última passagem é lida em Isaías. Foi por ter ouvido sua explicação, através do discípulo São Filipe, que o eunuco da rainha Candace acreditou em Jesus Cristo[158].

Observe o quanto o Profeta insiste no ponto que tratamos e como ele parece querer inculcá-lo, com numerosas repetições, em alguém orgulhoso e contestador.

Ele diz:

Era desprezado, era a escória da humanidade, homem das dores, experimentado nos sofrimentos; como aqueles, diante dos quais se cobre o rosto, era amaldiçoado e não fazíamos caso dele.

Em verdade, ele tomou sobre si nossas enfermidades e carregou os nossos sofrimentos e nós o reputávamos como um castigado, ferido por Deus e humilhado.

Mas ele foi castigado por nossos crimes e esmagado por nossas iniquidades; o castigo que nos salva pesou sobre ele; fomos curados graças às suas chagas.

Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas, seguíamos cada qual nosso caminho; o Senhor fazia recair sobre ele o castigo das faltas de todos nós.

Foi maltratado e resignou-se; não abriu a boca, como um cordeiro que se conduz ao matadouro e uma ovelha muda nas mãos do tosquiador. (Ele não abriu a boca.)

---

[158] Cf. Atos 8: 27-39.

Por um iníquo julgamento foi arrebatado. Quem pensou em defender sua causa, quando foi suprimido da terra dos vivos, morto pelo pecado de meu povo?

Foi-lhe dada sepultura ao lado de facínoras e ao morrer achava-se entre malfeitores, se bem que não haja cometido injustiça alguma e em sua boca nunca tenha havido mentira.

Mas aprouve ao Senhor esmagá-lo pelo sofrimento; se ele oferecer sua vida em sacrifício expiatório, terá uma posteridade duradoura, prolongará seus dias e a vontade do Senhor será por ele realizada.

Após suportar em sua pessoa os tormentos, alegrar-se-á de conhecê-lo até o enlevo. O Justo, meu Servo, justificará muitos homens e tomará sobre si suas iniquidades.

Eis por que lhe darei parte com os grandes e ele dividirá a presa com os poderosos, por que ele próprio deu sua vida e deixou-se colocar entre os criminosos, tomando sobre si os pecados de muitos homens e intercedendo pelos culpados[159].

Observe também a passagem do mesmo Profeta em que Jesus, fazendo o ofício de leitor em plena sinagoga, quis citar publicamente e perfeitamente cumpriu: *O espírito do Senhor repousa sobre mim, por que o Senhor consagrou-me pela unção; enviou-*

[159] Isaías 53: 3-12.

me a levar a boa nova aos humildes, curar os corações doloridos, anunciar aos cativos a redenção e aos prisioneiros a liberdade[160]

Ah, reconheçamos todos esse Salvador! Sim, sem nenhuma exceção entre nós que queremos nos prender intimamente ao seu corpo e por ele entrar em seu aprisco. Eu repito: reconheçamos nele o Salvador que não cometeu nenhum pecado, mas que carregou em seu corpo e na madeira infame os pecados de todos nós, para que, então separados do pecado, vivêssemos para a justiça; aquele cujas chagas nos curaram, quando estávamos enfermos e semelhantes a ovelhas desgarradas[161].

Capítulo 55

Jesus Cristo é indispensável a todos.

Sendo assim, a verdadeira fé e a santa doutrina jamais admitiram que algum daqueles que vieram a Jesus Cristo pelo batismo deixaram de precisar dessa graça da remissão dos pecados e nem que alguém possa, fora do seu reino, obter a vida eterna.

Esta é a salvação que Deus preparou para revelar nos últimos tempos[162], ou seja, na ressurreição dos mortos, desde que eles

---

[160] Isaías 61: 1 e Lucas 4: 16-21.

[161] Cf. 1 Pedro 2: 24 e 25. *Carregou os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro, para que, mortos aos nossos pecados, vivamos para a justiça. Por fim, por suas chagas fomos curados. Porque éreis como ovelhas desgarradas, mas agora retornastes ao Pastor e guarda das vossas almas*.

[162] Cf. 1 Pedro 1: 5. *Vós que sois guardados pelo poder de Deus, por causa da vossa fé, para a salvação que está pronta para se manifestar nos últimos tempos*.

não pertençam à morte eterna, que as Escrituras chamam de segunda morte, mas à vida eterna que Deus, incapaz de mentir, promete aos seus santos e fiéis servidores. Todos os que tomarão parte dessa vida eterna deverão ter recebido a vida unicamente de Jesus Cristo, como todos receberam de Adão a morte[163].

Da mesma forma como, de fato, todos absolutamente, cuja geração é devida à vontade da carne, só morrem em Adão, em quem todos pecaram, assim também, dentre os mortos, todos aqueles absolutamente cuja geração é devida à vontade do espírito, só são vivificados em Jesus Cristo, em quem todos são justificados. De um lado, todos chegam à condenação por um só e, por outro lado, todos chegam à justificação por um só[164].

Não há para ninguém um lugar intermediário onde não se possa estar com o demônio e nem estar com Jesus Cristo. Esta é uma ideia que o Senhor quis arrancar de todos os corações ou a fé ficaria deturpada. É nela que, em alguns meios e por algumas pessoas, se quer enquadrar as crianças mortas sem o batismo, alegando que sua inocência é um tipo de mérito que lhes garantiria a vida eterna, mas que a privação do batismo as impedira de estar com Jesus Cristo em seu reino. Ele mesmo pronunciou esta sen-

[163] Cf. 1 Coríntios 15: 22. 22. *Assim como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos reviverão*.

[164] Cf. Romanos 15: 18. *Como pelo pecado de um só a condenação se estendeu a todo o gênero humano, assim, por um único ato de justiça, recebe todo o gênero humano a justificação que dá a vida*.

tença que lhes fecha a boca: *Quem não está comigo está contra mim*[165].

Agora, apresente-nos qualquer criança que você quiser; se ela já está com Jesus Cristo, por que você a batiza? Se, pelo contrário, de acordo com a doutrina da verdade, batiza-se precisamente para que ela esteja com Jesus Cristo, então, evidentemente, aquele que não é batizado não está também com Jesus Cristo, pois não podemos anular ou comutar uma sentença tão manifesta do Senhor.

Mas, como ela está contra Jesus Cristo, se não é pelo pecado, já que não pode ser pelo seu corpo e nem por sua alma, sendo um e outra criados por Deus? E, se é pelo pecado, qual é ele em tão tenra idade, se não é uma falta original e antiga?

Só há uma carne de pecado na qual todos vem a este mundo, para a danação e só há também uma carne que assumiu a semelhança de pecado e pela qual todos são libertados da danação.

Todavia, o termo *todos* não foi usado para dar a entender que aqueles que nascem na carne de pecado sejam todos identicamente purificados por essa outra carne que assumiu a semelhança com a carne de pecado, pois, *nem todos possuem a fé*[166].

A verdade então é que todos aqueles que devem a vida à geração advinda de um casamento carnal, nascem em uma carne de

[165] Mateus 12: 30.
[166] 2 Tessalonicenses 3: 2.

pecado. E todos aqueles que, pelo contrário, devem a vida à geração advinda de um casamento espiritual, são purificados pela carne que assumiu a semelhança de nossa carne pecadora.

Uma comparação esclarecerá nosso pensamento. Suponhamos que uma cidade possua somente uma parteira, que esteja a serviço de todos os moradores e somente também um mestre das letras, que dá, da mesma forma, seu ensinamento a todos.

O termo *todos* só poderá ser entendido, no primeiro caso, àqueles que nascem e, no segundo caso, àqueles que recebem o ensinamento. No entanto, nem todos aqueles que nascem vão à escola. Mas vemos claramente a precisão do termo *todos* nos dois casos. A parteira está realmente a serviço de todos, já que nenhum habitante dessa cidade nasce fora de suas mãos. E o professor dá a todos seu ensinamento, já que ninguém dessa cidade é instruído a não ser por ele.

Capítulo 56

A conclusão de tantos testemunhos.

Se pesamos bem as divinas palavras, sejam aquelas em todos os textos que discuti particularmente, sejam naqueles que agrupei em um conjunto relevante, sejam ainda em todos aqueles que vão no mesmo sentido e que eu não mencionei, só se encontrará absolutamente esta ideia, ensinada pela Igreja Católica, que

tem a missão de velar contra *as novidades profanas*[167]. Portanto, todos estão separados de Deus, exceto aqueles que, por Jesus Cristo mediador, são reconciliados com Deus.

Os pecados aliás, são os únicos obstáculos que podem criar essa separação e, portanto, a remissão dos pecados é o único meio de reconciliação e essa remissão se opera unicamente através da graça do Salvador infinitamente misericordioso e vítima que condescendeu se oferecer ao Sacerdote mais verdadeiro.

Desta forma, todos os filhos da mulher que acreditou nas palavras da serpente, a ponto de ceder aos apetites corrompidos da carne[168], só são libertados do corpo de morte pelo Filho da Virgem que acreditou nas palavras do Anjo, a ponto de merecer uma gravidez sem a ação da carne[169].

Capítulo 57

Descrição do pecado original contra o pano de fundo da concupiscência carnal.

Também o bem, o direito do matrimônio não consiste no ardor da concupiscência, mas em uma certa maneira de usar esse ardor da concupiscência, com toda honra e segundo a Lei, fazen-

[167] Cf. 1 Timóteo 6: 20. *Ó Timóteo, guarda o bem que te foi confiado! Evita as conversas frívolas e as novidades profanas (**devitans profanas vocum novitates**), assim como as contradições de pretensa ciência.*
[168] Cf. Gênesis 3: 1-6.
[169] Cf. Lucas 1: 26-38.

do-a útil à propagação da família e não à satisfação de uma paixão grosseira. Essa nobre vontade faz o casamento e não a outra e ignóbil volúpia.

Há então em nosso corpo mortal um princípio que se move em nossos membros com desobediência, se esforça para degradar nosso coração e atraí-lo totalmente para ele, não se exalta sempre que nossa alma o deseja e que não deixa também de agir, apesar de nossa vontade. Esse princípio é o mal do pecado, no qual toda pessoa vem ao mundo.

Mas, ao não se dedicar a atos ilícitos de corrupção, ao se permitir somente reparar, através da honesta propagação da espécie, as perdas que esta sofre todos os dias, esse princípio se transforma no bem do matrimônio, ao qual toda pessoa deve a vida em toda sociedade bem organizada. Aliás, ninguém renasce no corpo inocente de Jesus Cristo sem antes ter nascido no corpo de pecado.

Observe agora que usar mal um bem é um pecado, da mesma forma como usar bem o mal é uma virtude. Assim, estas duas ideias: o bem e o mal e estas duas outras: o bom uso e o mau uso de uma coisa, ao se unirem, geram quatro tipos de ações diferentes.

Por exemplo, dedicar a Deus a continência é um bom uso de um bem. Pelo contrário, dedicá-la a um ídolo é um mau uso de um bem.

Da mesma forma também, quem satisfaz sua concupiscência através do adultério faz mau uso de um mal. Quem restringe sua concupiscência com o matrimônio faz um bom uso de um mal.

Como então o bom uso de um bem é mais louvável ainda do que o bom uso de um mal, mesmo que haja virtude nos dois casos, conclui-se que: *aquele que casa a sua filha faz bem e aquele que não a casa, faz ainda melhor*[170].

Mas, na medida em que Deus me concedeu a graça e na medida de minhas frágeis forças, eu tratei mais extensamente e mais convenientemente destas questões em dois livros: um sobre **O bem do casamento** e outro sobre **A santa virgindade**.

Deixe, portanto, deixe de fazer apologia da concupiscência, como se ela fosse o bem do casamento, você que exalta a carne e o sangue do primeiro prevaricador contra a carne e o sangue do Redentor. Deixe de se orgulhar com o erro alheio, você que o Senhor acusa de puerilidade, ao nos dar o exemplo de humildade.

Só é nascido sem pecado aquele que, sem a ajuda de um homem, uma Virgem concebeu, não através de um desejo carnal, mas através de uma obediência espiritual. Somente a Virgem pôde

[170] 1 Coríntios 7: 38.

também produzir o remédio para nossa ferida, por que, alheia à ferida do pecado, colocou no mundo a Criança abençoada.

Capítulo 58

Em que sentido o batismo é necessário, segundo os pelagianos.

Examinemos agora mais a fundo, na medida em que o Senhor queira nos ajudar, a passagem do Evangelho em que Jesus diz: *Quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus*[171]. Esta é a máxima que causou nos pelagianos tanta impressão que, sem ela, eles se recusariam de forma absoluta a acreditar na necessidade do batismo para os bebês.

Eles dizem: "Observe que Jesus Cristo não diz quem não renascer da água e do Espírito não terá a salvação ou a vida eterna, mas somente que não entrará no reino de Deus. Por consequência, devemos batizar os bebês para que eles tenham parte do Reino de Deus com Jesus Cristo, já que eles não serão admitidos lá sem terem sido batizados. No entanto, se os bebês morrem sem o batismo, eles terão a salvação e a vida eterna, por que eles não estão sob o peso de nenhum pecado".

Primeiramente, aqueles que defendem esta ideia jamais explicaram como fica a justiça, se ela pronuncia assim a exclusão do

[171] João 3: 5.

reino de Deus contra a própria imagem de Deus sem a mácula do pecado.

Depois, estudemos aqui o pensamento do Senhor Jesus, exclusivo e único bom Mestre[172]. Vejamos se, nessa mesma passagem do Evangelho, ele não indicou ou mesmo demonstrou que a remissão dos pecados é o único meio de os batizados chegarem ao reino de Deus.

Certamente que a todo espírito correto deveria bastar que o Mestre tenha pronunciado, como ele fez: *"Quem não nascer de novo não poderá ver o Reino de Deus"*[173] e também: *Quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus*.

De fato, por que nascer de novo, se não é por que é preciso ser renovado? Ser renovado do que, se não é de um velho estado? Qual é este velho estado, se não é aquele em que o velho ser em nós foi crucificado com Jesus Cristo para fazer desaparecer o corpo de pecado?[174]

Mas, como anunciamos, estudemos, com toda atenção e cuidado que pudermos, todo o contexto da passagem do Evangelho onde é tratado o tema que nos ocupa.

---

[172] Cf. Marcos 10: 17 e 18. *Tendo ele saído para se pôr a caminho, veio alguém correndo e, dobrando os joelhos diante dele, suplicou- lhe: "Bom Mestre, que farei para alcançar a vida eterna?" Jesus disse-lhe: "Por que me chamas bom? Só Deus é bom".*

[173] João 3: 3.

[174] Cf. Romanos 6: 6. *Sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que seja reduzido à impotência o corpo outrora subjugado ao pecado e já não sejamos escravos do pecado*.

Vejamos.

Capítulo 59

O diálogo entre Jesus e Nicodemos.

Havia um homem entre os fariseus, chamado Nicodemos, príncipe dos judeus.

Este foi ter com Jesus, de noite e disse-lhe: "Rabi, sabemos que és um Mestre vindo de Deus. Ninguém pode fazer esses milagres que fazes, se Deus não estiver com ele".

Jesus replicou-lhe: "Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer de novo não poderá ver o Reino de Deus".

Nicodemos perguntou-lhe: "Como pode um homem renascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no seio de sua mãe e nascer pela segunda vez?"

Respondeu Jesus: "Em verdade, em verdade te digo: quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne e o que nasceu do Espírito é espírito. Não te maravilhes de que eu te tenha dito: 'Necessário vos é nascer de novo'. O vento sopra onde quer; ouves-lhe o ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai. Assim acontece com aquele que nasceu do Espírito".

Replicou Nicodemos: "Como se pode fazer isso?"

Disse Jesus: "És doutor em Israel e ignoras estas coisas!... Em verdade, em verdade te digo: dizemos o que sabemos e damos testemunho do que vimos, mas não recebeis o nosso testemunho. Se vos tenho falado das coisas terrenas e não me credes, como crereis se vos falar das celestiais? Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do Homem que está no céu. Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim deve ser levantado o Filho do Homem, para que todo homem que nele crer tenha a vida eterna. Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus não enviou o Filho ao mundo para condená-lo, mas para que o mundo seja salvo por ele. Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por que não crê no nome do Filho único de Deus. Ora, este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, pois as suas obras eram más. Porquanto todo aquele que faz o mal odeia a luz e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas aquele que pratica a verdade, vem para a luz. Torna-se assim claro que as suas obras são feitas em Deus".[175]

[175] João 3: 1-21.

Aqui se encerra, quanto à questão que tratamos, a passagem evangélica, que até aqui se relaciona inteira a ela. O escritor passa então para outro tema.

Capítulo 60

Como acontece a regeneração espiritual do ser humano.

Assim, Nicodemos não compreende a linguagem do Senhor e lhe pergunta como essas coisas podem acontecer. Vejamos o que o Senhor lhe responde.

Esta foi, de fato, a questão colocada: "Como isso pode acontecer?" E, se é esta a questão que o Senhor condescende responder, ele nos ensinará, por isso mesmo, precisamente como pode acontecer a regeneração pelo Espírito de toda pessoa que vem a este mundo através da geração pela carne.

O Senhor começa por assinalar, de passagem, a ignorância desse doutor, que se achava superior às outras pessoas, em razão de suas funções magistrais e por censurar todas as pessoas dessa espécie, cuja incredulidade impedia receber o testemunho da verdade. Ele acrescenta que eles não acreditaram, mesmo que seus discursos só tratassem de coisas terrenas e pergunta __ ou se espanta __ como eles acreditariam nas coisas do céu.

No entanto, ele prossegue e dá uma resposta que outros acreditariam, se não se recusassem a acreditar.

Perguntam-lhe: "Como isso pode acontecer?" E ele responde: *Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do Homem que está no céu.*

Jesus afirma então: a geração pelo Espírito acontecerá de uma maneira tal que, de terrestres as pessoas se tornarão celestes e esse estado elas não poderão adquirir se não se tornarem seus membros, de sorte que, mesmo dentre elas, só sobe quem desceu, pois, *Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu*.

É preciso então, indispensavelmente, que, aqueles que devem ser transformados e evoluídos em Jesus Cristo, devem primeiro participar dele na unidade de seu corpo, pois é preciso que Jesus Cristo, que desceu, suba.

Ora, ele não faz nenhuma diferença entre ele e seu corpo e esse corpo é a Igreja, por que se entende, de Jesus Cristo e sua Igreja, mais verdadeiramente ainda do que qualquer outra aliança, o texto: *Não são mais que uma só carne*[176]. Esta máxima Jesus reproduziu, sobre o mesmo tema, nestes termos: *Já não são dois, mas uma só carne*[177].

Assim, sem essa unidade com o corpo de Jesus Cristo, ninguém absolutamente poderá subir ao céu, já que, *Ninguém subiu*

[176] Gênesis 2: 24.
[177] Marcos 10: 8.

ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do Homem que está no céu.

Observemos, de fato, que Nosso Senhor, que se fez, neste mundo, Filho do Homem, permanece ao mesmo tempo no céu, na divindade com a qual ele desce para cá e, no entanto, ele não acredita desonrar essa divindade, ao designá-la sob a expressão Filho do Homem.

Como ele também condescendeu honrar sua carne com a expressão Filho de Deus, não se deve supor a existência de dois Cristos, em que um seria um Deus e outro um humano, mas é um só Cristo, Deus e humano simultaneamente. Deus por que, *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*[178]. Humano, por que, *o Verbo se fez carne e habitou entre nós*[179].

Assim, por causa da distância que sempre separa a divindade da enfermidade humana, o Filho de Deus mantinha sua morada no céu, enquanto o Filho do Homem caminhava neste mundo. Mas, por causa da unidade entre as pessoas, pela qual uma e outra substância estão juntas em um só Jesus Cristo, o Filho de Deus também caminhava neste mundo, da mesma forma como o Filho do Homem habitava o céu.

---

[178] João 1: 1.
[179] João 1: 14.

Desta forma, a lei das verdades mais incríveis nos leva à das verdades mais fáceis de acreditar.

Admitamos, de fato, que a substância divina, tão afastada da nossa, tão incomparavelmente diferente e mais sublime, tenha podido, para nossa salvação, revestir a substância humana, formando, depois dessa união, uma só pessoa e que assim, o Filho do Homem, mesmo habitando este mundo com a fraqueza de sua carne, estava, da mesma forma, no céu, com a divindade que havia se ligado à sua carne. Quão mais crível agora é o fato de que outras pessoas, seus santos e seus fiéis, se tornam um só Cristo com o Homem-Cristo, de sorte que todos, pela graça que ele concedeu de uni-los assim, ascendem, sem dúvida, mas que, em última análise, é o próprio Jesus e ele somente que ascende ao céu, da mesma forma como desceu!

Ora, esta é a também a doutrina do Apóstolo: *Como o corpo é um todo tendo muitos membros e todos os membros do corpo, embora muitos, formam um só corpo, assim também é Cristo*[180].

Ele não disse: "Assim, há cristos ou corpos de Jesus Cristo ou membros de Jesus Cristo", mas sim: *assim também é Cristo*, denominando assim, com o nome único Cristo, a cabeça e os membros.

[180] 1 Coríntios 12: 12.

Capítulo 61

Todos, inclusive as crianças, foram envenenados pela picada da serpente.

Grande e admirável é a condescendência de Jesus Cristo! E, como ela só pode se realizar com a remissão dos pecados, ele continua: *Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim deve ser levantado o Filho do Homem, para que todo homem que nele crer tenha a vida eterna*[181].

Sabemos o que se passou então no deserto. Um grande número de israelitas perecia por picadas de cobras. O povo então, confessando seus pecados, rogou ao Senhor, através de Moisés, que os livrasse desse flagelo. Moisés então, seguindo as ordens de Deus, ergueu no deserto uma serpente de bronze e disse ao povo que todos aqueles que fossem picados por uma cobra deviam olhar para a figura de bronze que acabara de moldar e que todos que fizessem isso seriam curados[182].

O que é essa serpente de bronze erguida em um poste, se não é a morte de Jesus Cristo, de acordo com a figura que toma a causa pelo efeito?

De fato, a morte veio através de uma serpente, cujos conselhos arrastaram o ser humano ao pecado que lhe valeu a morte.

---

[181] João 3: 14 e 15.
[182] Cf. Números 21: 6-10.

O Senhor não carregou em sua carne o pecado que se parece com esse veneno de cobra, mas carregou, no entanto, a morte, para que o castigo sem a culpa chegasse também à sua carne, que tinha a semelhança com a carne de pecado e desta maneira, na verdadeira carne de pecado, fossem abolidos o pecado e o castigo.

Da mesma forma como então o envenenado que olhasse para a serpente de bronze ficava ao mesmo tempo curado do envenenamento e livre da morte, assim também agora, aquele que se modela de acordo com a semelhança em Jesus Cristo, aceitando a fé e o batismo desse divino Salvador, se vê livre ao mesmo tempo do pecado, pela justificação e da morte, pela ressurreição.

Este é o sentido das palavras de Jesus: *para que todo homem que nele crer tenha a vida eterna*[183].

Assim, por que um bebê precisaria ser modelado, pelo batismo, na semelhança da morte de Jesus Cristo, se ele não foi infectado pela picada da serpente infernal?

Capítulo 62

Só é possível a reconciliação com Deus através de Jesus Cristo.

Jesus continua imediatamente: *Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o*

[183] João 3: 15.

que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna[184]. Assim, até mesmo a tenra infância deveria perecer, se, pelo sacramento do batismo, ela não acreditasse no Filho único de Deus, que felizmente veio, não para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele.

Este é um ponto sobre o qual ele insiste, ao acrescentar as seguintes palavras: *Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por que não crê no nome do Filho único de Deus*[185].

Onde colocamos, com efeito, os bebês que foram batizados, se não é no grupo dos fiéis, como a Igreja clama, com sua autoridade, por toda parte? Incluídas então no grupo dos que acreditam, sua felicidade é adquirida em virtude do sacramento e pelas palavras dos padrinhos.

Assim também, as crianças não batizadas estão incluídas no grupo dos que não acreditam. Daí, aquelas que são batizadas não são julgadas e as outras, privadas deste sacramento, sofrem o julgamento.

Jesus Cristo acrescenta: *Este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, pois as suas obras eram más*[186].

---

[184] João 3: 16.
[185] João 3: 18.
[186] João 3: 19.

A luz veio ao mundo. Ou seja, na boca do próprio Mestre. Ele não está se referindo aqui ao seu próprio advento?

Se imaginamos as crianças privadas do sacramento que esse advento nos valeu, como se pode dizer que elas estejam na luz?

Como não reservar ao julgamento também essas pessoas que, em seu amor pelas trevas e incrédulas por sua própria conta, não pensam em levar ao batismo seus bebês, mesmo quando temem para eles uma morte iminente?

O Senhor afirma que *aquele que pratica a verdade, vem para a luz. Torna-se assim claro que as suas obras são feitas em Deus*[187], por que, de fato, aquele que é assim iluminado compreende que sua justificação não pertence aos seus méritos, mas à graça de Deus, pois, como diz o Apóstolo: *É Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o fazer*[188].

É desta maneira então que acontece a regeneração espiritual de todos aqueles que chegam a Jesus Cristo, saindo da geração carnal. Foi Jesus mesmo que nos revelou isso. Foi ele mesmo que nos explicou, quando lhe perguntaram como isso podia acontecer. Ele não deixou esse tema tão importante ao livre curso das especulações humanas. Evitemos então acreditar que os bebês estão fora da graça da remissão dos pecados.

---

[187] João 3: 21.
[188] Filipenses 2: 13.

Não há outro caminho para chegar a Jesus. Não há outro meio possível de reconciliar-se com Deus e chegar a Ele a não ser através de Jesus.

Capítulo 63

O próprio rito do batismo mostra que ele é uma remissão dos pecados.

O que direi da própria cerimônia do Sacramento? Gostaria que um daqueles que sustentam a opinião contrária viesse me apresentar uma criança para batizar. O que meu exorcismo faz nesse pequeno ser, se ele não está preso na família do demônio?

Se você trouxe a criança até mim, você, sem dúvida, respondeu em seu lugar, já que ela não podia responder por ela mesma. Como então você declarou que ela renunciava ao demônio, se ele não tinha nenhum direito sobre ela? Ou que ela se convertia a Deus, se não estava afastada dele? Ou que, entre outras verdades, ela acreditava na remissão dos pecados, quando ela não tinha nenhum para ser perdoado?

Se eu soubesse que você era contra todas estas crenças, eu não permitiria que você se apresentasse aos sacramentos com esse bebê. Não sei realmente com que cara, neste caso, você ousaria aparecer diante das pessoas e com que intenção você viria a Deus. Digo isto sem querer falar mais severamente.

Seria preciso acusar de falsidade e de escândalo as cerimônias ao redor do batismo dos bebês, já que elas claramente prometem e operam a remissão dos pecados que, no entanto, não acontece de nenhuma maneira. Isto seria __ e até nossos adversários viram isso __ uma maneira de se expressar e de pensar totalmente execrável e detestável.

Mas, quando se trata do batismo dos bebês, concordando que o sacramento lhes é necessário, eles concordam que os bebês também precisam de redenção. Esta foi uma admissão que fez um deles em um escrito muito curto, mesmo evitando se explicar mais abertamente quanto à remissão dos pecados.

No entanto, você me informou em sua carta, Marcelino, que eles começam a admitir __ são suas palavras __ que mesmo nos bebês acontece uma remissão dos pecados. Esta admissão não tem nada de surpreendente, pois não se pode entender de outra maneira a ideia de sua redenção. “No entanto, não é em sua origem, mas em sua vida pessoal e após seu nascimento, que eles começam a ter pecados”, eles dizem.

Capítulo 64

Se os pelagianos entrassem em acordo entre eles, eles entrariam em acordo com os católicos.

Estamos bem longe __ não é? __ daqueles que motivaram esta obra e nossos múltiplos e prolongados argumentos. Deles também li um escrito que contém sua doutrina e que procurei refutar segundo minhas forças.

Repito que na questão dos bebês há uma diferença clara entre os primeiros, que sustentam sua pureza perfeita e sua isenção de todo pecado original e pessoal e os outros, que consideram que eles contraíram, após seu nascimento, pecados pessoais, cuja purificação é necessária através do batismo.

Estes, de fato apreciam, sobre este tema, as santas escrituras, a total autoridade da Igreja e a forma do sacramento, visto que o batismo opera a remissão dos pecados, mesmo dos bebês. Mas, reconhecer no pecado, qualquer que ele seja, do qual esta tenra idade é culpada, uma falta original, é o que eles não podem ou não querem fazer.

Por outro lado, os partidários da primeira opinião, observando a natureza humana, cujo estudo está ao alcance de todos, viram __ e isso era fácil de ver __ que essa idade nascente não podida ainda contrair pecados em sua vida própria e pessoal. Mas, para

não admitirem, no entanto, o pecado original, eles afirmam que os bebês não têm absolutamente nenhum pecado.

O que diremos às duas facções? Coloquem-se de acordo sobre os dois pontos que os separam da verdade e, logicamente, vocês deixarão de estar em desacordo conosco. Uma parte concorde com a opinião de que os bebês recebem no batismo a remissão dos pecados e a outra parte concorde, por sua vez, com o fato que é o grito da natureza; eu quero dizer que os bebês não contraíram nenhum pecado em sua vida pessoal.

Então, necessariamente, ambas as partes concordarão que só resta uma falta a ser apagada nos bebês e que é o pecado original.

Capítulo 65

Não é necessário provar que os bebês não podem ter pecados próprios.

Vamos colocar aqui mais uma questão e gastar tempo discutindo-a? É necessário provar e demonstrar que a vontade própria, sem a qual a vida pessoal não pode ser manchada pelo pecado, não é encontrada nos bebês e que, por isso mesmo, eles são chamados por todos de inocentes?

A fraqueza de seu corpo e de sua alma, sua ignorância das coisas e sua incapacidade absoluta de compreender qualquer preceito, a incapacidade absoluta da lei natural e da lei escrita de pro-

duzir neles qualquer impressão ou determinação, a impossibilidade da razão de fazê-los pender contra ou a favor do dever, a inocência proclamada e demonstrada pelo nosso próprio silêncio não proclamam esta verdade de uma maneira mais convincente ainda do que todos os nossos discursos?

Concedamos, à evidência, pelo menos algum direito de se fazer aceitar por ela mesma, pois nunca tive tão pouca coisa a dizer, já que o tema que tratamos é mais claro do que tudo o que se pode dizer.

Capítulo 66

Impossível encontrar qualquer evidência de pecado nos primeiros anos de vida das crianças.

De bom grado, no entanto, gostaria de saber de um partidário de opinião contrária, qual pecado ele viu ou acreditou ver em uma criança recém-nascida, já que ele admite que o batismo é necessário para resgatar essa criaturinha. Que pecado ela cometeu em sua vida pessoal, com seu corpo e sua alma? Seriam, por acaso, seus choros e cuidados que elas causam aos seus cuidadores?

Seria estranho imputar estes fatos à sua malícia e não à sua fragilidade. Ela seria culpada por que nenhum raciocínio, nenhuma proibição pode conter seus prantos?

Que não se alegue aqui a ignorância que envolve tão profundamente a criança e que se torna mais forte a cada dia, a ponto dela agredir sua própria mãe e muitas vezes até o seio de onde ela tira a vida quando precisa. Essas fúrias da primeira idade não apenas são suportadas, como também amadas.

Ora, a que sentimento obedecemos aqui se não é à paixão carnal, que leva a natureza a se divertir com tudo o que é risível ou humorístico, a ponto de pessoas capazes e hábeis se darem a esses absurdos?

O que nos faz rir nós chamaríamos, não de humorístico, mas de tolo, se a linguagem expressasse os verdadeiros sentimos.

Vemos também esses pobres alienados que o povo chama de morriões serem empregados para divertir pessoas sábias e, quando se trata do preço dos escravos, as cabeças sãs valem menos do que esses miseráveis.

Como é poderosa essa paixão carnal que se diverte com a desgraça alheia, até mesmo em pessoas não atingidas pela demência!

Sim, a loucura alheia diverte naturalmente as pessoas, mesmo que elas jamais quisessem passar por esse estado. Assim, um pai fica feliz em esperar e provocar algumas travessuras em seu bebê. No entanto, se ele previsse que esse comportamento perma-

neceria quando a criança crescesse, ele, sem nenhuma dúvida, gostaria de chorar tão tristemente como se ela estivesse morta.

Mas, há uma secreta esperança de progresso. Pensa-se que, com a idade crescente, cresça também a inteligência. Por consequência, as injúrias que os bebês proferem mesmo contra seus pais, longe de ferir, encantam e divertem.

No entanto, jamais uma pessoa sábia aprovará que, podendo impedir palavras ou ações deste tipo, não se tenha o cuidado de proibi-las e, sobretudo, que o prazer de se divertir com elas ou a vaidade de suas mães, chegue ao ponto de provocá-las. De fato, a criança dessa idade já conhece seu pai e sua mãe e não ousa injuriá-los, a menos que eles tenham permitido ou ordenado.

Tais coisas são próprias de crianças que começam a falar e que, com alguns esforços de sua língua, podem expressar os sentimentos de sua alma.

Apreciemos mais a ignorância tão absolutamente profunda dos recém-nascidos, pois é desse ponto que eles chegam progressivamente à primeira tolice do balbucio, que não deve durar e que neles parece a aspiração aos primeiros conhecimentos e à linguagem.

Capítulo 67

A causa da ignorância da primeira infância.

Examinemos, repito, as estranhas trevas dessa alma muito certamente racional, em que os bebês, longe de conhecer Deus, lutam contra seus sacramentos no mesmo momento em que recebem o batismo. Por qual razão e em qual ocasião, eu pergunto, eles mergulharam nessas trevas?

Devemos dizer que eles caíram nelas aqui neste mundo por sua falta e que se esqueceram de Deus em sua vida pessoal e por uma negligência criminosa ou então que, pelo contrário, já no ventre de suas mães eles viveram com um santo conhecimento e uma verdadeira religião?

Diga quem quiser, ouça quem quiser, acredite quem puder. No meu caso, eu penso que estas duas opiniões são insustentáveis, para quem não tem o espírito cego pela teimosia em defender sua opinião.

Diferentemente, talvez nos digam que a ignorância não é um mal e, por consequência, não precisa ser curada. Mas, o que significam estas palavras das Escrituras: *Não vos lembreis dos pecados da minha juventude e das minhas ignorâncias*[189].

[189] Salmo 24: 7. *Delicta juventutis meæ et ignorantias meas, ne memineris*.

Certamente que os pecados cometidos com conhecimento de causa são mais condenáveis, mas, se não houvesse pecados da ignorância, não leríamos o texto que acabamos de citar: *Não vos lembreis dos pecados da minha juventude e das minhas ignorâncias*.

Então, que me respondam: no seio das trevas tão espessas da ignorância, a alma da criança recém-nascida, a alma humana muito certamente dotada de razão, não está somente sepultada sem nenhum conhecimento, mas também na incapacidade de aprender alguma coisa; quando então e em que lugar ela caiu assim nessa escuridão?

Se está na natureza humana começar assim, por que Adão não foi criado assim? Por que ele estava desde o início em condições de receber um mandamento e capaz de dar nomes adequados à sua esposa e a todos os animais? A ela ele disse: *"Ela se chamará mulher"*[190]. E o texto sagrado acrescenta: *Todo nome que o homem pôs aos animais vivos, esse é o seu verdadeiro nome*[191].

O recém-nascido não sabe, pelo contrário, onde ele está e nem o que ele é. Ele não sabe quem é seu criador e quais são seus pais. Já contaminado pelo pecado, mesmo sendo incapaz de receber um preceito; envolvido e oprimido pelas trevas profundas da ignorância, a um nível tal que não se pode despertá-lo como a um

[190] Gênesis 2: 23.
[191] Gênesis 2: 19.

sono e mostrar-lhe pelo menos estas coisas e dar-lhe conhecimento, é preciso esperar ele digerir lentamente essa espécie de inefável embriaguez que não dura, como a embriaguez grave, o intervalo de uma noite, mas longos meses e vários anos. Até esse distante fim, os fatos que se pune nos adultos, nas crianças são tolerados e de uma maneira tão frequente que não se poderia de nenhuma maneira contar.

Eu peço, diante desse mal tão grande da ignorância e da fraqueza inicial e na suposição de que as crianças o contraíram após seu nascimento, diga onde, quando e como elas cometeram, de fato, alguma impiedade suficientemente grave que lhes valeram o sepultamento súbito em tais trevas.

Capítulo 68

Por que nós e Jesus nascemos diferentes de Adão?

Mas, questionarão, se nossa natureza atual não é pura, se é preciso acusar um vício de origem, por que Adão não foi criado nas mesmas condições que nós, como explicar o nascimento de Jesus Cristo, que se revelou ao mundo, nessa mesma baixa idade, no mesmo estado de fraqueza? No entanto, admita, ele era incomparavelmente excelente e sua geração no ventre de uma Virgem foi, certamente, sem nenhum pecado!

Nós respondemos a esta questão. Adão não foi criado como nascem os humanos após ele, pela razão de que o pecado de um pai não o precedeu neste mundo, não tendo, portanto, sido criado em uma carne de pecado. Nossa condição, pelo contrário, desde o berço, é explicada pelo motivo de que seu pecado nos precede e nascemos em uma carne de pecado.

Quanto a Jesus Cristo, ele também veio ao mundo de forma semelhante a nós por que nasceu em uma carne semelhante à nossa carne de pecado, para condenar, assim, o pecado pelo próprio pecado[192].

Por fim, não falamos aqui de Adão sob o aspecto de seu porte físico. Não falamos que, longe de ter sido criado bebê, ele desfrutou imediatamente de toda a força de órgãos perfeitos.

Poderiam nos contrapor aqui que os animais são criados também com a condição de se reproduzir, através de seres bem pequenos quando nascem, sem que isso tenha advindo de seu pecado. Mas não examinaremos esta questão neste momento. Tratamos aqui da alma do primeiro ser humano e o privilégio que ela teve no uso da razão que a tornava capaz de compreender facilmente o preceito de Deus e a Lei de seus mandamentos e poder facilmente obedecer a eles, se ela quisesse.

---

[192] Cf. Romanos 8: 3. *O que era impossível à Lei, visto que a carne a tornava impotente, Deus o fez. Enviando, por causa do pecado, o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, condenou o pecado na carne*.

Atualmente, pelo contrário, o ser humano vem ao mundo com uma impotência absoluta e temos que admitir sua terrível ignorância e fraqueza, não de sua carne, mas de sua mente. Temos que admitir que a alma racional de um bebê não é de uma substância diferente, mas é substancialmente a mesma da alma de Adão e, no entanto, a fraqueza da carne em nós é tal, que ela basta, em minha opinião, para demonstrar algum misterioso castigo.

Verdadeiramente cabe esta questão: se o primeiro casal humano não tivesse pecado, ele teria gerado filhos sem condições de utilizar sua língua, suas mãos e seus pés?

A capacidade limitada do ventre materno teria, sem dúvida, exigido, de fato, que os filhos viessem ao mundo bem pequenos. Mas também, pode-se responder que, com uma só costela[193] __ uma parte fraca do corpo humano __ Deus não quis, no entanto, criar, para o primeiro esposo, uma esposa de porte infantil, mas criou para ele uma mulher de verdade. A onipotência de Deus poderia então, também para os filhos de Adão, fazê-los crescer imediatamente, logo após seu nascimento.

[193] Cf. Gênesis 2: 22.

Capítulo 69

A ignorância e a fraqueza das crianças.

Sem insistir neste ponto, admitamos que Deus poderia nos conceder o que ele concedeu a várias espécies de animais. Vemos em seus filhotes, desde pequenininhos e sem que a inteligência acompanhe neles os progressos do corpo, por que, de fato, eles não possuem uma alma racional, nós os vemos ainda frágeis e recém-nascidos, correrem, reconhecerem sua mães, não precisarem da ajuda de estranhos para mamarem e, pelo contrário, encontrarem com a maior facilidade, nas partes mais escondidas, o local certo para mamarem.

O ser humano, pelo contrário, nasce com os pés impróprios para a caminhada, suas mãos são inábeis para agarrar um objeto e se a mãe não ajuda seus lábios se prenderem ao mamilo, ele não sabe encontrar o seio, por mais próximo que ele esteja e chorará de fome antes de poder agarrá-lo.

A fraqueza de seu corpo está, portanto, em total sintonia com a fraqueza de sua inteligência e a carne de Jesus Cristo não teria essa semelhança com nossa carne de pecado, se o pecado, de fato, não fosse o dominador de nossa carne, cujo peso oprime assim a alma racional em nós.

Quanto à nossa própria alma, ela foi tirada de nossos pais? Ela foi criada neles? Ela é um sopro que veio do alto? Estas são questões que adio no momento.

Capítulo 70

A concupiscência depois do pecado.

Uma verdade certa é que, nos bebês, a graça de Deus opera pelo batismo Daquele que condescendeu vir na semelhança de nossa carne de pecado e que essa graça faz desaparecer a carne de pecado. Ela desaparece não, no entanto, no sentido em que a concupiscência, impregnada e inata nessa carne, seja destruída já nesta vida e deixe de existir, mas somente que, presa ao ser humano desde que ele nasce, ela não pode arruiná-lo se ele vier a morrer logo após o batismo.

Supondo que, pelo contrário, ele viva após seu batismo e chegue à idade de compreender seus deveres, ele ainda encontra essa concupiscência ainda por combater neste mundo e também para vencer, com a ajuda de Deus, contanto que ele não receba em vão a graça divina e que se recuse a se tornar um reprovado.

Por fim, a menos talvez com um milagre inefável do Criador onipotente, o batismo não confere aos adultos essa graça singular que extinguiria inteiramente e reduziria a nada a lei do pecado sempre existente em nossos órgãos e em luta contra a Lei do espí-

rito. Não, o efeito desse sacramento é que todo o mal que mancha o ser humano com ações, palavras ou pensamentos, enquanto sua alma está sujeita a essa concupiscência, se encontra inteiramente abolida e vista como não advinda e então, após terem sido quebrados esses indignos ferrolhos sob os quais o demônio mantém essa alma cativa, quando é destruído esse muro de separação que isola o ser humano de seu Criador, essa própria alma permanece no campo de batalha onde castigamos nosso corpo e o reduzimos à servidão[194] e nos resta o dever de, uma hora lhe conceder uma trégua necessária a ele, permitindo-lhe o desfrute das coisas lícitas e outra hora de domá-lo através da continência.

Mas o Espírito divino, que conhece bem melhor do que nós o presente, o passado e o futuro de todo o gênero humano, sabe bem e nos prediz que toda a vida humana apresenta um triste caráter que é o de, perante Deus, ninguém ser justo[195].

Também acontece de, por ignorância ou por fraqueza, não empregamos contra a concupiscência todas as forças de nossa vontade e até mesmo cedemos a ela em muitas coisas proibidas. Assim, nossas quedas são mais pesadas ou mais leves, mais frequentes ou mais raras, na medida em que nós mesmos somos piores ou melhores.

---

[194] Cf. 1 Coríntios 9: 27. *Castigo o meu corpo e o mantenho em servidão, de medo de vir eu mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros*.
[195] Cf. Salmo 142: 2.

Diante disso, uma grave questão surge aqui. Há, haverá, ou algum dia houve uma única pessoa isenta de pecado pessoal? Exceto, evidentemente, Aquele que disse: *Vem o príncipe deste mundo, mas ele não tem nada em mim*[196].

A resposta demanda uma discussão muito aprofundada para que possamos terminar aqui nosso primeiro livro. Comecemos um segundo com este novo problema.

[196] João 14: 30.

Livro II

Todos são pecadores.

Santo Agostinho ataca aqueles que afirmam que há, que houve e que haverá nesta vida pessoas absolutamente isentas de qualquer pecado e, sobre este assunto, ele coloca e resolve quatro questões. Na primeira, ele ensina que o ser humano, com seu livre arbítrio e a graça de Deus, pode se manter sem pecado nesta vida. Na segunda, ele prova que, de fato, nenhum daqueles que vivem neste mundo é isento absolutamente de qualquer pecado. Na terceira, que a existência do pecado em todas as pessoas se explica pela razão de que ninguém emprega a vontade que exige uma perfeição assim, seja por que ignora o que é justo, seja por que não se sente atraído para realizá-la. Na quarta, por fim, que, com exceção somente de Jesus Cristo nosso Mediador, ninguém é, foi ou será algum dia isento de qualquer pecado.

Capítulo 01

Resumo do primeiro livro e o tema do segundo.

Nosso primeiro livro, caro Marcelino, me parece ter tratado suficientemente da questão do batismo dos bebês. Nós lhes administramos, dissemos, para que eles cheguem não apenas ao reino de Deus, mas simples e primeiramente à própria salvação e à vida

eterna, por que é impossível a quem quer que seja adquirir estes dois bens fora do reino de Deus e sem a união íntima com Jesus Cristo Nosso Senhor. Foi somente com esta união que ele nos resgatou com seu sangue.

Outra questão se apresenta. No mundo presente, nós vemos, vimos ou veremos alguém absolutamente isento de qualquer pecado? Com exceção, evidentemente, de Jesus Cristo, o Mediador entre Deus e os seres humanos e que se entregou para redenção de todos[197].

Na medida em que esse divino Mestre quis me conceder o talento e os recursos, eu tentei discutir e resolver este problema. Se a necessidade ou a oportunidade vierem se encontrar em alguns lugares deste estudo sobre a questão do batismo ou do pecado dos bebês, não será preciso se espantar e nem evitar fornecer, nesses mesmos lugares e segundo nossa possibilidade, a resposta a todas as dificuldades que valerão a pena serem esclarecidas.

Capítulo 02

A liberdade humana precisou da graça divina.

A vida humana pode acontecer sem que o pecado venha se misturar a ela ou surpreendê-la? A solução deste problema é so-

[197] Cf. 1 Timóteo 2: 5 e 6. *Por que há um só Deus e há um só mediador entre Deus e os seres humanos: Jesus Cristo; humano que se entregou como resgate por todos. Tal é o fato, atestado em seu tempo.*

bretudo necessária sob o ponto de vista de nossas preces de cada dia.

Há, de fato, pessoas que valorizam tanto o livre arbítrio concedido à vontade humana que, na opinião delas, não é necessário que Deus nos ajude a não pecar, desde que nossa natureza esteja de posse do livre arbítrio de sua vontade.

A consequência disto é clara: não temos que rezar para não cair em tentação, ou seja, para não sermos vencidos pela tentação, seja quando ela nos engana e nos surpreende sem que percebamos, seja quando ela pressiona e assedia nossa fraqueza.

Ora, nos faltam palavras, na verdade, para dizer o quanto seria nocivo, pernicioso, contrário à nossa salvação em Jesus Cristo e à religião cujo caráter inefável trazemos; o quanto seria diametralmente oposto à santidade que nos faz honrar Deus, deixar de rezar ao Senhor para obter um benefício desses, vendo como inutilidade o pedido da Oração do Senhor: *Não nos deixeis cair em tentação*[198].

[198] Mateus 6: 13.

Capítulo 03

Nossa fraqueza moral podemos remediar com o exercício da misericórdia.

Há máximas que algumas pessoas se vangloriam de proferir fina e habilmente, como se elas fossem desconhecidas por alguns de nós. Eles dizem: "Se não quisermos, não pecamos e Deus não ordenaria ao ser humano o que é impossível à vontade humana".

Mas uma verdade lhes escapa. Para vencer certos desejos culposos, certos medos covardes e criminosos, precisamos de uma grande força e mesmo de todas as forças de nossa vontade. Que nós não havíamos de empregá-las em todas as circunstâncias, Deus previu e quis que nos fosse dito com toda verdade pelo Profeta: *Ninguém que viva é justo diante de vós*[199].

Desta forma, Deus, prevendo nosso triste futuro, condescendeu nos dar, mesmo após o batismo, alguns remédios salutares que terão então grande poder contra as máculas e os laços do pecado e esses remédios são as obras de misericórdia, sobre as quais ele disse: *Sede misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados; dai e dar-se-vos-á. Colocar-vos-ão no regaço medida boa, cheia, recalcada e*

[199] Salmo 142: 2.

transbordante, por que, com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos vós também[200].

De fato, quem poderia sair desta vida com alguma esperança de conseguir a salvação eterna, enquanto estiver válida esta sentença: *Quem guardar os preceitos da Lei, mas faltar em um só ponto, tornar-se-á culpado de toda ela*[201]?

Felizmente, logo o escritor sagrado acrescenta: *Falai, pois, de tal modo e de tal modo procedei, como se estivésseis para ser julgados pela lei da liberdade. Haverá juízo sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o julgamento*[202].

Capítulo 04

A concupiscência nas crianças e nos adultos.

A concupiscência é como uma lei de pecado que persevera em nosso corpo de morte. Ela nasce com os bebês, que, com o batismo, ficam livres de sua mácula e sobrevivem para o combate. Nos que morrem antes da idade da luta, ela não é usada como motivo de condenação. Se eles não são batizados, ela os prende como culpados e os arrasta para a condenação, na qualidade de filhos da ira, mesmo quando eles morrem com pouca idade.

---

[200] Lucas 6: 36-38.
[201] Tiago 2: 10.
[202] Tiago 2: 12 e 13.

Quanto aos adultos, como possuem o domínio da razão, todas as vezes que neles a alma se torna cúmplice da concupiscência, através do pecado, há um ato de vontade pessoal. Assim, mesmo que todos os seus pecados sejam apagados e seja destruído o laço vergonhoso que os mantinha presos desde sua origem, a concupiscência, no entanto, ainda permanece neles para ser combatida, sem que ela possa arruiná-los em absolutamente nada, contanto que eles não consintam com coisas proibidas. Mas ela persevera até que a morte seja absorvida na vitória e que, após a realização perfeita da paz, não reste mais nada para vencer.

Quanto àqueles que lhe dão consentimento para as coisas proibidas, ela os prende como culpados e, se o Sacerdote celeste, que intercede por nós não condescende em curá-los através do remédio da penitência e das obras de misericórdia, ela os conduzirá para a segunda morte e a danação.

É por esta razão que o Senhor, ao nos ensinar a rezar, nos alerta para dizer, entre outras coisas: *Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal*[203]. Pois o mal habita nossa carne, não de acordo com uma necessidade da natureza na qual o ser humano foi criado por Deus, mas por causa do vício em que ele mesmo se jogou voluntariamente. E, como ele

[203] Mateus 6: 12 e 13.

perdeu suas forças nesse abismo, ele não é curado com a mesma facilidade com que conseguiu sua doença.

Este é, portanto, o mal mencionado pelo Apóstolo, quando ele diz: *Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem*[204]. Este é o mal que ele nos recomenda não obedecer, quando acrescenta: *Não reine, pois, o pecado em vosso corpo mortal, de modo que obedeçais aos seus apetites*[205].

Supondo então que, cedendo ao pêndulo corrompido de nossa vontade, tenhamos consentido com os apetites da concupiscência carnal, para curar este mal dizemos: *Perdoai-nos as nossas ofensas* e nos aplicamos o remédio com uma obra de misericórdia, já que logo acrescentamos: *assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam*.

E, para evitar a concordância com esse mal, imploramos o divino socorro nestes termos: *não nos deixeis cair em tentação*. Ou, como aparece em alguns exemplares: "Não nos induzais em tentação".

Não é que uma tentação deste gênero venha de Deus, pois *Deus é inacessível ao mal e não tenta a ninguém*[206]. Mas pedimos que, se já esta começando a tentação contra nós, por obra da concupiscência, Deus não queira nos privar de seu socorro, que nos

[204] Romanos 7: 18.
[205] Romanos 6: 12.
[206] Tiago 1: 13.

dará a possibilidade de vencer e nos afastará dos seus atrativos infelizes.

Terminamos pedindo o que só terá seu cumprimento perfeito no fim dos tempos, quando o elemento mortal for absorvido pela vida[207]: *Mas livrai-nos do mal.*

Então, de fato, não haverá mais nenhuma concupiscência que devamos combater e à qual devamos recusar todo consentimento.

Podemos então resumir em três graças o que pedimos na Oração do Senhor: perdão quando somos arrastados pela concupiscência, socorro para evitarmos ser arrastados pela concupiscência e a libertação da concupiscência.

Capítulo 05

Para obedecer aos mandamentos de Deus precisamos da ajuda de Deus.

De fato, Deus não nos ajuda a pecar, mas, sem sua ajuda, não podemos fazer as obras justas ou, em outros termos, cumprir em todos os pontos os preceitos da justiça.

É da mesma forma como o olho humano não é ajudado pela luz para evitar essa própria luz, para se afastar dela e se fechar.

[207] Cf. 2 Coríntios 5: 4. *Enquanto permanecemos nesta tenda, gememos oprimidos. Desejamos ser, não despojados, mas revestidos com uma veste nova por cima da outra, de modo que o que há de mortal em nós seja absorvido pela vida*.

Ele é ajudado por ela para ver claramente e ele, de forma alguma, pode ver se não for ajudado por ela.

Assim é Deus com relação a nós. Luz do nosso ser mais íntimo, ele ajuda o olhar de nossa alma, para que, em toda espécie de bem, ajamos segundo sua justiça e não segundo a nossa justiça.

Se acontece de lhe virarmos as costas, isso é nossa culpa e obedecemos então à sabedoria da carne, consentindo com a concupiscência da carne em coisas ilícitas.

Assim, vertidos e convertidos para Ele, Deus nos ajuda. Afastados voluntariamente dele, ele nos abandona. Além disso, ele nos ajuda a nos convertermos e este é um efeito que a luz criada não produz em favor dos olhos físicos.

Então, quando Deus nos estabelece este preceito: *Voltai a mim e eu voltarei a vós*[208]; quando, do nosso lado, respondemos: *Restaurai-nos, ó Deus, nosso salvador*[209] e *Restaurai-nos, ó Deus das virtudes*[210], qual é o sentido de nossa prece, se não é: "Dai-nos o que nos ordena"?

Quando também seus preceitos nos dizem: *Tratai de compreender, ó gente estulta. Insensatos, quando cobrareis juízo?*[211] e nós lhe suplicamos, dizendo: *Dai-me a sabedoria para aprender*

[208] Zacarias 1: 3.
[209] Salmo 84: 5.
[210] Salmo 79: 8. *Deus virtutum, converte nos*.
[211] Salmo 93: 8.

os vossos mandamentos[212], o que nossos lábios estão dizendo, se não é: "Dai-nos o que nos ordena"?

Quando sua voz nos dita uma lei como esta: *Não te deixes levar por tuas más inclinações e refreia os teus apetites*[213] e nós, do nosso lado, lhe dizemos: *Consciente de não poder ser continente, a não ser por dom de Deus*[214], o que significa nossa linguagem, se não é: "Dai-nos o que nos ordena"?

Quando sua voz nos clama: *Praticai a justiça*[215] e nós respondemos: *Bendito seja, Senhor; ensinai-me vossas leis que justificam*[216], o que estamos sempre a dizer, se não é: "Dai-nos o que nos ordena"?

Enfim, se Deus nos diz: *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, por que serão saciados!*[217], a quem devemos pedir esse alimento e essa bebida, se não é àquele que promete saciar aqueles que tiverem essa fome e essa sede?

---

[212] Salmo 118: 73.
[213] Eclesiástico 18: 30.
[214] Sabedoria 8: 21. *Et ut scivi quoniam aliter non possem esse continens, nisi Deus det*.
[215] Isaías 56: 1.
[216] Salmo 118: 12. *Benedictus es, Domine ; doce me justificationes tuas*.
[217] Mateus 5: 6.

Capítulo 06

A liberdade não basta sem a prece. A prece não dispensa o exercício da liberdade.

Rejeitemos então __ fechando para eles nossos ouvidos e nossas mentes __ aqueles que afirmam que, uma vez dotados do livre arbítrio, não precisamos mais rezar para que Deus nos ajude a não pecar.

Menos profundas eram as trevas que cegavam o orgulhoso fariseu[218]. Ele se enganou em um ponto, quando se julgou dispensado de aumentar suas virtudes adquiridas e se acreditou de posse de uma justiça perfeita. Mas, pelo menos ele deu graças a Deus pelo que ele não era como o resto das pessoas; injustas, segundo ele; sequestradores, adúlteros e especialmente como o publicano; do que jejuava duas vezes por semana; do que dava o dízimo de tudo o que possuía; assim, ele não pediu ao Senhor nenhum aumento de justiça, mas agradeceu a Deus, no entanto, pelas virtudes que ele já tinha, admitindo assim que tinha recebido tudo dele.

No entanto, ele foi condenado, por duas razões. Primeiro, por que ele não pediu os santos alimentos que mantém a justiça, como se ele estivesse farto deles. Depois, por que ele era feliz achando-se melhor do que o publicano que tinha fome e sede.

[218] Lucas 18: 10-14.

Qual será então a sorte das pessoas que, mesmo reconhecendo não ter a justiça ou, pelo menos, não tê-la em plenitude, possuem, no entanto, a presunção de acreditar que deverão adquiri-la por eles mesmos e não precisam implorá-la ao Criador, que é seu tesouro e sua fonte?

Neste ponto, no entanto, não devemos nos contentar com confissões e preces, sem acrescentar a isso a ajuda real e o esforço de nossa boa vontade. Deus é chamado de *nosso socorro*[219]. Ora, ninguém pode ser socorrido se não fizer nenhum esforço próprio. Deus não opera a salvação em nós como se operasse sobre pedras insensíveis ou sobre os seres que a natureza fez sem razão e sem vontade.

Por que, aliás, Deus ajuda uns e não ajuda outros? Por que ele socorre mais a uns e menos a outros? Uns, de uma maneira e outros, de uma maneira diferente? Deus, sobre isto, guarda sua soberania e perfeito poder, bem como a razão secreta de sua soberana equidade.

[219] Salmo 61: 9. *Deus adjutor noster in æternum*.

Capítulo 07

O ser humano, ajudado por Deus, pode viver esta vida terrena sem pecado?

Algumas pessoas afirmam que o ser humano, já nesta vida, pode viver sem pecado. Evitemos dar a esta opinião um desmentido imprudente, sem reservas e nem precaução.

De fato, declarar que isto é impossível é cometer uma injúria; por um lado, ao livre arbítrio do ser humano, cuja vontade aspira ao alto e, por outro lado, ao poder e à misericórdia de Deus, cujo socorro produz esse efeito.

Observemos mais a diferença entre estas duas questões: isto é possível? Isto existe? E também entre estas duas outras: se isto não existe, mesmo que seja possível, por que o fato não acompanha a possibilidade? E essa pessoa que jamais teve absolutamente nenhum pecado, é verdade que ela existe, existirá um dia, ou já existiu? Eis nosso tema dividido em quatro questões.

Suponhamos então que me perguntem primeiramente se o ser humano pode ser sem pecado neste mundo? Eu respondo que pode, com a ajuda da graça de Deus e com seu livre arbítrio.

Sem sombra de dúvida eu condiciono o próprio livre arbítrio à graça de Deus, no sentido de que esta liberdade humana é um dom de Deus, a quem ela deve não apenas sua existência, como também o fato de ser boa, ou seja, de se dedicar ao cumprimento

dos mandamentos divinos. Desta forma, a graça de Deus não se limita a mostrar o que deve ser feito, mas ajuda também a fazer o que foi mostrado. De fato, o que temos que não foi recebido[220]?

Daí também estas palavras de Jeremias: *Bem sei, Senhor, que não é o homem dono de seu destino e que ao caminhante não lhe assiste o poder de dirigir seus passos*[221].

Da mesma forma, dirige-se o Salmista a Deus nestes termos: *Impusestes vossos preceitos, para serem observados fielmente*. Mas logo, longe de qualquer presunção sobre suas forças, ele admite somente o desejo de cumpri-los: *Oxalá se firmem os meus passos na observância de vossas leis. Não serei então confundido, se fixar os olhos nos vossos mandamentos*[222].

Quem pede ajuda para fazer o que está em seu inteiro poder fazer sem nenhuma ajuda? Mas, a quem se pede esse favor? Não é à sorte, nem ao destino e nem a nenhuma outra força além de Deus. Isto é dito bem claramente nas palavras que se seguem: *Dirija meus passos segundo a vossa palavra, para que jamais o pecado reine sobre mim*[223].

As pessoas libertadas dessa dominação execrável e dessa servidão são aquelas a quem o Senhor Jesus deu o poder de se

[220] Cf. 1 Coríntios 4: 7.
[221] Jeremias 10: 23.
[222] Salmo 118: 4-6.
[223] Salmo 118: 133.

tornarem filhos de Deus, por que elas lhe deram acolhida[224]. Essa dominação horrível e vergonhosa, tiveram que superar aqueles aos quais foi dito: *Se, portanto, o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres*[225].

De acordo com estes testemunhos e uma infinidade de outros também, não posso duvidar de dois pontos essenciais: o primeiro é que Deus não estabeleceu para o ser humano nenhum preceito impossível de ser cumprido e o segundo é que nada é impossível também para Deus, em termos de ajuda e socorro capazes de nos fazer cumprir o que ele ordena. É por isso que eu concluo que o ser humano, com o socorro de Deus, pode, se quiser, existir sem pecado.

Capítulo 08

Há neste mundo uma única pessoa sem pecado?

Mas, me perguntam se existe de fato alguém sem pecado neste mundo e esta é a segunda questão que eu coloquei.

Não, eu não creio, pois creio mais na Escritura que diz: *Não entreis em juízo com o vosso servo, porque ninguém que viva é justo diante de vós*[226].

---

[224] Cf. João 1: 12. *A todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*.
[225] João 8: 36.
[226] Salmo 142: 2.

Sempre então precisamos da misericórdia de Deus, que prevalece sobre sua justiça, mas que jamais será concedida para aquele que não tiver sido misericordioso[227].

Observe também estas primeiras palavras do Profeta: *Eu vos confessei o meu pecado e não mais dissimulei a minha culpa. Disse: "Sim, vou confessar ao Senhor a minha iniquidade". E vós perdoastes a pena do meu pecado*[228]. Uma segunda afirmação segue imediatamente esta: *Assim também, todo fiel recorrerá a vós, no momento da necessidade*[229].

Vemos bem que o Profeta não diz "todo pecador", mas sim, *todo fiel*, pois esta é a confissão dos santos: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[230].

Da mesma forma, o mesmo apóstolo São João nos fala no Apocalipse de *cento e quarenta e quatro mil que foram resgatados da terra. Estes são os que não se contaminaram com mulheres, pois são virgens. São eles que acompanham o Cordeiro por onde quer que vá; foram resgatados dentre os homens, como pri-*

---

[227] Cf. Tiago 2: 13. *Haverá juízo sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o julgamento*.
[228] Salmo 31: 5.
[229] Salmo 31: 6.
[230] 1 João 1: 8.

mícias oferecidas a Deus e ao Cordeiro. Em sua boca não se achou mentira, pois são irrepreensíveis[231].

Se, de fato, eles *são irrepreensíveis*, é por que eles fizeram a eles mesmos uma censura legítima e a mentira não estava em seus lábios, pois, se eles dissessem que não havia pecados neles, se enganariam e a verdade não estaria com eles. Então, certamente reinaria a mentira onde não houvera a verdade, pois o justo, quando começa a falar, acusa a si mesmo e não mente[232].

Capítulo 09

A perfeição humana não é adquirida em um instante, mas gradualmente.

É verdade que nos contrapõem este texto: *Todo aquele que é nascido de Deus não peca, por que o germe divino reside nele e não pode pecar, por que nasceu de Deus*[233].

Este oráculo e outros que aparecem em outros lugares no mesmo sentido ocasionaram um grande erro por parte de alguns, por que eles não examinam bem as santas escrituras e, sobre este ponto em particular, uma observação importante lhes escapa.

---

[231] Apocalipse 14: 3-5.
[232] Cf. Provérbios 18: 17. *Quem primeiro advoga sua causa parece ter razão, mas sobrevém a parte adversa, que examina a fundo*.
[233] 1 João 3: 9.

De fato, para se tornar filho de Deus, basta começar a desenvolver um novo espírito, começar a ser renovado em seu ser mais íntimo, de acordo com a *imagem Daquele que o criou*[234].

No entanto, não é já a partir do momento em que se recebe o batismo que toda a velha enfermidade desaparece. A remissão dos pecados só faz iniciar a renovação, que continua na medida em que cada um desenvolve seu gosto pelas coisas espirituais, se este gosto já está disponível.

Quanto aos efeitos completos dessa renovação, eles acontecem, mas somente na esperança, quando essa renovação terminar, ou seja, quando o corpo for totalmente renovado e transformado para o estado melhor de imortalidade e incorruptibilidade, por ocasião da ressurreição dos mortos.

O que Jesus Cristo chama de regeneração não é, certamente, aquela que já acontece no batismo, mas sim aquela em que o princípio que inicia a renovação pelo espírito, termina sua obra no corpo, aperfeiçoando-o. Ele diz: *No dia da renovação do mundo, quando o Filho do Homem estiver sentado no trono da glória, vós, que me haveis seguido, estareis sentados em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel*[235].

---

[234] Colossenses 3: 9 e 10. *Vós vos despistes do homem velho com os seus vícios e vos revestistes do novo, que se vai restaurando constantemente à imagem Daquele que o criou, até atingir o perfeito conhecimento.*
[235] Mateus 19: 28.

Assim, no batismo, acontece, sem dúvida, uma remissão plena e completa dos pecados, mas acontece também imediatamente uma mudança plena e completa do ser humano, que o renova para toda a eternidade?

É mesmo isso o que acontece __ não digo no próprio corpo, pois é evidente que lhe fica sempre a tendência rumo à antiga corrupção e rumo à morte e que só deve ser renovado mais tarde, no fim dos tempos, quando então a renovação será realmente total __ repito, é mesmo isso o que acontece na alma, que é a parte mais íntima do ser humano?

Ah! Se o batismo produzisse nela uma renovação total, o Apóstolo não diria: *Ainda que exteriormente se desconjunte nosso homem exterior, nosso interior renova-se de dia para dia*[236].

Evidentemente que renovar-se assim, dia a dia, não é já ter adquirido a total renovação e, por consequência, o ser humano permanece ainda sob o velho império, na medida do que ainda não foi renovado nele.

Concluímos que, submetido ainda, em parte, ao seu velho e primeiro estado, embora batizados, os cristãos ainda são, por essa própria condição, filhos do mundo. Mas, em parte seu estado é novo, ou seja, graças à plena e completa remissão de seus pecados e na medida também de seu gosto pelas coisas espirituais e do

[236] 2 Coríntios 4: 16.

cuidado que eles têm em adequar a elas sua conduta, eles são filhos de Deus.

Foi, de fato, nosso ser mais íntimo que foi despido do velho ser humano e revestido do novo, já que, no batismo, nos livramos da mentira, falamos a linguagem da verdade, praticamos os atos que o Apóstolo enumera para explicar o que é despir o velho ser humano e vestir o novo, que foi *criado segundo Deus, em uma justiça e uma santidade verdadeiras*[237].

São Paulo, de fato, mesmo de dirigindo a batizados, a fiéis, ainda os exorta a se renovar. Ele não faria isso se essa renovação já tivesse sido executada perfeitamente pelo batismo.

É preciso então entender, por um lado, que essa renovação acontece no batismo como se já tivéssemos encontrado a salvação, pois Deus *nos salvou mediante o batismo da regeneração e renovação*[238].

Mas, por outro lado, em que proporção esse feliz efeito aconteceu? O Apóstolo nos diz em outro lugar: *Também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos em nós mesmos, aguardando a adoção, a redenção do nosso corpo. Por que pela esperança é que fomos salvos. Ora, ver o objeto da esperança já não é esperança, por que o que alguém vê, como é que ainda o espera?*

---

[237] Cf. Efésios 4: 22-24. *Renunciai à vida passada, despojai-vos do homem velho, corrompido pelas concupiscências enganadoras. Renovai sem cessar o sentimento da vossa alma e revesti-vos do homem novo, criado à imagem de Deus, em verdadeira justiça e santidade*.
[238] Tito 3: 5.

Nós que esperamos o que não vemos, é com paciência que o aguardamos[239].

Capítulo 10

Quando virá a perfeição?

A plena adoção dos filhos de Deus acontecerá então somente com a própria redenção de nosso corpo. Esperando, só temos as primícias do Espírito e isso basta para que realmente já sejamos feitos filhos de Deus.

Quanto aos outros privilégios da adoção, assim como temos, em esperança somente a salvação e a renovação, da mesma forma e na mesma medida, somos os filhos de Deus. Reciprocamente, como não temos ainda a salvação e nem, por consequência, a plena e completa renovação, não somos ainda filhos de Deus, mas filhos do mundo.

O princípio de vida que nos criou filhos de Deus nos faz progredir também na renovação e na justiça. Em virtude desse princípio, somos absolutamente impecáveis, até o dia em que ele assimilará, transformando-o, o outro princípio pelo qual ainda somos filhos do mundo. Mas, por este princípio, ainda podemos pecar.

[239] Romanos 8: 23-25.

Daí estas duas consequências: *Todo aquele que é nascido de Deus não peca*[240] e, no entanto, *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[241].

Um dia então desaparecerá nosso triste qualificativo de filhos da carne e do mundo, bem como acontecerão nossa adoção como filhos de Deus e nossa renovação espiritual.

Daí estas palavras de São João: *Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser*[242]. O que significam este *somos* e este *havemos de ser*, se não é: somos na esperança e havemos de ser na realidade? Pois ele prossegue nestes termos: *Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é*.

Assim, desde já começamos a nos parecer com ele, já que temos as primícias de seu Espírito, mas, por causa dos restos do velho ser humano, diferimos também dele. Enquanto regenerados pelo espírito do Filho de Deus, somos semelhantes a ele. Enquanto filhos da carne e do mundo, diferimos dele.

Impecáveis por um lado, mas nos enganamos se pretendemos ser sem pecados. Assim será até que todo nosso ser passe para o estado de adoção e que, em nós, o pecador não exista mais.

---

[240] 1 João 3: 9.
[241] 1 João 1: 8.
[242] 1 João 3: 2.

Mais um pouco e não existirá o ímpio; se olhares o seu lugar, não o acharás[243].

Capítulo 11

Por que o justo não gera um justo.

Fútil, portanto, é o argumento daqueles que dizem: "Se um pecador gerou um pecador, de sorte que seu filho deve receber o batismo para ter o perdão de seu pecado original, então um justo deveria também gerar um justo".

Como se o princípio da justiça no ser humano fosse também o princípio gerador segundo a carne! Como se a geração não fosse devida, pelo contrário, a esse resto de concupiscência que ainda age em nossos órgãos, à lei do pecado que a lei do espírito converte e que ela usa para a propagação da família!

Sim, entre nós, o ato da reprodução é devido ao que nos resta do velho ser humano, o que nos rebaixa e arrasta ainda para os filhos do mundo e não às primícias gloriosas que nos elevam, pela renovação ao nível dos filhos de Deus, pois, segundo Jesus, são *Os filhos deste mundo* que *se casam e se dão em casamento*[244].

Assim, o que nasce daí é totalmente semelhante ao seu princípio: *O que nasceu da carne é carne*[245]. Os únicos justos, admi-

[243] Salmo 36: 10.
[244] Lucas 20: 34.
[245] João 3: 6.

timos, são os filhos de Deus, mas, enquanto filhos de Deus, eles não geram pela carne, já que eles mesmos nasceram, não da carne, mas do espírito.

Mesmo entre eles, aqueles, quaisquer que sejam, que geram pela carne, só geram também pelas partes deles mesmos em que os miseráveis restos de um velho e triste estado ainda não foram transformados pela renovação perfeita.

Daí, toda criança que deve seu nascimento a este lugar velho e enfermo da humanidade, está, necessariamente também, no estado do velho ser humano e da fraqueza e, portanto, precisa, por sua vez, receber espiritualmente, pela remissão dos pecados, uma geração nova.

Se essa renovação não aconteceu para ela, de nada lhe valeu ter nascido de pais justos, já que eles são justos pelo espírito e o espírito não tem nenhuma influência na geração. Se, pelo contrário, ela vem a ser regenerada, seus pais, mesmo injustos, não lhe prejudicam em nada, pois, pela graça do espírito, o filho adquiriu a esperança da renovação eterna, enquanto que os pais permaneceram totalmente como velhos seres humanos, por terem mantido o espírito da carne.

Capítulo 12

Também pecaram os santos mais elogiados das santas escrituras.

O texto: *Aquele que nasceu de Deus não peca*[246], não é contrário a este outro texto, que fala nestes termos das pessoas que já nasceram de Deus: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[247].

O ser humano, mesmo que na esperança esteja renovado integralmente, na realidade, só o é parcialmente pela regeneração espiritual. Esta é sua condição, pelo tempo que ele carregar este corpo que se corrompe e pesa sobre a alma. Então, é fácil pressentir quais são, em cada pessoa, suas tendências e o que se deve dizer das consequências de um estado assim.

Eu acho difícil encontrar pessoas que tenham recebido por parte das santas escrituras tão grandes elogios quantos estes três servidores de Deus: Noé, Daniel e Jó. Eles seriam os únicos, de fato, segundo o profeta Ezequiel, que poderiam se ver livres de uma certa ira misteriosa e iminente do Altíssimo[248].

---

[246] 1 João 5: 18.
[247] 1 João 1: 8
[248] Ezequiel 14: 12-14. *A palavra do Senhor foi-me dirigida nestes termos: "Filho do homem, se uma terra pecasse contra mim por infidelidade e eu estendesse contra ela a mão, suprimindo-lhe o pão que fortifica e a ela enviasse a fome exterminadora dos animais e dos homens, ainda que houvesse nessa terra Noé, Daniel e Jó, esses três homens só salvariam a si próprios, devido à sua justiça".*

Deus, nestes três personagens, representou três tipos de pessoas que devem ser salvas. Noé, se não me engano, representa os pastores de gente, por que dirigiu sua arca, uma representação da Igreja. Daniel é o típico justo que vive na continência e Jó é o modelo das pessoas casadas.

Sobre este tema, talvez se possa extrair das santas escrituras outros sentidos, mas não precisamos explorar isto aqui. A eminência da virtude destes personagens aparece suficientemente aqui, no oráculo deste profeta e também em outros textos inspirados.

Não há razão para que uma pessoa sóbria diga que a embriaguez não seja um pecado. No entanto, um destes personagens foi uma vez surpreendido embriagado, embora não fosse um beberrão[249].

Capítulo 13

Daniel

Quanto a Daniel, veja o que ele disse dele mesmo, segundo a prece que ele dirigiu a Deus: *Eu falava ainda, pedindo, confessando meu pecado e o de meu povo de Israel*[250].

[249] Cf. Gênesis 9: 20 e 21. *Noé, que era agricultor, plantou uma vinha. Tendo bebido vinho, embriagou-se e apareceu nu no meio de sua tenda*.
[250] Daniel 9: 20.

Foi esta confissão, se não me engano, que lhe valeu o elogio do profeta Ezequiel já citado, quando, falando a um homem cheio de soberba, lhe disse: *Eis-te mais sábio que Daniel*[251].

É impossível escapar aqui através do raciocínio que algumas pessoas apresentam diante da Oração do Senhor. Elas dizem: "Os Apóstolos, santos e perfeitos, rezavam a Deus, mesmo que não tivessem absolutamente nenhum pecado. Mas eles não rezavam para eles mesmos e sim para os imperfeitos. Era para seus irmãos pecadores que eles diziam: *Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos ofendeu*[252]. Com o pronome *nós* eles queriam mostrar a unidade entre eles e essas pessoas que ainda tinham pecados, dos quais eles estavam absoluta e completamente libertados".

Eis o que não se pode dizer de Daniel, que, em sua qualidade de profeta, previu, creio, que essas doutrinas presunçosas viriam em seu tempo.

Após ter dito e repetido em sua prece: *meu pecado e o de meu povo*, ele não desenvolveu sua ideia e não deu mais explicações, de modo a nos fazer entender uma frase como esta: *Eu falava ainda, pedindo, confessando meu pecado e o de meu povo de Israel*. Ele nem mesmo falou de forma confusa, que nos deixasse na incerteza e nos remetesse à unidade entre ele e seu povo, di-

[251] Ezequiel 28: 3.
[252] Mateus 6: 12.

zendo, por exemplo: "Confessando nossos pecados, ao Senhor meu Deus". Ele pareceu mesmo ter o cuidado de separá-los e marcar perfeita e energicamente a distinção entre eles, dizendo: *meu pecado e o de meu povo*.

Quem ousará contestar uma evidência assim? Somente aquele que gosta muito mais de defender sempre o que pensa, do que de encontrar o que deve pensar.

Capítulo 14

Jó

Vejamos o que disse Jó sobre ele mesmo, após o magnífico testemunho que Deus prestou às suas virtudes.

Ele disse: *Sim; bem sei que é assim; como poderia o homem ter razão contra Deus? Se quisesse disputar com ele, não lhe responderia uma vez entre mil*[253]. E, um pouco depois: *Se se busca fortaleza, é ele o forte; se se busca o direito, quem o determinará?*[254] E, mais a frente ainda: *Temo por todos os meus tormentos, sabendo que não me absolverás. Tenho certeza de ser condenado: o que me adianta cansar-me em vão? Por mais que me lavasse na neve, que limpasse minhas mãos na lixívia, tu me atirarias na imundície e as minhas próprias vestes teriam horror de mim*[255].

[253] Jó 9: 2 e 3.
[254] Jó 9: 19.
[255] Jó 9: 28-31.

É também Jó quem diz longamente, em outros lugares, sobre ele mesmo: *Queres ditar contra mim amargas sentenças e queres que me sejam imputadas as faltas de minha mocidade, queres enfiar os meus pés no cepo, espiar todos os meus passos e contar os rastos de meus pés? E ele se gasta como um pau bichado, como um tecido devorado pela traça.*[256].

O homem nascido da mulher vive pouco tempo e é cheio de muitas misérias; é como uma flor que germina e logo fenece, uma sombra que foge sem parar. E é sobre ele que abres os olhos e o chamas a juízo contigo. Quem fará sair o puro do impuro? Ninguém. Se seus dias estão contados, se em teu poder está o número dos seus meses e fixado um limite que ele não ultrapassará[257].

E, por fim, mais além ainda: *Mas agora contas os meus passos e observas todos os meus pecados; tu selaste como num saco os meus crimes, puseste um sinal sobre minhas iniquidades, mesmo as não intencionais*[258].

Aí está, portanto, Jó confessando seus pecados e declarando saber, com toda verdade, que ninguém é justo perante Deus. Ele diz isto com toda verdade por que, *Se dizemos que não temos pe-*

[256] Jó 13: 26-28.
[257] Jó 14: 1-5.
[258] Jó 14: 16 e 17 (Septuaginta).

cado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós[259].

Concluamos que, se Deus, falando de acordo com a medida de nossa virtude humana, presta a Jó um testemunho tão magnífico, Jó, pelo seu lado, medindo-se com a régua da soberana justiça que ele percebe, como ele pode, no próprio Deus, declara com toda verdade o que ele é realmente.

Ele acrescenta: *Como poderia o homem ter razão contra Deus? Se quisesse disputar com ele, não lhe responderia uma vez entre mil*. Ou seja, se na hora do julgamento ele quiser demonstrar que não se pode encontrar nele nenhum motivo para condenação, ele não estará então obedecendo a Deus. Ele perderá, de fato, a obediência que manda confessar seus pecados perante Deus.

É daí que vem esta censura que Deus faz a alguns: *Por que discutis comigo?*[260]

O Salmista se precavem contra uma censura assim e diz: *Não entreis em juízo com o vosso servo, por que ninguém que viva é justo diante de vós*[261].

É a mesma razão que faz Jó dizer esta frase: *Se eu pretendesse ser justo, minha boca me condenaria; se fosse inocente, ela*

---

[259] 1 João 1: 8.
[260] Jeremias 2: 29.
[261] Salmo 142: 2.

me declararia perverso[262]. Ou seja, se no julgamento, onde a regra perfeita da justiça me convence da minha injustiça, eu ouso no entanto me declarar justo, muito certamente minha boca terá uma linguagem ímpia, por que ela falará contra a verdade de Deus.

Capítulo 15

Jó também se sentia um homem "filho da ira".

O santo patriarca demonstra também que a própria fragilidade __ ou, digamos melhor, a condenação ligada à nossa geração carnal __ deriva da transgressão do pecado original. Falando de seus pecados pessoais e querendo, de alguma forma, explicar suas causas, ele diz que o ser humano nascido da mulher vive pouco tempo e é cheio de ira.

Que ira é esta, se não é aquela pela qual todos, no dizer do Apóstolo, são naturalmente, ou seja, originalmente, *filhos da ira*[263], por que são filhos da concupiscência carnal e do mundo?

O patriarca declara, aliás, que a morte é para o ser humano a consequência dessa condição de ira com que ele vem ao mundo, pois, após haver dito que *O homem nascido da mulher vive pouco tempo e é cheio de muitas misérias*, ele acrescenta, como com-

---

[262] Jó 9: 20.

[263] Efésios 2: 3. *Todos nós éramos deste número quando outrora vivíamos nos desejos carnais, fazendo a vontade da carne e da concupiscência. Éramos, como os outros, por natureza, verdadeiros filhos da ira*.

plemento a esta frase: *é como uma flor que germina e logo fenece, uma sombra que foge sem parar*.

E quando ele logo acrescenta: *E é sobre ele que abres os olhos e o chamas a juízo contigo. Quem fará sair o puro do impuro? Ninguém. Se seus dias estão contados, se em teu poder está o número dos seus meses e fixado um limite que ele não ultrapassará*, isto é o mesmo que dizer: "Vós quisestes que esse homem, cuja vida é tão curta, parasse um dia perante vosso tribunal. Pois, por mais curta que tenha sido sua vida, mesmo que tenha sido de apenas um dia, seria impossível ela ser sem mácula e, portanto, ele sofrerá toda a justiça de vosso julgamento".

Ele termina com esta frase: *Agora contas os meus passos e observas todos os meus pecados; tu selaste como num saco os meus crimes, puseste um sinal sobre minhas iniquidades, mesmo as não intencionais*[264]. Estas palavras não bastam para mostrar que a justiça divina tem o direito de nos imputar até mesmo os pecados que não têm como causa os atrativos de um deleite, mas que são cometidos para evitar algum aborrecimento, algum sofrimento ou mesmo a morte? Estas são as faltas que dizem ser cometidas sob o império de não sei que necessidade, enquanto que o dever quer que todas sejam vencidas neste mundo, pelo amor e o deleite que inspira a justiça.

[264] Jó 14: 16 e 17 (Septuaginta).

Esta mesma frase de Jó __ *tu selaste como num saco os meus crimes, puseste um sinal sobre minhas iniquidades, mesmo as não intencionais* __ pode muito bem parecer o prelúdio desta outra frase, que lemos em outro lugar: *Não entendo absolutamente minhas ações, pois não faço o bem que quero; mas o mal que odeio, isso eu faço*[265].

Capítulo 16

Com relação à justiça de Jesus Cristo, Jó acusa ele mesmo.

Para apreciar, enfim, a virtude de Jó, não basta ouvir, por sua vez, o testemunho de Deus? O senhor afirmou sua justiça quando a Escritura __ ou seja, o Espírito de Deus __ declarou: *Em tudo isso, Jó não cometeu pecado algum, nem proferiu contra Deus blasfêmia alguma*[266].

No entanto, quando esse mesmo Deus lhe falou mais tarde, empregou contra ele uma linguagem de reprovação e o próprio Jó atesta isto ao dizer: "Por que sou, além disso, julgado e advertido? Por que ouço as repreensões do Senhor?"

Ora, só se pode repreender uma pessoa em quem se vê motivo para repreensão. Mas, qual é o sentido dessa reprimenda dirigida a Jó por um personagem que se entende ser o próprio Senhor

[265] Romanos 7: 15.
[266] Jó 1: 22.

Jesus? Este havia feito a enumeração das obras realmente divinas de seu soberano poder e esta foi a base, de fato, de sua reprimenda, a ponto dele parecer dizer: "Você tem um poder comparável ao que tenho de realizar tantas coisas?"

Para onde vai esta reflexão, se não para mostrar ao santo patriarca uma verdade cuja inspiração do céu já devia ter lhe fornecido o princípio, pois ele sabia, através dessa inspiração, que um dia o Cristo viria voluntariamente para sofrer neste mundo?

Essa verdade era, para Jó, a obrigação de sofrer com resignação todos os males que o atingisse, já que Jesus Cristo __ mesmo que isento absolutamente de pecados, mesmo quando se fez humano por nós e em quem reside, como em Deus, um poder incomparável __ não se recusou se submeter obedientemente à sua paixão dolorosa.

Assim, Jó, cada vez mais purificado de coração e intenção, cumpre esse dever e acrescenta estas palavras à sua humilde resposta: *Meus ouvidos tinham escutado falar de ti, mas agora meus olhos te viram. É por isso que me retrato e arrependo-me no pó e na cinza*[267].

Por que nessa hora de tão magnífica inteligência, Jó é tão severamente repreendido? O que lhe desagradava nele mesmo não podia ser sua natureza humana, já que ela é obra de Deus e, em

[267] Jó 42: 5 e 6.

outro lugar, a Escritura ousa dizer ao Altíssimo: *Não abandoneis a obra de vossas mãos!*[268].

Foi então nessa própria justiça em que ele se reconhecia justo, humanamente falando, foi aí que ele encontrou do que censurar nele mesmo, do que se arrepender *no pó e na cinza*, por que seu espírito contemplou a justiça de Jesus Cristo, que nenhum pecado pôde atingir, não somente em sua divindade, mas até mesmo em sua alma e em sua carne.

Esta é a justiça que vem de Deus e que São Paulo comparou com sua própria justiça segundo a Lei, reprovando esta justiça legal, embora irreprovável humanamente e vendo-a não somente como uma perda, mas também como escória e esterco[269].

Capítulo 17

Ninguém é justo em todos os aspectos.

Assim, o magnífico testemunho que o próprio Deus prestou em louvor a Jó não contradiz o oráculo que declara: *Ninguém que viva é justo diante de vós*[270].

---

[268] Salmo 137: 8.
[269] Cf. Filipenses 3: 6-9. *Quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça legal, declaradamente irrepreensível. Mas tudo isso, que para mim eram vantagens, considerei perda por Cristo. Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com ele. Não com minha justiça, que vem da Lei, mas com a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé*.
[270] Salmo 142: 2.

O elogio ao santo patriarca não demonstra que não tenha restado nele nenhum motivo de reprovação ou nada de que ele não possa ser acusado com toda verdade, nada do que o Senhor não possa justamente lamentar, mesmo que, sem mentira nenhuma, seu panegírico o declarasse justo, verdadeiro servidor de Deus e fiel em se abster de qualquer obra má.

Este foi, de fato, literalmente, o elogio que Deus fez a ele: *"Notaste o meu servo Jó? Não há ninguém igual a ele na terra; íntegro, reto, temente a Deus, afastado do mal"*[271].

As primeiras palavras deste elogio o exaltam comparando-o com as pessoas que viviam então sobre a terra. Está claro que ele ultrapassava todos os justos que podiam viver naquela época. Mas, por que ele era o mais avançado em seu progresso rumo à perfeição não é motivo, no entanto, para concluirmos que ele era absolutamente isento de qualquer pecado.

O texto diz que ele era *íntegro*, por que ninguém tinha contra ele nenhum motivo de queixa; *reto*, por que levava tão a sério a pureza dos costumes que ele não tinha, neste ponto, nenhum rival; *temente a Deus*, por que ele sabia, com verdade e humildade, confessar suas próprias faltas; *afastado do mal*. Mas, teria sido um fenômeno se ele pudesse mesmo evitar qualquer palavra ou também qualquer pensamento ruim.

[271] Jó 1: 8.

Até onde Jó levou a perfeição, ignoramos. Sabemos, no entanto, que ele foi justo. Sabemos que ele foi grande, por suportar as mais temíveis provas das tribulações. Sabemos que ele sofreu todos aqueles males infinitos, não por causa de seus pecados, mas para dar o exemplo de suas grandiosas virtudes.

No entanto, as palavras elogiosas que Deus pronuncia com relação a ele poderiam ser atribuídas também a algum personagem heroico que encontrasse sua felicidade na Lei de Deus, pelo menos em seu íntimo, enquanto via em seus membros outra lei em oposição à lei de seu espírito. Julguemos comparando com estas palavras: *Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita. Encontro, pois, em mim esta lei: quando quero fazer o bem, o que se me depara é o mal*[272].

Vemos aqui um personagem que também, em seu ser mais íntimo, é estranho a toda obra má. Isto não está nele, mas o mal que habita sua carne opera a obra culposa. Mas, como o que nele se compraz com a Lei de Deus lhe vem unicamente da graça de Deus, ele sente necessidade de libertação e clama bem alto: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*[273]

[272] Romanos 7: 19 e 20.
[273] Romanos 7: 24 e 25.

Capítulo 18

A perfeição humana, mesmo perfeita, ainda é imperfeita.

Admitamos então que este mundo apresenta justos, pessoas grandiosas, fortes, prudentes, castas, pacientes, pias, misericordiosas e que suportam com coragem, para o bem da justiça, todos os males do mundo presente.

Mas, se é verdade __ ou melhor, por que é verdade __ que: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[274] e que, *Ninguém que viva é justo diante de vós*[275], este mundo não apresenta, portanto, ninguém que seja isento de pecado. Nenhum de seus santos leva o orgulho e a tolice até o ponto de acreditar que não precise pessoalmente e pelos seus pecados, quaisquer que eles sejam, implorar o perdão através da Oração do Senhor.

Capítulo 19

Nem mesmo o sacerdote Zacarias tinha a santidade sacerdotal de Jesus Cristo.

Restam Zacarias e Isabel, cujos nomes frequentemente são apresentados nos debates sobre este tema. Sobre isto, temos que

[274] 1 João 1: 8.
[275] Salmo 142: 2.

concordar que realmente, segundo o testemunho evidente das Escrituras, Zacarias dava provas de uma grande virtude dentre os sumos sacerdotes consagrados para oferecer sacrifícios no Antigo Testamento.

No entanto, há um oráculo na Epístola aos Hebreus que eu já citei no primeiro livro deste tratado[276] e este oráculo pronuncia que Jesus Cristo é o único Sumo Sacerdote que não precisou __ como aqueles denominados sumos sacerdotes __ oferecer todos os dias primeiro um sacrifício para seus próprios pecados e depois para os do povo.

Diz esta Epístola: *Tal é, com efeito, o Pontífice que nos convinha: santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e elevado além dos céus; que não tem necessidade, como os outros sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro pelos pecados próprios, depois pelos do povo; pois isto o fez de uma só vez para sempre, oferecendo-se a si mesmo*[277].

Dentre esses sumos sacerdotes estavam Zacarias, Fineas e Aarão, de onde essa ordem sacerdotal surgiu e todos aqueles que, revestidos desse sacerdócio, levaram uma vida justa e louvável. Todos, no entanto, precisaram oferecer, antes de tudo, sacrifícios para seus próprios pecados. Somente Jesus Cristo, cujos antigos sacerdotes eram a representação, foi um sacerdote inacessível a

[276] Livro I, cap. 50.
[277] Hebreus 7: 26 e 27.

qualquer mácula e não teve jamais essa indispensável necessidade[278].

Capítulo 20

Zacarias e Isabel não eram mais perfeitos do que São Paulo, que confessa a imperfeição da própria perfeição.

Por fim, no elogio que o Evangelho faz de Zacarias e Isabel, há um só detalhe que não esteja no testemunho que presta a ele mesmo o apóstolo São Paulo, ao falar do estado que precedeu sua conversão à fé em Jesus Cristo?

Ele afirma que era, *quanto à justiça legal, declaradamente irrepreensível*[279]. É isto o que precisamente lemos também sobre o pio casal: *Ambos eram justos diante de Deus e observavam irrepreensivelmente todos os mandamentos e preceitos do Senhor*[280].

Como, afinal, toda essa justiça que residia neles não era um fingimento de virtude praticado em favor de pessoas, a Escritura diz que eles eram justos perante Deus.

O que está escrito sobre Zacarias e sua esposa __ *observavam irrepreensivelmente todos os mandamentos e preceitos do*

---

[278] Cf. Hebreus 5: 1-3. *Em verdade, todo pontífice é escolhido entre os homens e constituído a favor dos homens como mediador nas coisas que dizem respeito a Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. Sabe compadecer-se dos que estão na ignorância e no erro, porque também ele está cercado de fraqueza. Por isso, ele deve oferecer sacrifícios tanto pelos próprios pecados quanto pelos pecados do povo*.
[279] Filipenses 3: 5 e 6.
[280] Lucas 1: 6.

Senhor __, o Apóstolo disse abreviadamente com uma simples expressão: *justiça legal*. Antes do Evangelho, não havia duas leis, uma para São Paulo e outra para o casal; havia uma só, dada, segundo as Escrituras, por Moisés aos seus pais. Lei segundo a qual Zacarias era sacerdote e sacrificava, por sua vez.

No entanto, o Apóstolo, que tinha dado provas de uma justiça semelhante, continua e declara: *Mas tudo isso, que para mim eram vantagens, considerei perda por Cristo. Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com ele. Não com minha justiça, que vem da Lei, mas com a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé. Anseio pelo conhecimento de Cristo e do poder da sua Ressurreição, pela participação em seus sofrimentos, tornando-me semelhante a ele na morte, com a esperança de conseguir a ressurreição dentre os mortos*[281].

Assim, mesmo sendo elogiados no santo Evangelho, Zacarias e Isabel não tinham, em nossa opinião, a perfeição de justiça que exclui qualquer pecado. Esta é uma perfeição tão absoluta, tão elevada à altura da regra sublime de justiça, que não admitimos nem mesmo no grande Apóstolo.

[281] Filipenses 3: 7-11.

Não, o Apóstolo não foi tão perfeito assim, não somente nessa justiça legal que ele possuía tão bem quanto esses dois personagens e que ele vê como ruína e perda, em comparação com a justiça eminente e tão diferente que é encontrada na fé em Jesus Cristo, quanto também na própria prática do Evangelho, em que mereceu, no entanto, o principado, pelo seu sublime apostolado.

Esta é uma afirmação que eu não ousaria me permitir, se eu não pensasse que fosse impiedade não acreditar, sobre isso, no próprio Apóstolo. Vejamos como ele prossegue e conclui a passagem já citada: *Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Jesus Cristo. Consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro isto: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo*[282].

É desta forma que ele mesmo confessa que não recebeu ainda o prêmio, que ainda não é perfeito plenamente na justiça que ele se esforça para adquirir em Jesus Cristo. Mas ele continua o caminho para essa meta, se esquecendo do percurso já feito e mirando a estrada que ainda tem que percorrer.

[282] Filipenses 3: 12-14.

Compreendamos assim que é dele mesmo que é dito: *É por isso que não desfalecemos. Ainda que exteriormente se desconjunte nosso homem exterior, nosso interior renova-se de dia para dia*[283]. Este é um perfeito viajante, portanto, que ainda não chegou ao final de seu caminho, ao término de sua corrida.

Por fim, ele quer atrair, para sua jornada, caminhantes como ele, que o acompanhem nessa estrada. É para eles que ele acrescenta estas palavras: *Nós, mais aperfeiçoados que somos, ponhamos nisto o nosso afeto e, se tendes outro sentir, sobre isto Deus vos há de esclarecer. Contudo, seja qual for o grau a que chegamos, o que importa é prosseguir decididamente*[284].

Essa caminhada, aliás, não é feita com os pés de nossos corpos, mas com os sentimentos de nossas almas e os costumes de nossas vidas. É desta forma que um dia poderemos possuir a perfeita justiça, após ter caminhada pela fé, sem desviar um passo, avançando dia a dia, progredindo na renovação de nós mesmos, já aperfeiçoados viajantes, enfim, nos caminhos dessa mesma justiça.

[283] 2 Coríntios 4: 16.
[284] Filipenses 3: 15 e 16.

Capítulo 21

Ninguém é sem pecado.

Concluamos então sobre todos os justos, quaisquer que eles tenham sido e que viveram neste mundo. As santas Escrituras celebraram suas vontades e suas obras de virtude. Outros personagens devem ter vivido após esses, sem terem recebido os mesmos elogios e louvores. Também há pessoas semelhantes no presente e as haverá no futuro. Todos são grandes. Todos são justos. Todos realmente louváveis. No entanto, nenhum deles foi ou é isento de qualquer pecado.

Os oráculos das santas Escrituras que fazem com que seja uma lei acreditar nos méritos desses santos, nos ordenam também acreditar nestas outras verdades: nenhuma alma viva é justa perante Deus e, portanto, reza-se para que ele não entre em julgamento com seus servidores; por fim, não somente o conjunto e a comunidade inteira de fiéis, mas cada um em particular necessita pronunciar para si mesmo a Oração que o Senhor deixou para seus discípulos.

Capítulo 22

A perfeição absoluta não se confunde com a perfeição relativa.

"Mas, o Senhor disse: *Sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito*[285], ele não ordenaria isto, se ele sabia que era impossível", argumentam.

Não é a questão, neste momento, a possibilidade de uma perfeição assim, supondo que se entenda com isso a ausência absoluta de qualquer pecado, já nesta vida. Esta possibilidade, nós mesmos já afirmamos antes. Mas o que examinamos agora é se o ser humano atinge esta elevação.

Pois bem! Não há ninguém neste mundo que domine sua vontade no nível que exigiria um feito assim tão sublime. Para nós esta é uma verdade já estabelecida e provada claramente pelos oráculos tão incisivos das Santas Escrituras, que eu já citei.

Quando falamos de perfeição no ser humano, devemos esclarecer do que estamos falando. Acabo de citar um texto em que o Apóstolo admite que, quando se trata da justiça que ele aspira, ele mesmo ainda não é perfeito. Isto não o impede de acrescentar logo em seguida: *Nós, mais aperfeiçoados que somos, ponhamos nisto o nosso afeto*. Esta é uma dupla afirmação que São Paulo

[285] Mateus 5: 48.

não se permitiria, se ele não fosse aperfeiçoado em um ponto e não em outro.

Por exemplo: uma pessoa já pode ser perfeita para ouvir a linguagem da sabedoria e assim não eram, certamente, aqueles a quem São Paulo disse: *Eu vos dei leite a beber e não alimento sólido que ainda não podíeis suportar. Nem ainda agora o podeis, por que ainda sois carnais*[286].

Foi a eles também que ele disse: *O que pregamos entre os perfeitos é uma sabedoria*[287], querendo falar aqui dos perfeitos ouvintes. Repito que pode acontecer de uma pessoa ser, com relação à sabedoria, perfeita para aprender, sem ser ainda perfeita para ensinar; com relação à virtude, ela pode ser perfeita para apreciar, mas não ainda perfeita para praticar; com relação aos seus inimigos, seja perfeita para amá-los, mas não ainda para suportá-los.

Uma pessoa pode ser perfeita no sentido de que ama todas as pessoas e assim chegar até a amar seus próprios inimigos. No entanto, fica ainda a questão da perfeição no amor ao próximo, ou seja, se aqueles que ela ama, ela os ama tanto quanto ordena a imutável regra da verdade.

Desta forma, quando as Escrituras falam da perfeição de um indivíduo, não podemos deixar de examinar sobre qual aspecto é mencionada essa perfeição. Não se pode interpretar imediatamen-

[286] 1 Coríntios 3: 2.
[287] 1 Coríntios 2: 6.

te que uma pessoa seja sem pecado, só por que ela foi declarada perfeita em um ponto.

Podemos admitir que uma pessoa seja vista como digna desse tão belo título, não por que não lhe reste mais nenhum progresso a fazer em nenhum virtude, mas somente por que lhe resta pouco a fazer, com relação a isso.

Assim, podemos dizer que um doutor é perfeito na ciência das leis, mesmo quando alguns pontos delas ainda lhes são desconhecidos. Foi assim que o Apóstolo qualificou de perfeitos mesmo aqueles a quem disse: *Se tendes outro sentir, sobre isto Deus vos há de esclarecer. Contudo, seja qual for o grau a que chegamos, o que importa é prosseguir decididamente*[288].

Capítulo 23

Embora todos pequem de alguma maneira, permanece válido o mandamento de não pecar.

Mas, é uma obrigação para nós sermos tão perfeitos na prática da justiça que não cometamos nenhum pecado? Sim, este é o preceito de Deus e não podemos negá-lo, pois uma ação, seja ela qual for, não pode ser um pecado se o preceito divino não a proíbe.

[288] Filipenses 3: 15 e 16.

Mas, argumentam: “Por que Deus estabelece um preceito, sabendo que ninguém o cumprirá?”

Estaríamos também no direito de perguntar por que Deus estabeleceu uma proibição aos primeiros humanos, que eram as duas únicas pessoas, sabendo que eles não obedeceriam.

Aqui não podemos responder que ele quis estabelecer um preceito para que, com o erro dos nossos primeiros pais, nós o obedecêssemos, pois, a proibição de comer o fruto da árvore, Deus formulou somente para eles, por que ele sabia da injustiça que eles cometeriam e sabia também a lição que deveria tirar disso.

Com um objetivo semelhante, ele proíbe a todos de cometerem qualquer pecado, mesmo prevendo que ninguém cumpriria sua lei, para que todos os ímpios que culposamente descumprirem suas leis recebam sua merecida condenação. Por outro lado, os justos que avançam na piedade e na obediência de seus mandatos, mesmo não os cumprindo perfeitamente, se perdoam aos outros o que quer que lhes sejam perdoado, Deus mostrará sua bondade, purificando-os.

Eu pergunto também: a misericórdia de Deus perdoaria aquele que perdoa os outros, se a dívida não fosse pecado? E, como a justiça divina não proibiria o que constitui pecado?

Capítulo 24

São Paulo já se sentia vitorioso por causa da firmeza na esperança e não por que já fosse sem pecado.

Mas, dizem, o Apóstolo declara, falando dele mesmo: *Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Resta-me agora receber a coroa da justiça*[289]. Ele não falaria assim se ele considerasse ter algum pecado.

Respondam eles mesmos. Como o Apóstolo podia falar assim quando, em seu último martírio, que ele acabara de prever como iminente, ainda lhe restavam rudes tribulações e um combate tão terrível para enfrentar? Faltava então pouca coisa na corrida que ele devia enfrentar, quando essas últimas horas deveriam colocá-lo nas garras de um inimigo furioso e cruel?

Se ele falava em termos que evocavam a alegria de sua alma, com segurança e calma perfeita é por que a vitória nos combates que viriam lhe estava garantida e assegurada por aquele mesmo que lhe havia revelado a proximidade iminente desse martírio.

Ele falava sob o império, não de um fato plenamente consumado, mas de uma esperança inabalável e ele apresentava como um fato consumado o resultado feliz que ele vislumbrava no futuro. Além disso, se àquelas palavras de triunfo ele acrescentasse

[289] 2 Timóteo 4: 7 e 8.

esta frase confiante: “Daqui por diante, não tenho mais pecado”, nós as entenderíamos como se referindo à sua perfeição no futuro e não no passado.

Em vão se gostaria que, de fato, no momento em que o Apóstolo falava, a honra de já ser sem pecado já estivesse conquistada. Este privilégio só deveria lhe pertencer ao fim de sua corrida, quando então haveria a vitória definitiva sobre o inimigo.

É preciso admitir que São Paulo, no momento em que pronunciou esse discurso, ainda tinha que terminar seu último combate, que foi sua gloriosa paixão. Dizemos então que, para ele, tudo já estava perfeito no momento mesmo em que, cheio de confiança nas promessas de Deus, ele falava como se tudo já estivesse consumado.

É só ao fim de sua carreira que se relata, em particular, o perdão que ele concedeu aos seus inimigos; o mesmo perdão que ele pediu a Deus pelos seus próprios pecados. Tendo Deus lhe prometido o perdão com esta condição, o Apóstolo já estava assegurado de não ter mais nenhum pecado, ao fim de sua corrida. Um fim que estava ainda por vir, mas que uma santa confiança já lhe mostrava como já acontecida.

Por fim e sem apresentar mais nenhuma prova, quando o Apóstolo fez esse discurso, quando se acreditava que ele já estava sem pecado, eu me pergunto realmente se, mesmo então, ele esta-

va livre do espinho na carne que, por três vezes, ele tinha suplicado ao Senhor para livrá-lo. Enfim, ele só obteve esta resposta: *"Basta-te minha graça, por que é na fraqueza que se revela totalmente a minha força"*[290].

Vejam só! Para a perfeição de um homem assim, foi necessário deixá-lo nas mãos de um anjo de Satã, cujo chicote o impediu de se ensoberbar por causa da sublimidade de suas revelações.

E há pessoas capazes de acreditar ou de dizer que este ou aquele indivíduo, ainda sob o peso desta existência, pode existir absolutamente sem pecado!

Capítulo 25

Os maiores santos tiveram ou têm culpa para espiar.

Concordamos que houve pessoas com uma justiça tão proeminente a ponto de Deus lhes falar do meio de uma coluna de nuvens. Como foi o caso de Moisés e Aarão, dentre seus sacerdotes. Como Samuel, dentre aqueles que invocaram seu nome[291]. Deste dizemos que as Escrituras __ seguramente sempre verdadeiras __ celebraram magnificamente a santidade, a inocência que demonstrou desde a mais tenra idade, quando sua mãe, como ela confessou, o colocou no templo e o consagrou ao serviço do Senhor.

---

[290] 2 Coríntios 12: 9.
[291] Cf. Salmo 98: 6.

Pois bem! Destes mesmos santos está escrito: *Senhor, nosso Deus, vós os ouvistes, fostes para eles um Deus propício, ainda quando puníeis as suas injustiças*[292]. De fato, se sua ira pune os filhos da danação, sua misericórdia pune os filhos da graça, pois, *O Senhor castiga aquele a quem ama e pune o filho a quem muito estima* [293].

Ora, da parte de Deus, nem a vingança, nem a reprimenda e nem a flagelação são devidas a outra coisa que não seja por causa do pecado, com exceção daquele que se ofereceu aos chicotes para experimentar nossos males e para se assemelhar a nós em todos os detalhes, a não ser no pecado; aquele que seria o Santo dos Santos e o Advogado dos próprios santos, já que todos eles, por eles mesmos e sem mentir, dizem para Deus: *Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos ofendeu*[294].

Chegamos ao ponto em que ninguém pode ousar ainda se dizer sem pecado. Acreditamos que dizer o contrário seria um ato de hipócrita mentira e mentir já é um pecado ou, no mínimo, o começo do pecado.

---

[292] Salmo 98: 8.
[293] Provérbios 3: 12 e Hebreus 12: 6.
[294] Mateus 6: 12.

Capítulo 26

Nossa culpa surge da ignorância, da fragilidade e da incoerência com a graça de Deus.

Abordemos agora nossa terceira questão. Deus, querendo ajudar com sua graça a vontade humana, pode fazer com que o ser humano possa existir sem pecado nesta vida. Por que então, de fato, isto não é assim?

Eu poderia muito facilmente e com toda verdade responder: é por que os seres humanos não querem. Mas, se formos questionar por que eles não querem, a resposta nos arrastaria para uma longa explicação. Sem prejudicar um exame mais aprofundado, daria a razão em poucas palavras.

Os seres humanos não querem se comportar assim por que não percebem que isto é justo ou por que isto não lhes inspira nenhum atrativo. De fato, nossa vontade é mais viva com relação a uma coisa, na medida em que a bondade dessa coisa nos é certamente conhecida e sua atração nos agrada com mais intensidade. A ignorância e a fraqueza são os vícios que impedem nossa vontade de se movimentar para fazer uma boa obra ou para se abster de uma má ação.

Agora, como nos virá o conhecimento de um bem oculto e o atrativo por uma obra que não nos agrada de forma alguma? Este

privilégio está reservado à graça de Deus, que vem para ajudar as vontades humanas.

Mas, por que as pessoas não são sempre ajudadas? A causa está unicamente nelas mesmas e não em Deus, seja por que estão predestinadas à condenação, por causa de seu orgulho, seja por que devem, apesar do seu orgulho, ser julgadas favoravelmente e instruídas sobre seus deveres, se são filhas da misericórdia.

Daí vem estas primeiras palavras de Jeremias: *Bem sei, Senhor, que não é o homem dono de seu destino e que ao caminhante não lhe assiste o poder de dirigir seus passos*[295] e estas outras também, que ele acrescenta imediatamente: *Castigai-nos, Senhor, mas com equidade e não com furor, para que não sejamos reduzidos ao nada*[296]. É como se ele dissesse: "Sei que é para minha correção que o Senhor não me ajuda na direção de meus passos. No entanto, não me trate com a fúria que reserva aos ímpios, mas com a suavidade de julgamento que utiliza com seus filhos, para que eles não se ensoberbeçam".

Daí também vem este outro oráculo das Escrituras: *Viva a minha alma para vos louvar e ajudem-me os vossos decretos*[297].

[295] Jeremias 10: 23.
[296] Jeremias 10: 24.
[297] Salmo 118: 175.

Capítulo 27

No fundo de todo pecado está a soberba e no fundo de toda boa ação está o amor a Deus.

Desta forma, não atribua a Deus a causa de nenhuma falta humana. A verdadeira causa de todos os nossos vícios é o orgulho. Assim, para condená-lo e destruí-lo, vejamos qual remédio nos veio do céu.

O ser humano se inflou pelo orgulho e rumo a ele se abaixou, por misericórdia, um Deus que se fez humilde. Um Deus que manifesta claramente a gratuidade de sua graça no ser humano, mesmo que por excessiva caridade ele escolha preferencialmente a todos os seus outros irmãos em nossa natureza humana[298].

De fato, esse homem, ao qual o Verbo de Deus se uniu estreitamente, não recebeu, pelos méritos anteriores de sua vontade, essa união tão estreita que o fez ser ao mesmo tempo o Filho de Deus e o Filho do homem.

Foi preciso que uma pessoa, uma só, se fizesse nele. Se fossem, diferentemente, duas, três ou mais, se fosse possível, então a redenção seria pelo livre arbítrio de um homem e não pelo dom pessoal de um Deus. Na medida em que eu ouso apreciar os tesouros da sabedoria e da ciência escondidos em Jesus Cristo, esta é a

[298] Passagem incompreensível para o tradutor para o português. Tanto na versão em francês, quanto nas versões em espanhol e italiano.

lição que encontramos lá. É isto o que eles nos ensinam e é isto o que aprendemos.

É por isso também que, quando se trata de começar, de operar e de aperfeiçoar uma boa obra, todos nós, uma hora sabemos e outra ignoramos, uma hora experimentamos um santo prazer e outra hora um desprazer com isso. Assim, devemos aprender que a ciência ou a atração, quando temos um ou outro, não derivam de nossas faculdades, mas de um dom de Deus. Então, devemos nos lembrar com que verdade o Salmista disse, não da terra material, mas de nosso ser espiritual: *O Senhor nos dará seus benefícios e nossa terra produzirá seu fruto*[299].

A boa obra nos parece atrativa na mesma medida em que temos amor por Deus, o bem soberano e imutável autor de toda espécie de bens possíveis. Mas, para que possamos amar Deus, precisamos *que o amor de Deus* seja *derramado em nossos corações*, não por nós mesmos, mas, *pelo Espírito Santo que nos foi dado*[300].

[299] Salmo 84: 13.
[300] Romanos 5: 5.

Capítulo 28

Qual é a fronteira entre o livre arbítrio e a graça?

Mas aqui o ser humano tem dificuldade para descobrir qual parte do bem vem de nossa vontade, sem que essa parte venha de Deus. Eu ignoro como é possível descobri-la.

De fato, não devemos nos esquecer deste texto tão decisivo de São Paulo que fala dos bens humanos: *Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tivesses recebido?*[301]

A razão restringe nossas buscas em limites bem estreitos. Na medida em que cristãos como nós podem consultá-la sobre assuntos tão delicados, ela nos proíbe defender os interesses da graça até o ponto de parecer destruir o livre arbítrio, bem como afirmar o livre arbítrio até o ponto de nos mostrarmos __ como que por uma impiedade orgulhosa __ ingratos com relação à graça de Deus.

[301] 1 Coríntios 4: 7.

Capítulo 29

A boa vontade vem de Deus, mas só indiretamente desde a criação.

Algumas pessoas quiseram salvaguardar o texto citado do Apóstolo, interpretando-o neste sentido: "É a Deus que é preciso atribuir tudo o que o ser humano pode ter de boa vontade, por que o próprio mérito não poderia estar no ser humano se o ser humano não existisse. Se então ele deve somente a Deus sua existência e sua natureza humana, por que não considerar Deus também como o autor nele da boa vontade, que não existiria, de fato, se a própria pessoa onde ela se encontra não existisse?"

Com este argumento estamos também no direito de atribuir também a Deus, como causa e autor, nossa má vontade, pois ela também não poderia existir no ser humano se este ser humano onde ela se encontra também não existisse.

Ora, Deus é o criador do ser humano, portanto, ele seria igualmente o criador de sua má vontade, já que ela, se não encontrasse uma pessoa para se instalar, não poderia absolutamente existir. Uma afirmação destas seria um crime.

Capítulo 30

A boa vontade humana vem, necessariamente, de Deus.

Digamos, pelo contrário, que, não apenas só podemos ter de Deus o livre arbítrio __ essa faculdade que se inclina voluntariamente para este ou aquele objeto e que pertence à classe de bens naturais que a má pessoa pode fazer mau uso __ como também de Deus deriva exclusivamente também a boa vontade, que é preciso classificar como um bem cujo uso não pode ser um mal.

A menos que mantenhamos estes dois pontos de vista, não sei como possamos defender o oráculo de São Paulo: *Que é que possuis que não tenhas recebido?*

De fato, supondo que Deus nos dê somente um tipo de vontade que pode ser tanto boa como má e que a boa vontade venha a nós por consequência, então o que vem de nós vale mais do que o que vem dele. Se isto é um enorme absurdo, precisamos admitir que devemos a Deus a própria boa vontade.

Seria estranho se a vontade pudesse se estabelecer em um meio indiferente, onde ela não seria nem boa e nem má.

Se amamos a justiça em qualquer grau que seja, isto já é um bom querer. Se a amamos bastante, isto é um querer melhor. Se a amamos pouco, isto é um querer *menos bom*. Se não a amamos em grau nenhum, isto é a ausência do bom querer.

Ora, quando a vontade não ama de forma alguma a justiça, hesitaríamos em dizer que, não somente ela é má, como é a da pior espécie?

Se então a vontade é boa ou má, por um lado e, por outro, a má vontade não vem de Deus, nos resta dizer que Dele nos vem a boa vontade. Se não for assim, eu não sei que outro benefício recebemos dele quando ele condescende em nos justificar.

Foi com este pensamento, em minha opinião, que foram escritos: "A vontade é preparada pelo Senhor" e nos Salmos: *O Senhor torna firmes os passos do homem e aprova os seus caminhos*[302] e, por fim, esta máxima do Apóstolo: *É Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o fazer*[303].

Capítulo 31

A conversão a Deus é um ato de misericórdia divina e sua não concessão é um ato de sua justiça.

Por isso, o fato de nos afastarmos de Deus nos pertence e é da vontade má. Pelo contrário, nossa conversão a ele só nos é possível quando ele nos estimula e nos ajuda e isto é da boa vontade.

Desta forma, o que temos que não recebemos e se recebemos, por que nos vangloriamos como se não tivéssemos recebido?

[302] Salmo 36: 23.
[303] Filipenses 2: 13.

Assim também, *Quem quiser se vangloriar, vanglorie-se no Senhor*[304].

Aqueles a quem Deus concedeu um dom semelhante, só o devem à sua misericórdia e não aos seus méritos pessoais. Da mesma forma, aqueles a quem Deus recusou esse dom se tornam uma prova da verdade divina.

Um justo castigo é devido aos pecadores, pois está escrito: *Por que Deus ama a misericórdia e a verdade. O Senhor dá a graça e a glória.*[305]. E também: *A misericórdia e a verdade outra vez irão se unir*[306]. E ainda: *Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade*[307].

Como explicar de forma diferente a aproximação frequente entre estes dois termos, nas santas Escrituras? Algumas vezes eles são encontrados em expressões sinônimas. Assim, a graça é chamada de misericórdia neste texto: *O Verbo se fez carne e habitou entre nós e vimos sua glória, a glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade*[308]. Às vezes a verdade é chamada de julgamento, como neste versículo: *A misericórdia e o julgamento cantarei a vós, Senhor*[309].

---

[304] 1 Coríntios 1: 31.
[305] Salmo 83: 12. *Quia misericordiam et veritatem diligit Deus : gratiam et gloriam dabit Dominus*.
[306] Salmo 84: 11. *Misericordia et veritas obviaverunt sibi ; justitia et pax osculatæ sunt*.
[307] Salmo 24: 10. *Universæ viæ Domini, misericordia et veritas*.
[308] João 1: 14. *Et Verbum caro factum est, et habitavit in nobis : et vidimus gloriam ejus, gloriam quasi unigeniti a Patre plenum gratiæ et veritatis*.
[309] Salmo 100: 1. *Misericordiam et judicium cantabo tibi, Domine*.

Capítulo 32

Deus opera misteriosamente com sua misericórdia e com sua justiça.

Mas, por que Deus quer converter alguns e que punir outros por causa de seu afastamento?

Eu responderia: temos o direito de criticar o benfeitor por causa dos bens que ele faz com sua misericórdia? Temos o direito de criticar o juiz pela sentença que ele aplica de acordo com sua verdade?

Quando alguns trabalhadores do Evangelho recebem o justo salário combinado e outros um adicional que não foi combinado antes, ninguém tem o direito de acusar o dono da vinha[310]. Às vezes Deus guarda só para ele as razões de uma justiça mais profunda ainda e mais impenetrável.

Sejamos sábios, mas somente nos limites que nos são concedidos. Compreendamos, se nos for possível, que o Senhor Deus, sempre bom, às vezes não concede nem mesmo aos seus santos os motivos de uma boa obra __seja um conhecimento preciso, seja um deleite vitorioso __ para lhes ensinar que eles não a tem deles mesmos, mas Dele somente, bem como a luz que esclareceria suas

[310] Cf. Mateus 20: 9 e 10.

trevas e os benefícios com os quais a terra espiritual produziria seus frutos[311].

Capítulo 33

É pela graça que vem o conhecimento e a atração pelo bem.

E, quando lhe pedimos sua ajuda para operar ou aperfeiçoar a justiça, qual é o objetivo de nossa prece, se não é que Deus nos revele esse bem oculto ou que torne atrativo para nós um bem que até então não era atrativo?

Também foi sua graça que nos ensinou a pedir esse bem, já que, até então, nós o ignorávamos. Também foi sua graça que nos fez amá-lo, já que antes ele não tinha nenhum atrativo para nós. Assim, *Quem quiser se vangloriar*, não se vanglorie em si mesmo, mas, *vanglorie-se no Senhor*[312].

De fato, encher-se de orgulho é próprio de nossa vontade e não obra de Deus, que jamais nos impulsiona ou nos ajuda a conceber um sentimento assim.

Desta forma, a vontade humana possui, no início de toda obra, um triste apetite de poder pessoal que a leva à desobediência, por causa do orgulho. Se esse apetite não existisse, nada seria penoso para a vontade e, o que ela quisesse em uma ocasião, ela

[311] Cf. Salmo 84: 13.
[312] 1 Coríntios 1: 31.

poderia muito bem, sem dificuldade, não querer. Mas, um castigo merecido teve como consequência no ser humano um vício desolador. Foi que, dali por diante, a obediência à justiça se tornou penoso. Então, a menos que se vença esse vício, ninguém se converte à justiça. A menos que se seja curado pela graça, ninguém desfruta plenamente da paz da justiça.

Ora, a quem pertence essa graça que faz vencer e que cura, se não é Àquele a quem é dirigida esta prece: *Restaurai-nos, ó Deus, nosso salvador, ponde termo à indignação que tínheis contra nós*[313].

E, quando Deus faz o que lhe é pedido, é o caso de se clamar bem alto: *Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos castiga em proporção de nossas faltas*[314].

Por fim, quando ele não faz o que lhe é implorado, é também com justiça que ele não o faz e mesmo então, quem ousará lhe questionar: "O que fizestes?" A ele, cujos santos cantam, com um coração pio, a misericórdia e a justiça?

Até com seus servidores, mesmo santos e fiéis, Deus tarda para curar alguns defeitos. Então, com o bem escondido aos seus olhos ou mesmo lhes sendo claramente conhecido, não há para eles o atrativo que bastaria para fazê-lo cumprir a justiça em pleni-

[313] Salmo 84: 5.
[314] Salmo 102: 10.

tude e assim se verifica esta regra perfeitamente íntegra da justiça infalível: *Ninguém que viva é justo diante de* Deus[315].

Não concluamos disso que Deus quer que sejamos condenados. Não, ele quer que sejamos humildes.

Desta forma, ele nos faz sempre apreciar sua graça, para evitar que, desenvolvendo muita facilidade em todos os nossos deveres, acabemos vendo como nosso bem o que é dele. Isto seria um erro muito contrário à religião e à santidade.

Não vamos também acreditar que devemos nos degradar nos mesmos vícios. Não, mas é contra o orgulho sobretudo __ por ele ser a causa de nossas humilhações nos mesmos vícios __ que devemos empregar todos os nossos esforços vigilantes e dirigir nossas preces a Deus. Sem deixar de compreender, no entanto, que esses mesmos esforços e essas mesmas preces que damos provas, nos vem também da liberalidade divina.

Assim, sem jamais nos permitirmos um olhar de complacência para conosco mesmos, mas sempre, pelo contrário, mantendo nossos corações elevados ao alto, rendamos graças ao Senhor nosso Deus e quando nos glorificarmos, a Deus reportemos a glória.

[315] Salmo 142: 2.

Capítulo 34

Com exceção de Jesus Cristo, não houve e não poderá haver ninguém isento de pecado.

Resta um quarto e último ponto, que vamos explicar na medida em que Deus condescender nos ajudar e que terminará, enfim, este longo livro.

O ser privilegiado que jamais cometeu ou que jamais cometerá um único pecado, ele existe entre os filhos dos homens? Ele pôde mesmo ou poderá algum dia existir?

Respondamos com toda certeza que esse santo ser não é, jamais foi e jamais será outro além de Jesus Cristo, o único Mediador entre Deus e os seres humanos.

É possível compreender agora o que falamos tão longamente sobre o batismo dos bebês. É que nem eles mesmos são isentos de pecado. Não fosse assim, teríamos que dizer que, não somente há, mas que houve e que haverá uma infinidade de pessoas que desfrutam dessa isenção do pecado.

Ora, se conseguimos estabelecer como uma verdade constante, em nossa segunda solução, que ninguém é sem pecado, muito certamente os bebês não são isentos de pecado. Daí resulta esta consequência indubitável: poderia ter existido neste mundo uma pessoa tão perfeita em virtude que chegasse a essa plenitude final de justiça que dali por diante o isentasse de qualquer pecado. No

entanto, essa pessoa tão eminente teria sido antes uma pecadora que teria saído desse estado de pecado para chegar à renovação do batismo.

Vemos então que o objeto de nossa segunda questão era um e outro o que examinamos aqui em quarto lugar. Perguntamos antes se, pela graça de Deus que auxilia o efeito da vontade humana, alguém neste mundo conseguiria a vida perfeita onde se encontra a isenção absoluta de qualquer pecado. Esta era a questão e agora, como quarto problema, investigamos se, dentre os filhos dos homens, se encontra, pôde ser encontrado, ou pode algum dia existir um só que, não saia do pecado para chegar à perfeição absoluta na justiça, mas que jamais tenha absolutamente usado a corrente de algum pecado. Esta é a questão do momento.

Mas, supondo que seja verdadeiro nosso ensinamento tão longamente motivado sobre o estado dos bebês, já está claro que, dentre os filhos dos homens, não há nenhum, não existiu nenhum e não existirá jamais um só isento de qualquer pecado, com a única exceção do Mediador que possuiu a prerrogativa exclusiva de nosso perdão e da justificação graças a qual todas as inimizades de nossos pecados expiram enfim em uma reconciliação com Deus.

Não será então fora de propósito remontar até o berço do gênero humano para estudar alguns fatos, na medida em que re-

clama a questão presente e para prevenir o espírito do leitor contra certas dificuldades que poderiam se levantar aqui diante dele.

Capítulo 35

A obediência fortemente recomendada ao ser humano pelo próprio Deus.

Os primeiros seres humanos __ ou seja, Adão, que foi criado primeiro e único em sua virilidade e depois Eva, sua mulher, que foi tirada dele __ receberam um justo e legítimo castigo, por causa de sua desobediência ao preceito que tinham recebido de Deus.

O Senhor, de fato, os tinha ameaçado, ao lhes anunciar que morreriam no dia em que comessem do fruto proibido. Vemos então que eles receberam permissão para utilizarem, como alimento, os frutos de todas as árvores que estavam no Paraíso. Dentre aquelas que o Senhor tinha plantado, estava também a Árvore da Vida.

Portanto, a proibição expressa de Deus recaía unicamente sobre aquela que ele mesmo tinha chamado de Árvore do Bem e do Mal. Este nome, aliás, expressa as consequências do uso que nossos pais queriam fazer dela. Ele era um aviso sobre a felicidade que recompensaria a observação dessa proibição, como também da infelicidade que se seguiria à sua transgressão.

Assim, estamos no direito de pensar que, antes do sucesso dos pérfidos conselhos do demônio, nossos pais se abstinham do fruto proibido e também que eles utilizavam todos os frutos permitidos, por consequência; sobretudo aqueles que lhes eram oferecidos pela Árvore da Vida. O que há de mais absurdo, afinal, do que supô-los usando todos os frutos para se alimentar e se esquecendo daquele que lhes tinha sido permitido como os outros, mas que era o único a ter a propriedade útil e especial de impedir que seus corpos, mesmo no período de vida animal e grosseira, não mudasse tristemente pela injúria dos anos e não chegasse à morte por causa da decrepitude?

Além deste benefício que seu fruto conferia ao ser humano material, a Árvore da Vida lembrava, num sentido místico e sublime, o maravilhoso efeito que a sabedoria, da qual ela era o símbolo, produziria sobre a alma racional. Vivificada por esse alimento sublime, a alma humana não se voltaria também para o pecado, que é sua mácula e sua morte. É da sabedoria, de fato, que a Escritura diz com tanta verdade: *É uma árvore de vida para aqueles que lançarem mãos dela*[316].

Assim, o que era a árvore de vida no paraíso físico, a sabedoria era no paraíso espiritual. Uma propiciava, às faculdades exteriores humanas e a outra, às faculdades interiores, o vigor vital

[316] Provérbios 3: 18.

que não sofreria as vicissitudes do tempo. E nossos pais, por consequência, serviam a Deus com obediência. Isto era uma homenagem bem recomendada à sua santidade e o único culto que honra Deus.

Impossível declarar mais magnificamente o prêmio eminente da própria obediência e o privilégio que ela tem de se bastar para manter a criatura racional na dependência do Criador, do que com esta lei primeira.

De fato, a lei proibia um fruto que não tinha nada de mau. Longe de nós a ideia de que o Criador de todos os bens, o autor de todas as coisas, que tinha contemplado toda sua obra e visto *que tudo era muito bom*[317], tenha podido plantar uma árvore ruim, mesmo no paraíso material.

Não! Mas o ser humano, ao se submeter __ e isto era para ele a mais suave e útil escravidão sob um mestre assim __ na concepção de Deus, devia aprender o que vale por ela mesma a virtude da obediência; a única imposta por ele ao seu servidor, que veria a vantagem em obedecer, menos para respeitar os direitos de seu soberano, mas visando seu próprio proveito de servo.

Foi por isso que nossos primeiros pais receberam a proibição de tocar no fruto que não lhes seria de forma alguma nocivo, se os tivessem tocado sem que houvesse a proibição prévia do

[317] Gênesis 1: 31.

céu. Eles tiveram então que compreender que o mal que eles experimentaram por terem tocado no fruto proibido não vinha da árvore e nem de um fruto venenoso que os teria envenenado, mas unicamente da obediência violada com seu crime.

Capítulo 36

O estado do ser humano após o pecado.

Antes da violação dessa lei, nossos pais eram agradáveis a Deus e Deus lhes era agradável. O próprio corpo, apesar de seu estado animal, não lhes provocava nenhum impulso rebelde à sua vontade. Essa harmonia estava na ordem da justiça. A alma havia recebido do Senhor um corpo destinado a ser seu servidor dócil, na medida em que ela mesma era obediente ao Senhor e Mestre. Na medida em que ela devia encontrar o corpo obediente, este lhe devia prestar, sem resistência alguma, os serviços adequados à vida presente.

Naquela época, eles *estavam nus e não se envergonhavam*[318]. Atualmente, pelo contrário, a alma sente uma vergonha pudica de se ver atingida por uma espécie de fraqueza nessa carne que ela havia recebido com o direito de lhe ordenar todo serviço. Agora a alma não pode impedir os impulsos infelizes de seus ór-

[318] Gênesis 2: 25.

gãos, mesmo quando ela os combate e nem produzi-los também, quando ela tem vontade.

É isto o que explica o nome muito justo dado às partes vergonhosas das pessoas castas: *pudendas*; por que elas se revoltam contra a alma, sua soberana, com um desolador capricho, como se desfrutassem contra nós de uma plena independência. De sorte que, os direitos da virtude contra elas, o freio que ela pode lhes impor, se limita a impedi-las de chegar até às ultimas consequências do crime e da impudicícia.

Então, a desobediência da carne, que se traduz pelo impulso instintivo, mesmo que não se lhe permita chegar até o ato, não existia no primeiro casal humano, *quando estavam nus e não se envergonhavam*.

A alma racional, senhora da carne, não tinha ainda dado provas de desobediência em relação ao Senhor, para merecer, desta forma, a reciprocidade da carne, tendo-a dali por diante como uma serva rebelde e sofrendo ao mesmo tempo de uma sensação inefável de confusão e perturbação.

É certo, aliás, que essa desobediência de nossa alma não infligiu em Deus uma sensação semelhante de vergonha. Se desobedecemos a Deus, nosso crime não tem nada que lhe cause confusão e dor, pois não podemos diminuir de nenhuma maneira seu soberano domínio sobre nós.

Só nós temos que nos envergonhar pelo fato da carne não se submeter ao nosso império. Essa desordem é o efeito de uma doença que nós merecemos por causa do pecado. É ela que é chamada de o pecado que habita em nós[319]. Ela é, ao mesmo tempo, o pecado e a dor do pecado.

Então, após a transgressão primordial, duas coisas aconteceram. Primeiro, a alma desobediente que se afastou da Lei de seu Senhor e Mestre, começa a sentir a revolta de seu escravo, ou seja, o corpo, cuja lei é também desobedecer. Depois, as pessoas passam a sentir vergonha da sua nudez, descobrindo nelas mesmas um impulso que ainda não tinham experimentado.

Esta é a triste revelação que nos dá a chave deste texto da Escritura: *Então os seus olhos se abriram*[320], pois eles não caminhavam com os olhos fechados no meio das numerosas árvores do paraíso.

É neste mesmo sentido que é dito de Agar: *Deus abriu-lhe os olhos e ela viu um poço*[321].

Naquele momento então, os primeiros humanos cobriram sua partes vergonhosas. Deus só lhes tinha feito as partes; a vergonha foi obra deles.

---

[319] Romanos 7: 17-23.
[320] Gênesis 3: 7.
[321] Gênesis 21: 19.

Capítulo 37

A corrupção da natureza pelo pecado e sua renovação por Jesus Cristo.

Dessa lei do pecado surge a carne do pecado e é preciso a esta a expiação através do sacramento Daquele que veio na semelhança da carne de pecado, para aniquilar em nós o corpo do pecado[322]; o corpo de morte, como também o chama a Escritura. E o ser humano infeliz só é libertado pela graça de Deus e a intermediação de Jesus Cristo Nosso Senhor[323].

Dos nossos pais, de fato, essa lei, esse começo de morte, passou para seus descendentes, como o trabalho que pesa sobre todas as pessoas e o parto na dor, que aflige todas as mulheres. Todas essas misérias juntas, no momento em que Deus acusou os primeiros pecadores, foram pronunciadas na sua divina sentença e válidas não somente para eles, mas para toda sua descendência.

Vemos, de fato, essa sentença ser executada um pouco mais intensa em uns e um pouco menos em outros, mas em todos, no entanto, sem exceção.

---

[322] Cf. Romanos 8: 3. *O que era impossível à Lei, visto que a carne a tornava impotente, Deus o fez. Enviando, por causa do pecado, o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, condenou o pecado na carne*.

[323] Cf. Romanos 7: 24 e 25. *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*

A primeira justiça que esses primeiros humanos deveriam ter praticado seria a obediência a Deus e não admitir em seus órgãos essa guerra da lei da concupiscência contra a lei do espírito.

Hoje em dia, pelo contrário, depois do pecado, só deriva de sua fonte pecaminosa uma carne de pecado e os fiéis servidores de Deus ganham muito de sua misericórdia quando, não obedecendo a esses desejos de concupiscência, crucificam neles mesmos a carne, com suas paixões e suas detestáveis cobiças, para terem a felicidade de pertencer a Jesus Cristo, que prefigurou esse triunfo na cruz, para a salvação de todos aqueles que, por sua graça, ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus.

Ele não concedeu esse poder a todas as pessoas, de fato, mas unicamente àquelas que o receberam de maneira a renascer espiritualmente, após terem tido no mundo um nascimento puramente carnal.

Eis o que a Escritura diz sobre isso: *A todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade humana, mas sim de Deus*[324].

[324] João 1: 12 e 13.

Capítulo 38

A carne do Filho de Deus feito humano.

O Evangelista prossegue e acrescenta: *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós*[325]. É como se ele dissesse: "Uma grande maravilha aconteceu neles, sem dúvida, já que nasceram de Deus, por Deus, após terem nascido da carne pelo mundo, mesmo que Deus tenha sido seu criador".

Mas, veja que prodígio igualmente admirável! Quando, por natureza eles tinham o direito de nascer segundo a carne e, pela graça somente, de nascer de Deus, para repartir essa graça, aquele que, por natureza é nascido de Deus, condescendeu por misericórdia nascer também da carne.

Este é o sentido destas palavras: *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós*.

Graças a esse devotamento, diz o escritor sagrado, nós que somos nascidos da carne, tivemos a felicidade de nos tornarmos espíritos, nascendo do Espírito. Graças a esse Verbo encarnado, nós moramos em Deus, pois um Deus nascido de Deus se fez carne no tempo, nascendo da carne e habitando entre nós. Pois o Verbo que se fez carne estava no começo e, em Deus, ele era Deus.

[325] João 1: 14.

No entanto, quando o Verbo quis participar de nossa natureza rebaixada, para lhe conceder participação nas sublimidades de sua natureza, ele manteve um meio termo, mesmo em seu nascimento segundo a carne. Assim, somos nascidos em uma carne de pecado e ele somente na semelhança de uma carne de pecado.

Somos nascidos não somente da carne e do sangue, mas também da vontade humana e da vontade da carne, enquanto que ele nasceu somente da carne e do sangue, mas não da vontade humana e nem da vontade da carne. Pelo contrário, ele nasceu de Deus.

Nós também vamos à morte por causa de nosso pecado e ele, sempre sem nenhum pecado, se entregou à morte por nós.

Além disso, assim como a natureza rebaixada com a qual ele quis descer até nós jamais se igualou ao triste rebaixamento no qual ele encontrou nossa natureza neste mundo, da mesma forma, as sublimidades de nossa vida espiritual, através das quais nos elevamos até ele, jamais se igualarão às sublimidades nas quais nós o encontraremos um dia no céu.

Sua graça nos faz filhos de Deus, mas ele sempre foi, por natureza, filho de Deus.

Nosso retorno a Deus nos ligará um dia Àquele abaixo do qual ficaremos para sempre e ele, que jamais se afastou do Pai, permanece sempre igual a Deus.

Ele é e será para sempre a vida eterna, enquanto que nós só desfrutaremos dessa vida eterna por participação.

Ele é, portanto, o único que, feito humano, permaneceu Deus.

Ele é o único que jamais teve qualquer pecado, o único que não teve uma carne de pecado, mesmo que ele tenha tirado a sua do ventre materno de uma carne de pecado[326], pois o que ele tirou de nossa carne no ventre de Maria, ele certamente purificou para tirar ou purificou ao tirar.

Ele precisou de uma Virgem Mãe que, longe de conceber em virtude da lei do pecado, ou seja, com um mínimo de impulso da concupiscência carnal, mereceu, por causa de sua pia fé, que o germe santo e adorável fosse feito nela. Assim, ele tanto criou aquela que ele deveria escolher, como também escolheu aquela que deveria criá-lo, por sua vez.

Logo, com muito mais razão deve ser batizada uma carne de pecado, para livrá-la do julgamento divino, se ele precisou que uma carne sem pecado fosse batizada para nos dar um exemplo a seguir.

---

[326] *Nec sumpsit carnem peccati, quamvis de materna carne peccati*. Este texto não estabelece o pecado original em Maria. Além de vago em sua expressão, ele aparece de forma diferente em outros manuscritos. Uns trazem *de natura carvis peccati*, outros *de natura carvis peccati*. Seja qual for a maneira de ver de Santo Agostinho sobre a Concepção da Santa Virgem, sabemos que a Igreja se pronunciou sobre este tema em 1851.

Capítulo 39

A objeção dos pelagianos: já é batizado o filho de um batizado.

Já respondemos antes aqueles que argumentam que "se um pecador gera um pecador, um justo também deve gerar um justo".

Nossa resposta é exatamente a mesma àqueles que afirmam que o filho de uma pessoa batizada deveria ser considerado também como batizado. Em vão nos perguntam: "Por que não? Por que esse filho não poderia ter sido batizado na pessoa de seu pai, já que, segundo a Epístola aos Hebreus, Levi pôde pagar o dízimo na pessoa de Abraão?"[327]

Uma reflexão basta para derrubar a argumentação. Se Levi, mais tarde, não pagasse jamais o dízimo, não seria por já tê-lo pago quando estava na pessoa de Abraão; seria simplesmente por que a honra do sacerdócio, conferida à sua tribo, exigia que ele recebesse o dízimo sem jamais ele mesmo pagar. Não fosse assim, seus irmãos não deveriam também pagar, já que eles também teriam saldado esta dívida a Melquisedec, quando ainda estavam na pessoa de Abraão.

[327] Cf. Hebreus 7: 9 e 10. *Por assim dizer, também Levi, que recebe os dízimos, pagou-os na pessoa de Abraão, pois ele já estava em germe no íntimo deste, quando aconteceu o encontro com Melquisedec.*

Capítulo 40

Quem nasce de um batizado precisa do batismo como quem nascia de um circuncidado precisava da circuncisão.

É possível que se insista e se diga: “Os filhos de Abraão, mesmo que já tendo pago o dízimo quando estavam no germe de seu pai, podiam, no entanto, ser forçados em justiça a pagá-lo também, pois o tributo do dízimo, por sua própria essência, devia ser quitado várias vezes pela mesma pessoa. Os israelitas, por exemplo, têm o costume de oferecê-lo durante toda sua vida aos seus levitas e eles pagam para eles um décimo de todos os seus frutos e colheitas”.

Contrariamente, é da essência do batismo ser concedido uma única vez e, na suposição de que uma pessoa já o tenha recebido quando ainda no germe de seu pai, não se pode considerar essa pessoa como já batizada, por ter sido gerada de uma pessoa que já recebeu o batismo.

Para abreviar a discussão, eu me contento em dizer, àqueles que falam assim: lembrem-se da circuncisão! Ela só era feita uma única vez e, no entanto, era feita em cada indivíduo e pessoalmente. Era preciso, na época desse sacramento, circuncidar o filho nascido de um circuncidado. Da mesma forma, no presente, é preciso batizar o filho nascido de um batizado.

Capítulo 41

São Paulo afirmou que os filhos dos batizados são santos. Por que devem então ser batizados?

Mas, dirão, o Apóstolo escreveu este oráculo: *O marido que não tem a fé é santificado por sua mulher; assim como a mulher que não tem a fé é santificada pelo marido que recebeu a fé. Do contrário, os vossos filhos seriam impuros quando, na realidade, são santos*[328]. Concluamos então que os filhos dos fiéis não deveriam, de forma alguma, ser batizados.

Esta argumentação me espanta, por parte daqueles que negam a transmissão do pecado original, do nosso primeiro pai à toda sua descendência.

De fato, já que eles entendem as palavras do Apóstolo no sentido de que os filhos dos fiéis nascem em estado de santidade, por que então eles mesmos não hesitam em declarar que essas crianças, no entanto, devem necessariamente ser batizadas?

Por que, enfim, eles se recusam a admitir que a descendência de um pai pecador contrai originalmente também o pecado, já que, segundo eles, de um pai santo se contrai a santidade?

Na própria hipótese deles, sobre a procriação na santidade de pais fiéis, poderíamos, sem nos contradizer, sustentar também o que sustentamos, ou seja, que essas crianças supostamente san-

[328] 1 Coríntios 7: 14.

tas serão condenadas, a menos que elas recebam o batismo. Essas crianças, de fato, essas mesmas pessoas excluem do reino dos céus, mesmo afirmando que elas não são manchadas por nenhum pecado, nem pessoal e nem original. Se é uma injustiça, sob o ponto de vista deles, que condenemos santos, como seria uma justiça que santos sejam separados do reino de Deus?

Seria melhor que eles refletissem sobre esta conclusão evidente: como pais pecadores não comunicariam nenhum pecado, supondo que santos comunicam a santidade e os impuros a impureza? Esta dupla afirmação, de fato, é encontrada no texto que diz: *Do contrário, os vossos filhos seriam impuros quando, na realidade, são santos*.

Que nos expliquem, aliás, como é justo que, na hipótese que faz nascer um santo de um fiel e de um infiel um ser maculado, que um e outro fruto, no entanto, da mesma maneira não seja admitido no reino de Deus, se não receber o batismo?

De que serve, ao primeiro, essa suposta santidade? Se ao menos for admitido que os frutos impuros de pais infiéis são condenados, enquanto que, nascidos de pais fiéis, os filhos santos não poderão entrar no reino de Deus, se não receberem o batismo, mas que não serão condenados, no entanto, seria admitida entre estes dois casos uma diferença qualquer.

Mas, os filhos nascidos santos de pais santos e os impuros de pais impuros devem, segundo esta hipótese, receber igual tratamento: eles não são condenados, por que não têm nenhum pecado. Eles serão separados do reino de Deus, por que não foram batizados!

Quem acreditará que bons espíritos, que são os que defendem estas ideias, não vejam aqui um grande absurdo?

Capítulo 42

Os vários modos de santificação. O sacramento dos catecúmenos.

Mas, um pouco de atenção nos convencerá que nossa opinião, ou melhor, aquela expressa pelo Apóstolo nestas palavras: *a falta de um só teve por consequência um veredito de condenação*[329] e *por um único ato de justiça, recebe todo o gênero humano a justificação que dá a vida*[330], não é contrária àquela que o mesmo Apóstolo formula, quando, tratando de outro tema, ele diz: *Do contrário, os vossos filhos seriam impuros quando, na realidade, são santos*.

Há mais de um tipo de santificação. Nossos catecúmenos, eu creio, são santificados de uma maneira própria a eles, através do sinal de Jesus Cristo e pela prece que acompanha a imposição das

[329] Romanos 5: 16.
[330] Romanos 5: 18.

mãos. O que eles recebem não é ainda, é verdade, o corpo de Jesus Cristo, mas, no entanto, já é algo santo[331] e mais santo do que os alimentos que servem para nossa alimentação, pois já é um sacramento.

Além disso, os próprios alimentos que usamos para sustentar nossa vida física são santificados, segundo este mesmo grande Apóstolo, através das palavras de Deus e da prece[332] que dirigimos a ele, mesmo que nossa intenção primeira seja a de restaurar nossos pobres corpos.

Vemos que essa santificação de nossos alimentos não impede que o que entrou pela boca desça pelas entranhas e seja jogado em um lugar secreto onde sofre inteiramente a corrupção por onde acabam e perecem todas as coisas. Assim, além desse alimento material, o Senhor nos exorta a procurar outro alimento que não pode se corromper[333].

Por uma razão semelhante, a santificação do catecúmeno, se ele não recebe o batismo, não pode lhe abrir as portas do reino dos céus e nem lhe propiciar a remissão dos pecados.

---

[331] Os catecúmenos recebem o sacramento do sal e um cânon do 3º Concílio de Cartago fala desse símbolo sagrado. Santo Agostinho o chama, em outro lugar (*De Catechiz. Rudibus*, n. 50) de sacramento, um símbolo que santifica uma bênção. Falando de seu próprio catecumenato, ele diz: "Eu já estava marcado com o sinal da cruz de Jesus Cristo e desfrutava do santo condimento de seu sal" (*Confess.* lib. I, cap. XI).

[332] Cf. 1 Timóteo 4: e 5. *Tudo o que Deus criou é bom e nada há de reprovável, quando se usa com ação de graças. Porque se torna santificado pela palavra de Deus e pela oração.*

[333] João 6: 27. *Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que dura até a vida eterna, que o Filho do Homem vos dará.*

Concluamos que essa santificação, seja qual for sua espécie, cuja existência o Apóstolo atesta nos filhos dos fiéis, não tem nenhuma relação com a presente questão do batismo, da origem e da remissão dos pecados.

De fato, nessa mesma passagem, ele fala de uma santificação também dos esposos infiéis, por seus cônjuges fiéis, dizendo: *O marido que não tem a fé é santificado por sua mulher; assim como a mulher que não tem a fé é santificada pelo marido que recebeu a fé. Do contrário, os vossos filhos seriam impuros quando, na realidade, são santos*[334].

Seja qual for o sentido que se dê a este texto, ninguém, eu acho, ousaria interpretá-lo tão infielmente a ponto de concluir que um marido, mesmo não cristão, somente pela razão de que sua esposa é cristã, não deva também ser batizado e por que o Apóstolo o declarou santificado pela esposa, ninguém imaginaria que ele já tenha obtido a remissão de seus pecados e esteja destinado então a entrar no reino dos céus.

[334] 1 Coríntios 7: 14.

Capítulo 43

Quem não renascer não pode ver o reino dos céus.

Se alguém ainda se espantar ao ver ser conferido o batismo aos filhos de pessoas batizadas, nós convidamos a examinar esta simples observação.

Assim como a geração por Adão __ único e comum pai dos seres humanos __em uma carne de pecado arrasta à condenação todos aqueles que nascem desta forma, da mesma forma, a geração em um espírito de graça, pelo único Mediador Jesus Cristo, conduz à justificação de uma vida eterna todos aqueles que são a isso predestinados.

Certamente que o batismo é o sacramento que regenera. Por isso, da mesma forma como a pessoa que não viveu não pode morrer e aquela que não morreu não pode ressuscitar, assim também, aquela que ainda não nasceu não pode renascer. Mas também é preciso que, se ela nascer um dia, ela logo renasça, pois, *quem não nascer de novo não poderá ver o Reino de Deus*[335].

Portanto, é necessário também que toda criança seja batizada nas águas do sacramento da regeneração, para evitar sair desta vida em mau estado, por falta deste sacramento, que, aliás, só opera remindo os pecados.

[335] João 3: 3.

É isto o que Jesus Cristo declara nesta mesma passagem, pois, quando lhe perguntam como essas coisas podem acontecer, ele lembra o que Moisés fez, ao erguer a serpente de bronze. Como o sacramento do batismo aplica às crianças um tratamento semelhante à morte de Jesus Cristo, devemos admitir que seu efeito as cura da picada da serpente, a menos que se queira afastar infelizmente das regras da fé cristã. Essa picada, no entanto, não atinge essas ternas vítimas durante suas vidas pessoais, mas em seu primeiro pai, que foi o primeiro a ser picado.

Capítulo 44

O batismo perdoa os pecados, mas não provoca mudança na qualidade e no estado da pessoa.

Que não se vá aqui, no entanto, tirar uma consequência falsa de um princípio verdadeiro.

“Se os pais, uma vez convertidos, não têm nada que temer por causa de seus pecados, com muito mais razão os filhos não podem sofrer as consequências dos pecados de seus pais”, concluem alguns.

Falar assim é se esquecer da causa que coloca os pais protegidos dos pecados cometidos por eles antes do batismo. Eles não têm nada que temer por que receberam pelo espírito um segundo nascimento. Por consequência, a criança nascida deles deve, en-

quanto não for regenerada como eles, sofrer pelo pecado contraído no ventre de seus pais.

De fato, os pais, renovados pelo sacramento, não geram com a virtude das santas primícias dessa renovação, mas sob a influência dos tristes restos de seu velho estado original. Assim, seus filhos são colocados inteiramente sob esse velho império, em razão desses velhos restos do estado antigo por onde seus pais passaram. Desta forma, eles são gerados em uma carne de pecado e a condenação lhes é devida como ao velho ser humano, a menos que escapem dela pela regeneração espiritual, que é a renovação produzida pelo sacramento[336].

Há uma verdade primordial que devemos observar e jamais nos esquecermos, nas questões surgidas ou que surgirão sobre o tema que nos ocupa; é que o batismo somente produz a plena e perfeita remissão de todos os pecados[337], sem fazer com que a própria pessoa sofra uma mudança completa de estado e de qualidade.

Não, mas ele deposita as primícias do Espírito e os fiéis que progridem dia a dia nessa renovação possuem a felicidade da

---

[336] Cf. Tito 3: 5. *Ele nos salvou mediante o batismo da regeneração e renovação, pelo Espírito Santo*.

[337] Cf. Colossenses 2: 12-14. *Sepultados com ele no batismo, com ele também ressuscitastes por vossa fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos. Mortos pelos vossos pecados e pela incircuncisão da vossa carne, chamou-vos novamente à vida em companhia com ele. É ele que nos perdoou todos os pecados, cancelando o documento escrito contra nós, cujas prescrições nos condenavam. Aboliu-o definitivamente, ao encravá-lo na cruz.*

transformação que essas primícias promovem nos restos do primeiro estado carnal, até que toda a pessoa, enfim, seja renovada[338], a ponto de mudar a enfermidade do corpo no vigor e na incorruptibilidade do estado espiritual.

Capítulo 45

Os pais cristãos geram carnalmente e transmitem, assim, o pecado.

Há uma lei do pecado, que o Apóstolo chama de pecado, neste oráculo: *Não reine, pois, o pecado em vosso corpo mortal, de modo que obedeçais aos seus apetites*[339].

Aqueles que têm a felicidade de renascer da água e do espírito não conservam essa lei em seus órgãos, como se a remissão dos pecados não lhes tivesse sido concedida. Não, esta não é nossa servidão, depois que recebemos plena e perfeitamente a remissão de nossos pecados, depois que pereceram as inimizades que nos separavam de Deus.

A triste lei permanece ainda na parte velha de nosso ser carnal, mas ela fica lá como que derrotada, como que atingida de morte, a menos que nosso consentimento com suas tentações ilíci-

[338] Cf. 2 Coríntios 4: 16. *É por isso que não desfalecemos. Ainda que exteriormente se desconjunte nosso homem exterior, nosso interior renova-se de dia para dia*.
[339] Romanos 6: 12.

tas não lhe dê como que um tipo de vida, convocando-a para seu império e sua dominação muito natural.

Mas, quando a lei do pecado __ ou, se preferir, o pecado __ já está perdoado, esse resto do velho ser lembra tão pouco a vida do espírito, na novidade do qual os batizados receberam pela graça de Deus um segundo nascimento, que o Apóstolo não se contentou em proclamar que os fiéis, a partir de então, não estão mais em estado de pecado. Ele declarou que eles não estão mais na carne, antes mesmo que tenha terminado sua peregrinação nesta vida mortal. Ele disse: *Os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais mais na carne, mas no Espírito, se realmente o espírito de Deus habita em vós*[340].

Observemos, no entanto, uma coisa. É fazer um bom uso, mesmo de sua carne corruptível, dedicar às boas obras seus órgãos vergonhosos e aquele que age assim não está mais nessa carne, já que não tem dela nem os prazeres e nem a vida. Da mesma forma, é fazer um bom uso da morte, mesmo que ela seja uma pena pelo pecado primordial, enfrentá-la com coragem e paciência, por seus irmãos, por sua fé e por toda causa verdadeira e justa.

Pela mesma razão, mesmo que a lei do pecado permaneça no estado de entorpecimento e de remissão na parte ainda velha de

[340] Romanos 8: 8 e 9. *Qui autem in carne sunt, Deo placere non possunt. Vos autem in carne non estis, sed in spiritu : si tamen Spiritus Dei habitat in vobis. Si quis autem Spiritum Christi non habet, hic non est ejus*.

sua carne, os fiéis casados fazem um bom uso dela quando, renovados em Jesus Cristo, eles não permitem que a paixão tenha sobre eles o mínimo império. Mas, no que eles contraíram e guardam ainda do velho estado de Adão, eles geram para uma vida mortal filhos que somente a regeneração deve imortalizar e lhes comunicam o germe do pecado que já não mantém sob correntes a pessoa ressuscitada pelo segundo nascimento. Já essa corrente, para aqueles que nascem neste mundo, só é quebrada por um novo nascimento.

Assim, a lei do pecado permanece em nossos órgãos pela concupiscência, mesmo quando seu caráter criminoso desapareceu e que, sob outro ponto de vista, essa lei tenha desaparecido. Mas, seu caráter criminoso só desaparece para a pessoa que recebeu o sacramento da regeneração e já iniciou seu processo de renovação. E o que nasce dessa antiga concupiscência sempre perseverante, precisa renascer para ser curado.

Por fim, por que os pais fiéis apresentam essa dupla condição de serem nascidos da carne e de só terem encontrado pelo espírito um segundo nascimento, segue-se que eles propiciam aos seus filhos somente a geração carnal e esses filhos, como poderiam renascer antes de terem primeiramente nascido?

Capítulo 46

O batismo extingue para sempre o crime da concupiscência, mas não sua presença.

Não se espante que eu tenha afirmado a permanência em nós da lei do pecado, quanto à concupiscência pelo menos, mesmo que o crime do pecado tenha sido apagado pela graça do sacramento. Da mesma forma, mesmo quando as ações, as palavras ou os pensamentos culposos tenham terminado e não existam mais quanto às emoções do corpo e da alma, nem por isso sua mácula desapareceu após a má ação e esta permaneça apenas uma lembrança. A mácula persevera sim, até que tenha sido apagada pela remissão dos pecados.

Aqui, no sentido oposto, a lei do pecado não terminou. A lei da concupiscência ainda perdura, mas a mácula que ela tinha produzido se apaga e não existirá mais, pois o batismo opera a plena remissão dos pecados. Por fim, se acontecer de o recém batizado sair logo deste mundo, nada pode mantê-lo cativo e culpado, estando partidos todos os laços que o prendiam.

Desta forma, assim como não é de se espantar que a mácula das ações, palavras e pensamentos culposos persevere em nós antes da remissão dos pecados, assim também não deve espantar que, permanecendo a concupiscência na pessoa, a mácula produ-

zida por ela seja destruída, no entanto, após a remissão dos pecados.

Capítulo 47

Deus sempre salvou e salvará os predestinados com uma mesma fé objetiva, mas com sacramentos diversos nas diversas épocas.

Estabelecidos estes pontos, temos que admitir que desde o momento em que *por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte*, que *passou a todo o gênero humano*[341], desde então até o fim dessa geração carnal e deste mundo corruptível em que as crianças geram e são geradas, não existe ninguém que se possa dizer com verdade, enquanto estiver nesta vida presente, que seja absolutamente isento de qualquer pecado. A única exceção que se pode fazer é para Aquele que é nosso único Mediador e que nos reconcilia com nosso Criador, graças à remissão dos pecados.

Também, desde aquele momento e até o julgamento final, em nenhuma época da vida da humanidade Jesus Cristo jamais recusou o remédio instituído por ele àqueles que, com sua presciência infalível e sua liberalidade previdente, predestinou para reinar com ele na vida eterna.

[341] Romanos 5: 12.

De fato, antes de seu nascimento em nossa carne, antes da enfermidade voluntária de sua paixão e o milagre tão poderoso de sua ressurreição, o Salvador já formava e preparava, para a herança da salvação eterna, as pessoas que existiam antes dele, dando-lhes a fé nessas maravilhas futuras de sua vida.

Com essas mesmas maravilhas concretizadas, ele inspirou a fé e através dela foram formadas e preparadas as pessoas que foram contemporâneas de sua realização e que viram nelas se realizarem as profecias.

Com essas maravilhas enfim realizadas e passadas, ele inspira a fé que forma os eleitos, em todas as pessoas criadas depois, tanto às gerações presentes quanto às que virão depois de nós.

É, portanto, uma única e mesma fé que salva todas as pessoas que uma regeneração espiritual arranca do vício da geração carnal e essa fé tem como meta aquele que veio sofrer por nós o julgamento e a morte, mesmo ele sendo o juiz dos vivos e dos mortos.

Mas os sacramentos dessa fé sempre idêntica, propriamente, variaram de acordo com a diversidade dos tempos e de acordo com o sentido que Deus avaliou conveniente dar a eles.

Capítulo 48

Jesus é o único Salvador de todos, adultos e bebês.

Por isso também, só há um único e mesmo Salvador, tanto para os bebês quanto para os adultos. É aquele de quem os anjos proclamaram: *Hoje vos nasceu na Cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo Senhor*[342] e disseram sobre a Virgem Maria: *Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, por que ele salvará o seu povo de seus pecados*[343].

Este último detalhe nos demonstra evidentemente que o nome Jesus, que o designa, lhe foi dado em razão da salvação que ele nos propiciou. Jesus, de fato, em nossa língua significa Salvador.

Onde está então o imprudente que ousaria dizer que Cristo nosso Senhor só é Jesus para os adultos e não para os bebês também?

Mas ele veio na semelhança de nossa carne pecadora[344], para destruir este corpo de pecado[345] onde se encontram __ na enfermidade absoluta da primeira infância __ membros inadequados

---

[342] Lucas 2: 11.
[343] Mateus 1: 21.
[344] Cf. Romanos 8: 3. *Enviando, por causa do pecado, o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, condenou o pecado na carne*.
[345] Cf. Romanos 6: 6. *Sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que seja reduzido à impotência o corpo (outrora) subjugado ao pecado e já não sejamos escravos do pecado.*

para qualquer uso, membros então incapazes de servir uma alma racional, que é esmagada pelo peso de uma deplorável ignorância.

Essa ignorância, no entanto, não quero de forma alguma acreditar que fosse encontrada minimamente naquela criança em que o Verbo se fez carne, para habitar no meio de nós[346]. Eu me recuso a supor, mesmo no Cristo bebê, essa fraqueza nativa da alma que vemos nos bebês. Neles, essa fraqueza é o único freio capaz de interromper os impulsos desregrados que os perturbam. Insensíveis à razão, a qualquer mandamento ou proibição, eles só cedem algumas vezes à dor ou ao medo de sofrer, de sorte que se reconhece neles os filhos daquela desobediência que, habitando em seus membros, se revolta contra a lei do espírito[347] e que não se apazigua quando a razão o exige, enquanto que geralmente uma dor física e golpes parecem acalmá-los, ou mesmo o terror ou qualquer outra emoção grosseira da alma que venha a pressioná-los, sem que a vontade exerça seu império.

No entanto, como Jesus Cristo trazia com ele a semelhança de nossa carne pecadora, ele quis sofrer todas as peripécias sucessivas das idades, começando pela própria infância, até o ponto em que sua carne sagrada poderia __ parece __ chegar à morte pela velhice, se não tivesse sido morta em plena força da juventude.

---

[346] Cf. João 1: 14. *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós*.

[347] Cf. Romanos 7: 23. *Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a Lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*.

A morte, aliás, para a carne realmente pecadora, não passa de uma dívida ou uma pena paga em retribuição a uma desobediência, enquanto que a morte em uma carne que só tinha a semelhança do pecado devia ser aceita e desejada por uma livre obediência.

Assim então, a ponto de caminhar para a morte e o cruel sofrimento, Jesus disse: *Vem o príncipe deste mundo, mas ele não tem nada em mim. O mundo, porém, deve saber que amo o Pai e procedo como o Pai me ordenou. Levantem-se, vamo-nos daqui*[348].

Após estas palavras, Jesus caminhou para a morte que não lhe pertencia, mas ele foi obediente até o fim[349].

Capítulo 49

A redenção de Jesus nos ajudou mais do que o pecado de Adão nos prejudicou.

Assim, em vão argumentam: "Se o pecado do primeiro ser humano nos deu a morte, a vinda de Jesus Cristo deveria nos impedir de morrer, pois acreditamos nele".

É em vão também que, como motivo para esta argumentação, acrescentam: "Pois a transgressão do primeiro dos prevarica-

[348] João 14: 30 e 31.
[349] Cf. *Sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz*.

dores não pode ter nos arruinado mais do nos serviram a Encarnação e a Redenção do Salvador".

Por que, respondemos, não observam, não escutam e não acreditam sem sombra de dúvida no que o Apóstolo declarou sem nenhum equívoco: *Se por um homem veio a morte, por um homem vem a ressurreição dos mortos. Assim como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos reviverão*[350].

Aqui ele falava, aliás, unicamente da ressurreição dos corpos. Ele declara como já acontecida para todas as pessoas a morte física, através do pecado de um só e promete para o futuro somente a ressurreição de todos para a vida eterna e somente através de Jesus Cristo.

Como dizer que um nos prejudicou com seu pecado mais do que o outro nos serviu com sua obra redentora, se o primeiro nos valeu, com sua prevaricação, a morte física, enquanto o segundo, com sua redenção, nos propicia a ressurreição, não para uma vida temporal, mas para a eternidade?

Desta forma, nosso corpo morre por causa do pecado, mas o corpo de Jesus Cristo, o único que morreu sem pecado, morreu para que seu sangue derramado sem uma falta anterior apagasse a mácula de todas as faltas, pois o demônio mantinha acorrentado,

[350] 1 Coríntios 15: 21 e 22.

com essa sentença de morte, todo o conjunto de devedores que agora acreditam em Jesus Cristo.

Foi por isso que Jesus Cristo disse: *Isto é o meu sangue; o sangue da Nova Aliança, derramado por muitos homens em remissão dos pecados*[351].

Capítulo 50

Por que o batismo não destrói imediatamente a morte junto com os pecados?

O Senhor também poderia ter propiciado aos seus crentes a graça de não passar pela experiência da morte física, mas, se ele tivesse feito isso, ele teria aumentado a felicidade da carne, em detrimento do vigor da fé.

Os seres humanos, de fato, temem tanto a morte física que proclamariam bem-aventurados os cristãos, unicamente por que, para eles, a morte seria impossível. Desta forma, a vida de felicidade que deve suceder à morte física não teria mais o dom de atrair as pessoas para a graça de Jesus Cristo. Longe de desprezar a morte através da virtude, procurar-se-ia Jesus Cristo somente para se poupar dos aborrecimentos da morte física e, com um excesso de delicada fraqueza, acreditar-se-ia nele.

[351] Mateus 26: 28.

O Senhor fez maior a parte da graça e ele a concedeu mais, evidentemente, aos seus caros fiéis. Onde estaria a grandeza de alma em acreditar que não se morrerá, se víssemos, de fato, não morrer, aqueles que acreditam no Evangelho?

Quão maior, mais nobre e mais louvável é acreditar com firmeza que, certo de morrer, espera-se, no entanto, viver eternamente!

Acrescente-se que, no fim dos tempos, uma graça deste tipo será concedida a todas as pessoas. Essa graça será não sentir a morte, tão pronta e subitamente será a mudança de estado[352] e em companhia dos santos que ressuscitarão então e serão erguidos até às nuvens, diante de Jesus Cristo, através dos ares, para viverem assim para sempre com o Senhor[353].

Para eles, uma sorte assim é compreensível, já que não deverão deixar posteridade que teriam fé em virtude desse espetáculo; descendentes que amariam o que veriam com os olhos, invés de esperar o que ainda não estavam vendo. Triste espécie de fé, uma fé débil e sem vigor, indigna mesmo absolutamente de seu nome, pois a fé foi definida nestes termos: *A fé é o fundamento da esperança, é uma certeza a respeito do que não se vê*[354].

---

[352] Cf. *Revisões*. Livro II, cap. 33 e Carta 193, dirigida a Mercator.
[353] Cf. 1 Tessalonicenses 4: 16. *Quando for dado o sinal, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, o mesmo Senhor descerá do céu e os que morreram em Cristo ressurgirão primeiro*.
[354] Hebreus 11: 1.

Nesta mesma Epístola aos Hebreus, onde lemos esta definição, após ter enumerado, na sequência um grupo de personagens que agradaram a Deus por sua fé, o texto sagrado acrescenta: *Foi na fé que todos os nossos pais morreram. Embora sem atingir o que lhes tinha sido prometido, viram-no e o saudaram de longe, confessando que eram só estrangeiros e peregrinos sobre a terra*[355].

E, após ter feito o elogio dessa lei, ele conclui: *No entanto, todos estes mártires da fé não conheceram a realização das promessas! Por que Deus, que tinha para nós uma sorte melhor, não quis que eles chegassem sem nós à perfeição da felicidade*[356].

Esse mérito da fé não existiria __ ou melhor, como eu já disse, a própria fé não existiria de forma alguma __ se as pessoas a abraçassem na perspectiva de recompensas visíveis. Eu quero dizer: se o prêmio da imortalidade fosse concedido aos fiéis já nesta vida.

Capítulo 51

Até a morte é um exercício de fé.

Foi por isso que o próprio Senhor quis morrer. Como diz a Escritura, sobre isto: *Como os filhos participam da mesma nature-*

[355] Hebreus 11: 13.
[356] Hebreus 11: 39 e 40.

za, da mesma carne e do sangue, também ele participou, a fim de destruir pela morte aquele que tinha o império da morte, isto é, o demônio e libertar aqueles que, pelo medo da morte, estavam toda a vida sujeitos a uma verdadeira escravidão[357].

Uma primeira verdade ressalta deste oráculo. É que a morte de nosso corpo aconteceu sob o império e a ação do demônio, ou seja, em consequência do pecado aconselhado por ele. Não fosse assim, não se poderia dizer, com toda a verdade, que ele possui o império sobre a morte.

Foi neste sentido que se expressou aquele que condescendeu morrer, mesmo que isento de qualquer pecado original e pessoal. Ele disse e eu já recordei suas palavras: *Vem o príncipe deste mundo* (ou seja, o demônio, que tinha o império sobre a morte) *mas ele não tem nada em mim* (ou seja, nada de pecado, pois é com isso que ele mata). E, como se alguém lhe tivesse perguntado, ele acrescenta: *O mundo, porém, deve saber que amo o Pai e procedo como o Pai me ordenou. Levantem-se, vamo-nos daqui*[358]. Ou seja: "Devo morrer sem ter fornecido pelo pecado, ao autor do pecado, uma causa de morte contra mim. Só a obediência e a justiça me farão obediente até à morte".

É isto o que demonstra bem este texto, mas, além disso, ele nos ensina que os fiéis triunfam com o próprio medo da morte e

[357] Hebreus 2: 14 e 15.
[358] João 14: 30 e 31.

que essa vitória é o prêmio de um dos combates reservados à fé. Ora, esse combate não aconteceria, se a imortalidade fosse concedida imediatamente como recompensa aos crentes.

Capítulo 52

Entra no campo da fé a invisibilidade do Cristo ressuscitado.

Desta forma, o Senhor começou por executar inúmeros milagres visíveis, fazendo, de alguma maneira, um aleitamento materno de sua caridade, para que a fé nascesse, mas para que ela também saísse dessa infância e chegasse progressivamente ao seu pleno crescimento, pois, quanto menos ela procura esses primeiros alimentos, mais ela mostra seu vigor.

Pelo contrário, quando se tratou do prêmio prometido à nossa esperança, ele quis nos fazer esperar pelo estado de invisibilidade, para que o justo vivesse pela fé[359].

Isto é tão verdadeiro que, após ter ressuscitado no terceiro dia, ele não quis permanecer no meio dos humanos e, após ter manifestado em sua própria carne a prova e o exemplo da ressurreição, aos olhos das únicas testemunhas desse prodígio que ele condescendeu escolher[360], ele subiu ao céu, desaparecendo de seus

[359] Cf. Romanos 1: 17. *Nele se revela a justiça de Deus, que se obtém pela fé e conduz à fé, como está escrito: "O justo viverá pela fé".*
[360] Cf. Marcos 16: 7 e Lucas 24: 48.

olhares, sem jamais conceder à carne de nenhum de seus discípulos o privilégio que ele havia concedido publicamente à sua própria carne.

Assim, sua intenção foi que eles vivessem também pela fé. Desta maneira, a justiça cristã, na qual se vive pela fé, lhes anunciou uma recompensa visível somente no futuro e, ao esperá-la, deve-se conquistá-la invisivelmente, através da paciência.

É neste sentido, em minha opinião, que se deve entender o que ele disse: *Convém a vós que eu vá! Por que, se eu não for, o Paráclito não virá a vós, mas, se eu for, vo-lo enviarei*[361]. Isto queria dizer: "Vocês não podem viver de forma justa a fé que obtém de minha graça, ou seja, de meu espírito, a menos que eu afaste de seus olhos o que eles podem ver de minha pessoa, para que seus corações progridam espiritualmente, somente com a fé nas coisas invisíveis".

E, falando do Espírito Santo, ele lhes recomenda nestes termos a justiça que vem da fé: *Quando ele vier, convencerá o mundo a respeito do pecado, da justiça e do juízo. Convencerá o mundo a respeito do pecado que consiste em não crer em mim. Ele o convencerá a respeito da justiça, por que eu me vou para junto do meu Pai e vós já não me vereis*[362].

[361] João 16: 7.
[362] João 16: 8-10.

Que justiça é essa que consiste em não ver Jesus, se não é a lei que faz um justo viver pela fé, de sorte que, não vendo o que é visível, mas sim o que é invisível, devemos esperar, ajudados pelo Espírito Santo e pela fé, o prêmio que espera nossa justiça?

Capítulo 53

A remissão dos pecados não extingue imediatamente a pena pelo pecado.

Que digam agora: "Se a morte física nasceu do pecado, não deveríamos mais morrer, depois da remissão dos pecados que nos foi outorgada pelo Redentor".

Dizer isto é não compreender que esses males de origem, cujas mácula e vergonha são apagadas por Deus __ para que, após esta vida, elas não nos levem à ruína __ ainda permanecem, com sua permissão, para que sirvam de exercício para nossa fé. Graças a essas provas, os fiéis se instruem, se exercitam e progridem nos santos combates da justiça.

Pode acontecer, de fato, que, compreendendo bem pouco essa verdade, outro questionador possa nos fazer esta objeção: "Se Deus realmente promulgou, por causa do pecado, esta sentença: *Maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento, todos os dias de tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos e tu comerás a erva da terra. Comerás o teu*

pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado[363], por que, mesmo após os pecados terem sido remidos, esse duro labor ainda nos é exigido? Por que o campo do fiel também lhe produz esses espinhos e abrolhos, tão duros e cruéis?"

Da mesma forma também, se foi o pecado que ditou contra a mulher esta sentença: *Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores*[364], por que, mesmo após os pecados remidos, as mulheres cristãs ainda experimentam as mesmas dores do parto?

No entanto, muito certamente, foi por causa do pecado cometido por eles, que os primeiros humanos receberam merecidamente de Deus esses decretos temíveis e estas palavras já citadas do livro divino, com relação ao trabalho humano e o parto, que não encontram outros adversários além daqueles que combatem essas mesmas letras sagradas, a título de inimigos jurados da fé católica.

[363] Gênesis 3: 17-19.
[364] Gênesis 3: 16.

Capítulo 54

Com a redenção, a condição da humanidade permaneceu aquela provocada pelo pecado, mas com um propósito diferente.

Infelizmente, não faltam adversários assim à religião e, como na questão atual nós lhes respondemos que essas misérias da vida são destinadas a castigar os pecados ainda não remidos, ou para servir de exercício e de combates para os justos, após os pecados terem sido apagados, devemos responder no mesmo sentido aos questionadores que parecem se espantar com a morte física dos cristãos.

Admitamos que ela tem como causa o pecado, mas não temamos declarar também que ela nos é deixada para o combate, após os pecados terem sido remidos, por que nossa evolução deve triunfar sobre o terror excessivo que a morte nos inspira. Pois, se essa fé, que opera pela caridade, tivesse pouco mérito ao vencer a morte, a glória dos mártires seria bem reduzida e o Senhor não teria dito: *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos*[365]. Esta é uma máxima que São João, em sua primeira Epístola, reproduz nestes termos: *Jesus deu sua vida por*

[365] João 15: 13.

nós. Também nós outros devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos[366].

Não, sofrer a morte ou desprezá-la pela justiça não seria uma virtude celebrada como a obra-prima da paciência, se a morte não fosse uma pena bem rude e bem amarga. Vencer o medo da morte, com o espírito da fé, é então adquirir, com essa mesma fé, o título mais glorioso e a mais justa recompensa.

Assim, admitamos sem nos espantar estas duas conclusões. A primeira é que, se o pecado não tivesse acontecido no ser humano, não teríamos sido atingidos pela morte física, pois, desde então, ela é para nós um terrível castigo. A segunda é que, depois da remissão dos pecados, a morte acontece ainda para os fiéis para que a energia de sua virtude cristã seja exercitada para triunfar sobre o medo que ela inspira.

Capítulo 55

Adão foi tratado como somos tratados atualmente.

Observemos que a carne primitivamente criada não foi uma carne de pecado. Infelizmente, o ser humano não quis, em seu corpo inocente, conservar o estado de justiça no meio das delícias do paraíso. Desta forma, Deus decretou que a carne pecadora,

[366] 1 João 3: 16.

gerada então após o pecado de Adão, lutaria dali por diante, com trabalhos e dificuldades, para reconquistar a justiça primordial.

Por isso também, banido do paraíso terrestre, Adão passou a morar no "lado oposto do Éden", ou seja, no oposto da morada das delícias, para significar que, com esses trabalhos, tão opostos e tão contrários às delícias, a carne de pecado deve refazer sua educação, já que ela não soube, nas delícias, manter-se obediente, antes de se tornar uma carne pecadora.

Vejamos então a analogia: os primeiros seres humanos viveram em seguida na justiça e se acredita, com razão, que eles mereceram assim serem salvos do suplício sem recurso, graças ao precioso sangue de nosso Senhor. No entanto, eles não mereceram ser levados de volta, desde esta vida mesmo, ao paraíso celeste.

Assim, mesmo que tenhamos recebido a remissão de nossos pecados e saibamos viver segundo a justiça, nesta carne de pecado, não concluamos que esta carne culposa não merece sofrer a morte, cujo germe ela herdou com o pecado de sua origem.

Capítulo 56

Também a Davi foi dado um tratamento igual.

O Livro dos Reis nos insinua, com relação ao patriarca Davi, uma condição semelhante, em alguns pontos, àquele que examino aqui.

Um profeta lhe foi enviado e este o ameaçou com males terríveis que a ira de Deus faria cair sobre ele, por causa do crime que havia cometido. Este príncipe, com a confissão de seu pecado, obteve seu perdão, pois o profeta lhe disse que aquela mácula vergonhosa e aquele caso lhe estavam perdoados[367]. No entanto, os castigos que lhe foram ameaçados por Deus tiveram sua realização na humilhação cruel que um filho revoltado o fez passar.

Por que não é dito aqui: "Já que Deus o tinha ameaçado, por causa do pecado, como, após o pecado perdoado, ele ainda cumpriu a ameaça?"

Sem dúvida que, diante desta dificuldade, responderiam com uma perfeita lógica que o crime de Davi lhe tinha sido perdoado para impedir que ele fosse privado da vida eterna, mas que as consequências da ameaça aconteceriam mesmo após o perdão, para que fosse exercitada e provada, com essas humilhações, a santidade do príncipe penitente.

Assim, Deus agiu com relação à morte física. Ele a infligiu ao ser humano como pena pelo pecado e não aboliu esta pena com o perdão do pecado, para exercitar a virtude.

[367] Cf. 2 Samuel 12: 13.

Capítulo 57

Não se pode afastar, nem para a direita e nem para a esquerda, as santas regras.

Mantenha então imutável e inflexível a confissão da fé. Só é isento de pecado aquele que nasceu sem pecado, mesmo que na semelhança de uma carne de pecado. Aquele que viveu sem pecado, no meio dos pecados alheios. Aquele que morreu sem pecado, pelos nossos pecados.

Não te desvies nem para a direita nem para a esquerda[368]. Nós nos desviamos para a direita quando, enganando a nós mesmos, ousamos nos dizer isentos de pecado. Nós nos afastamos para a esquerda quando, obedecendo a uma segurança culposa e miserável, nos abandonamos ao pecado, como se estivéssemos seguros da impunidade.

As vias da direita são conhecidas pelo Senhor[369], que é o único sem pecado e o único que pode apagar nossos pecados.

As vias da esquerda são criminosas[370] e por elas entendemos a atração pelos pecados.

Estavam com estas disposições os rapazes de vinte anos que representavam o povo novo entrando na terra prometida e sobre os

[368] Provérbios 4: 27.
[369] Provérbios 4: 27. *Vias enim quæ a dextris sunt novit Dominus*.
[370] Provérbios 4: 27. *Perversæ vero sunt quæ a sinistris sunt*.

quais é dito que eles não se afastaram nem à direita e nem à esquerda[371].

Sem dúvida que a idade de vinte anos não deve ser comparada com a idade inocente dos bebês. No entanto __ salvo se eu estiver errado __ este número esconde e insinua um mistério.

De fato, o Antigo Testamento só brilha nos cinco livros de Moisés, enquanto que o Novo Testamento resplandece sobretudo com a autoridade dos quatro evangelhos. Multiplicados estes números, um pelo outro, chegamos ao número vinte. Este é o produto de quatro por cinco ou cinco por quatro.

Aí está, como eu pressenti, o povo instruído pelos dois Testamentos: o Antigo e o Novo. O povo que não se afasta nem à direita, com uma soberba presunção por sua própria virtude e que não se vira para a esquerda, com uma complacência plácida e segura para com o pecado. É este o povo que entrará na terra prometida.

Lá não teremos mais pecados para os quais precisemos implorar o perdão ou temer os castigos. Seremos libertados pelo Redentor que, jamais tendo se vendido ao pecado, resgatou Israel de todas as suas iniquidades, tanto aquelas cometidas pessoalmente

[371] O autor parece fazer alusão ao cap. 14, do Livro dos Números. Ali lemos que todos os israelitas com a idade de vinte anos ou mais foram condenados a morrer no deserto, ao mesmo tempo em que Deus decretou a entrada dos outros na terra prometida. Os enviados, escolhidos abaixo desta idade, portanto, são louvados por não terem se afastado da Lei, *nem para esquerda e nem para a direita*. (Josué 23: 6-8)

na vida humana, quanto aquelas contraídas pelo vício de nossa origem.

Capítulo 58

Até os bebês precisam de redenção.

É uma bela concessão, à autoridade e à verdade das divinas Escrituras, reconhecer a necessidade de uma redenção para os bebês, mesmo com a recusa em declarar explicitamente que a remissão dos pecados é indispensável também nessa idade.

Adotando sobre este tema um discurso diferente e retirado da linguagem cristã, algumas pessoas dizem, no fundo, absolutamente a mesma coisa que nós.

Quem quiser ler fielmente a santa Escritura, quiser entendê-la fielmente e se ater a ela fielmente, observará, sem sombra de dúvida, um ponto: a carne de pecado se propagou unicamente daquela carne criada primitivamente inocente, mas que a vontade de pecar transformou primitivamente em carne de pecado. Vem daí e depois desse momento, a sentença de proscrição, que nos arrastou para a morte e o pecado, passando sucessivamente para todas as pessoas.

Uma única exceção foi a Daquele que assumiu a semelhança de nossa carne pecadora. Também sua encarnação nesta condição só se explica e só existe por que há uma carne de pecado.

Capítulo 59

Um problema difícil relacionado à alma, cuja solução não é necessária à salvação.

Mas, o que dizer da própria alma? Mesmo que propagada da mesma maneira que o corpo, estaria ela acorrentada por um laço de vergonha que ela precisaria romper?

Admitamos, de fato: não é possível falar somente da carne do bebê e não de sua alma também, que precisaria ser socorrida pelo Salvador e Redentor e que permanece estranha à ação da graça formulada nos Salmos, onde lemos: *Bendiga, ó minha alma, ao Senhor e jamais te esqueças de todos os seus benefícios. É ele que perdoa as tuas faltas e cura as tuas enfermidades. É ele que salva tua vida da morte e te coroa de bondade e de misericórdia*[372].

Supondo que ela não seja propagada pela geração, somente o fato dela se imiscuir em uma carne de pecado, cujo peso ela deve suportar, não exigiria para ela a necessidade da remissão dos pecados e de uma redenção especial e necessária, com Deus julgando, aliás, com sua soberana presciência, que os bebês não merecem ser absolvidos dessa mácula, mesmo que sua vida pessoal não tenha podido de forma alguma, não estando ainda nascidos, operar, seja o bem ou o mal?

[372] Salmo 102: 2-4.

Admitindo, aliás, que Deus não cria as almas por transmissão sucessiva, como ele não é nelas o autor dessa mácula que torna necessária, até na alma de um bebê, a redenção pelo sacramento?

Estes são grandes problemas e que reclamam um tratado especial, no que deverá ser observado, em minha opinião, uma grande prudência e merecer o elogio pela precaução no exame, muito mais do que incorrer na censura pela precipitação em afirmar muito.

Quando se examina, de fato, um ponto muito obscuro e sem ter ainda provas claras e seguras, tiradas das santas Escrituras, a presunção humana deve se impor um freio e evitar pender para um lado ou outro.

Por um lado, ignoro como podem ser demonstrados e explicados esses pontos. Creio, no entanto, que se o ser humano não pudesse ignorar essas coisas, sem prejuízo para a salvação que lhe é prometida, a autoridade dos divinos oráculos falariam aqui muito claramente.

Quanto à minha obra principal, ela está agora em suas mãos, caríssimo Marcelino, tão completamente trabalhada quanto minhas forças permitiram.

Possa este estudo ser tão útil quanto ele é prolixo! Eu tentaria me desculpar pela sua extensão, se eu não temesse me alongar ainda mais, ao tentar apresentar minhas desculpas[373].

[373] O santo doutor tratou das questões que ele expôs aqui em duas cartas, que receberam os números 160 e 190, bem como em seu livro sobre a origem da alma e no capitulo 21 do terceiro livro de seu tratado sobre **O Livre Arbítrio**.

Livro III

Carta a Marcelino

Santo Agostinho refuta os erros de Pelágio sobre a questão do mérito dos pecados e o batismo dos bebês, ou melhor, ele responde a alguns argumentos contra o pecado original, que tinha sido atacado em diversos lugares de seu comentário sobre São Paulo.

Ao meu caríssimo filho Marcelino,

Agostinho
Bispo, servidor de Cristo e dos servidores de Cristo.

Saudações no Senhor!

Capítulo 01

O motivo deste terceiro livro.

Você me pediu por escrito a solução de várias questões, em resposta a algumas pessoas, segundo às quais Adão morreria mesmo que não tivesse ofendido Deus e seu pecado não se transmitiu por propagação à sua posteridade. Tratava-se também e, sobretudo, do batismo dos bebês, que a Igreja católica pratica por um costume perfeitamente pio e realmente maternal. Seria preciso

examinar, por fim, se neste mundo existe, se existiu ou se existirá algum filho dos homens absolutamente isento de qualquer pecado.

Estes pontos eu já tratei em dois longos livros, sem pretender ter acalmado todas as preocupações que este tema pode provocar nos corações. Eu ignoro mesmo se este objetivo pode ser atingido por mim ou qualquer outro. Muito certamente, este sucesso é impossível, ouso afirmar. No entanto, fiz alguma coisa em favor dos defensores da santa doutrina. Eles não estarão completamente desarmados, espero, para defender nesses temas a fé tradicional de nossos ancestrais, contra as novidades daqueles que pensam de forma diferente.

Pois bem! Poucos dias após ter terminado estes tratados, eu li as obras de Pelágio; um santo homem, aliás, a se acreditar em sua fama e um cristão de virtude não medíocre.

Eram alguns escritos contendo explicações bem curtas sobre as Epístolas do apóstolo São Paulo[374]. Quando cheguei neste texto do grande Apóstolo: *Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte. Assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que nele todos pecaram*[375], encontrei no comentador alguns argumentos que são usados por aqueles que negam nos bebês a existência do pecado original.

[374] Mercator, no capítulo 2 de suas advertências, cita os comentários de Pelágio sobre São Paulo e ali ele menciona várias máximas que são lidas, aliás, quase literalmente nos comentários falsamente publicados sob o nome de São Jerônimo.
[375] Romanos 5: 12.

Admito não ter refutado esses argumentos em meus escritos, no entanto, tão volumosos, pois não me tinha vindo à mente que alguém um dia pudesse ter tais pensamentos ou tal linguagem.

Não querendo, no entanto, acrescentar nada àquelas obras já terminadas e com conclusões definitivas, acreditei ter que inserir esta argumentação especial de Pelágio, com todas as suas expressões, tais como eu as li e também as respostas que me parecem derrubá-las.

Capítulo 02

Os bebês no batismo se tornam crentes e, como tais, participam da redenção.

Eis então, em seus próprios termos, a argumentação de Pelágio.

"Aqueles que combatem a ideia de um pecado transmitido pela geração atacam nestes termos a ideia da transmissão: se o pecado de Adão pôde prejudicar mesmo pessoas que não tinham nenhum outro pecado, então a justiça de Jesus Cristo deve ser útil, mesmo a pessoas não crentes. São Paulo, de fato, nos assegura que, por um só homem a salvação nos chega tanto ou até mais do que a perda veio de um só homem". Estas são expressões dele.

Repito que deixei este argumento sem resposta nos dois livros que já escrevi e não me propus, de forma alguma, refutá-lo inicialmente.

Vejamos antes de tudo até onde vai esta afirmação. Quando essas pessoas nos dizem: “Se o pecado de Adão é nocivo mesmo a pessoas não pecadoras, é preciso também que a justiça de Jesus Cristo seja útil mesmo a pessoas não crentes”, a consequência que eles acham absurda e totalmente falsa é que até mesmo os não crentes se beneficiariam da justiça de Jesus Cristo. Por consequência, eles acreditam ter provado que o pecado do primeiro homem não prejudicou os bebês, que não pecam, exatamente como a justiça de Jesus Cristo não pode servir àqueles que não tem fé.

Então, que eles nos digam, por sua vez, qual a vantagem que a justiça de Jesus Cristo propicia aos bebês batizados? Sim, que eles digam, a propósito dessa vantagem, tudo o que eles quiserem, pois, muito certamente, se eles se lembram de que são cristãos, eles reconhecerão a utilidade, mesmo neste caso, da justiça de Jesus Cristo.

Ora, é sua própria afirmação que essa vantagem, qualquer que ela seja, não pode existe para aqueles que não são crentes. Por consequência, eles mesmos são forçados a considerar como crentes os bebês, assim que são batizados. Eles mesmos devem se submeter aqui à autoridade por toda parte reconhecida da santa

Igreja, que não vê como indignos da qualificação de fiéis, esses pequenos neófitos, aos quais, segundo eles, a justiça de Jesus Cristo não poderia servir, se eles não possuem a fé!

Mas essa fé, como eles a possuem? Por transmissão, evidentemente, através daqueles que lhes propiciam o segundo nascimento, pelo espírito de justiça que inspira a estes responder por eles. Então, também e da mesma maneira, por transmissão, pelos autores de seu primeiro nascimento, pela carne de pecado, lhes chega uma mácula que sua vida pessoal não pôde manchá-los por ela mesma.

Assim, da mesma forma como o espírito de vida os faz fiéis regenerados em Jesus Cristo, assim também o corpo de morte os gerou pecadores em Adão.

Destas duas gerações, uma é carnal e a outra é espiritual. Uma produz os filhos da carne e a outra os filhos do Espírito. Uma, os filhos da morte e a outra, os filhos da ressurreição. Aquela, os filhos do mundo e esta, os filhos da misericórdia e de Deus. Por consequência, enfim, uma gera seres cativos do pecado original e a outra, pessoas libertas de qualquer laço do pecado.

Capítulo 03

A condenação dos bebês não batizados seria injusta sem a presença neles do pecado original.

É preciso que, como último recurso, quando as verdades não podem ser atingidas pelo nosso intelecto, por mais perspicaz que ele seja, que nos rendamos à autoridade divina. Esta autoridade nos salienta __ e com razão __ que a justiça de Jesus Cristo só pode servir para os crentes e, ao mesmo tempo, que admitamos que ela serve também para os bebês.

Quanto a isto, não há dúvidas, mas, segue-se daí, necessariamente, que é preciso considerar esses pequenos batizados como crentes e também, logicamente, se eles não são batizados, serão considerados como descrentes e, por consequência, não terão a vida e sobre eles, pelo contrário, permanece sempre a ira de Deus, já que, *Aquele que crê no Filho tem a vida eterna. Quem não crê no Filho não verá a vida, mas sobre ele pesa a ira de Deus*[376].

Por consequência também, eles já estão julgados, pois, *quem não crê já está condenado, por que não crê no nome do Filho único de Deus*[377].

Por fim, eles serão condenados, pois *Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado*[378].

---

[376] João 3: 36.
[377] João 3: 18.

Observem então com que justiça se esforça em afirmar que pessoas estão excluídas da vida eterna e sofrendo com a ira de Deus, cuja sentença soberana os julgou e condenou, sem nenhum pecado, nem da origem e nem pessoal.

Capitulo 04

As questões discutidas não são fáceis e é preciso rezar.

Há outras razões que Pelágio atribui aos adversários do pecado original. Mas os dois livros de minha obra precedente forneceram __ eu, pelo menos, penso assim __ uma resposta clara e suficiente

Se alguns, no entanto, acharam que ela foi curta ou obscura, que eles me perdoem e que entrem em composição com aqueles que, pelo contrário, lhe censuram não a brevidade, mas, pelo contrário, o excesso.

Por fim, aqueles que não compreendem minhas demonstrações, mesmo que eu acredite que elas são tão claras quanto permitiu a natureza das questões tratadas, queiram não me acusar de negligência ou falta de capacidade, mas que roguem ao Senhor para lhes conceder a inteligência.

[378] Marcos 16: 16.

Capítulo 05

As teses de Pelágio contra o pecado original.

Por fim, eis uma observação que não devemos negligenciar. Virtuoso e louvável, como o conhecem aqueles que nos falam dele, Pelágio não produziu em seu próprio nome esta argumentação contra a transmissão do pecado original. Ele apenas publicou as afirmações daqueles que combatem essa transmissão. Ele só fez repetir o raciocínio que reproduzi há pouco e outras objeções também, às quais eu também já observei ter respondido em minha obra citada.

Desta forma, ele começou por citar as palavras dos adversários. Ele disse: "Segundo eles, se o pecado de Adão prejudicou até mesmo aqueles que não pecam, então também a justiça de Jesus Cristo é útil até mesmo àqueles que não acreditam".

Pois bem! Que se leia minha resposta a esta objeção e ali se verá que, longe de destruir o que defendemos, esta dificuldade se presta para o que devemos dizer aos adversários.

Em seguida Pelágio continua: "Eis o que eles também dizem: se o batismo apaga esse antigo pecado, aqueles que nasceram de dois batizados devem ser isentos dele, pois os pais, neste caso, não puderam transmitir aos seus filhos o que eles não tinham mais. Acrescente-se, neste sentido, que, se a alma não é criada por

transmissão, mas somente pela carne, a carne somente herdou o pecado e somente ela também merece o castigo. É, portanto, uma injustiça que, até nos dias de hoje, a alma que não nasceu da massa de Adão, traga, no entanto, um pecado tão antigo e que lhe é estranho. Por fim, eles acrescentam que a razão não permite, de forma alguma, admitir que Deus, tão generoso em perdoar os pecados pessoais, nos impute as faltas alheias".

Capítulo 06

Qual era a convicção pessoal de Pelágio?

Você vê como Pelágio inseriu em seus escritos esta série de ideias, não em seu próprio nome, mas no de terceiras pessoas?

Uma hora ele sabe que isto é uma novidade inqualificável que hoje em dia começa a se erguer contra a crença antiga recebida pela Igreja. Outra hora ele se envergonha e teme sustentá-la por sua própria conta! Talvez ele não admita tais opiniões.

Não, ele não pensa que o ser humano nasce sem pecado, pois ele reconhece a necessidade do batismo, onde é feita a remissão dos pecados. Ele não acredita que o ser humano seja condenado, mesmo que isento de pecado e, no entanto, sem o batismo, todos são considerados não crentes e, evidentemente também, as palavras do Evangelho, que é incapaz de enganar, trazem com todas as letras: *quem não crer será condenado*.

Ele não pode admitir, por fim, que a imagem de Deus, isenta de todo pecado, não seja recebida no reino dos céus, por que, *quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus*[379].

Desta forma, ou a alma será precipitada, embora sem pecado, na morte eterna ou ela terá a vida eterna fora do reino de Deus e isto é algo mais absurdo ainda.

Escutemos Nosso Senhor prevendo a sentença que ele mesmo pronunciará em favor dos seus eleitos no fim dos tempos: *Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*[380].

Este reino que ele menciona aqui é mostrado claramente pelas últimas palavras que terminam sua sentença: uns *irão para o castigo eterno* e os outros, *para a vida eterna*[381].

Tais opiniões e outras também, que decorrem de um erro assim, são tão perversas, tão contrárias à verdade cristã, que Pelágio, homem eminentemente cristão, não compartilha delas, eu creio, de nenhuma maneira.

No entanto, pode ser que, ainda tocado pelos argumentos dos adversários da transmissão do pecado, ele anseie conhecer ou saber que resposta é dada e daí sua atitude com relação aos inimi-

[379] João 3: 5.
[380] Mateus 25: 34.
[381] Mateus 25: 36.

gos do pecado por transmissão. Ele não quis esconder suas objeções, para insinuar que há aí uma questão a ser examinada. Mas ele colocou essas dificuldades fora de sua própria responsabilidade, para não deixar que acreditassem que ele compartilha dessas opiniões.

Capítulo 07

Devemos ter como guia as indicações evidentes das Escrituras.

De minha parte, mesmo que eu não possa refutar seus argumentos, vejo, no entanto, que devemos nos ater absolutamente aos pontos que as Escrituras santas ensinam com toda evidência. Assim, através desses pontos, podemos esclarecer as obscuridades ou, se nossa mente ainda não for capaz disso, seja para compreender as verdades, mesmo após demonstração, seja para escrutar certas profundezas, pelo menos acreditaremos sem sombra de hesitação.

Não há nada de mais explícito do que os testemunhos tão numerosos e tão solenes dos divinos oráculos, donde ressaltam estas verdades já enunciadas: que fora da associação com Jesus Cristo ninguém pode conquistar a vida e a salvação eternas e que, portanto, no tribunal de Deus, ninguém será injustamente conde-

nado ou, em outros termos, separado da vida e da salvação eternas.

Daí esta consequência: não tendo o batismo, para os bebês, outro efeito além de incorporá-los à Igreja, ou seja, de associá-los ao corpo de Jesus Cristo e aos seus membros, é, portanto, manifesto que, se este sacramento não lhes for conferido, eles pertencem à condenação.

Ora, eles não poderiam ser condenados se não tivessem nenhum pecado e, como sua idade não lhes permite contrair faltas pessoais, só nos resta uma verdade para compreender ou, se ainda não podemos compreendê-la, nos resta pelo menos acreditar que os bebês contraem, ao nascer, o pecado original.

Capítulo 08

Um texto das Escrituras que esclarece um texto de São Paulo considerado incerto por alguns.

Por consequência, suponhamos que este texto do Apóstolo ainda deixe alguma dúvida: *Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte. Assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que nele todos pecaram*[382].

[382] Romanos 5: 12.

Suponhamos que se possa entender este texto em um sentido diferente do nosso, mas, também é duvidoso este oráculo: *Quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus*[383]?

São duvidosas também estas outras palavras: *Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, por que ele salvará o seu povo de seus pecados*[384]?

É duvidosa a afirmação do Senhor: *Não são os que estão bem que precisam de médico, mas sim os doentes*[385]? Ou seja, que Jesus não é necessário àqueles que são isentos de pecados, mas àqueles que é preciso resgatar do pecado?

É duvidoso, enfim, que quem não comer a carne de Jesus, ou seja, se tornar participante de seu corpo, não terá a vida?[386]

Estes oráculos e outros que deixo de citar resplandecem com toda a divina luz e se impõem com toda a certeza da autoridade divina, que, através deles proclama a própria verdade, sem o menor equívoco possível.

Não somente os bebês não batizados não podem entrar no reino de Deus,como eles não podem também possuir a vida eterna, separados que estão do corpo de Jesus Cristo, já que, para se

---

[383] João 3: 5.
[384] Mateus 1: 21.
[385] Mateus 9: 12.
[386] Cf. João 6: 51. *Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que eu hei de dar é a minha carne para a salvação do mundo*.

incorporar a ele, é preciso impregná-los com a água do sacramento do batismo.

O que atesta também a verdade, sem sombra de dúvida e de hesitação? É que, se mãos pias levam esses bebês a Jesus, ou seja, ao Cristo Salvador e médico, um único motivo as impele a isso: é fazer com que sejam curadas da peste do pecado, com a aplicação do remédio do sacramento de Jesus.

Mas também, por que hesitaríamos agora na interpretação do texto citado do Apóstolo, com relação ao qual ainda podemos ter alguma dúvida? Como não entender este texto também em um sentido que o faz concordar com os outros oráculos sagrados, sobre os quais não paira nenhuma dúvida?

Capítulo 09

O texto de São Paulo não é um texto incerto.

De resto, toda a passagem em que o Apóstolo fala da condenação de muitos por causa do pecado de um só e a justificação de muitos também por causa da justiça de um só, me parece absolutamente sem equívoco, a não ser esta frase: Adão *é a figura do que havia de vir*[387].

Este detalhe se explica, de fato, com toda a verdade, não somente no sentido de que todos os seus descendentes futuros são

[387] Romanos 5: 14.

gerados com o pecado e de acordo com o mesmo tipo que ele. Mas também se pode encontrar nestas palavras outras interpretações bem variadas.

Nós mesmos já a explicamos diferentemente do que esta e talvez a expliquemos mais tarde diferentemente também, sem jamais ver nelas um sentido contrário àquele que afirmamos antes[388].

Pelágio também deu mais de uma explicação diferente.

Quando se estuda e se examina com atenção todo o resto desta passagem, como eu fiz com cuidado no primeiro dos meus dois livros precedentes e mesmo que a natureza do tema tratado produza necessariamente alguma obscuridade nas expressões, as palavras do Apóstolo não poderão ter outro sentido que aquele que gerou a antiga e universal tradição que defende a Igreja; é que os bebês se tornam fiéis por terem obtido, através do batismo de Jesus Cristo, a remissão do pecado original.

[388] Cf. *Carta 157*, seção 20, acima no Livro I, cap. 13, abaixo *O casamento e a concupiscência*, livro II, seção 46 e *Contra Juliano*, livro VI, seção 8.

Capítulo 10

A doutrina de São Cipriano sobre o pecado original nos bebês.

Também o bem-aventurado Cipriano teve razão em provar abundantemente que, neste ponto, a Igreja observa uma doutrina que desde o começo acreditou e compreendeu neste sentido.

Haviam lhe perguntado se era preciso batizar as crianças antes do oitavo dia e ele tinha respondido que o recém-nascido, desde sua saída do ventre materno, estava capacitado para receber o batismo de Jesus Cristo e, para provar isso, ele insistiu o máximo que pôde em demonstrar que esses bebês são perfeitos e completos, para evitar que a lembrança da circuncisão, que na antiga lei era dada somente no oitavo dia, não fizesse acreditar que alguma perfeição ainda lhes faltava[389].

Mas, mesmo o poderoso advogado da infância fazendo isso, ele evitou declará-la isenta do pecado original, por que negar esse pecado teria sido aniquilar a própria razão do batismo, para a recepção do qual ele defendia tão bem sua causa.

Você mesmo, caro Marcelino, pode ler a carta desse glorioso mártir, sobre o batismo dos bebês, pois essa obra não pode faltar a você em Cartago.

[389] Cipriano. Carta LXIV, a Fidus.

No entanto, na própria carta que envio a você, creio dever transcrever algumas linhas dela, na medida em que pareça bastar para a questão atual.

Observe seriamente esta passagem. Ele diz: "Chego à questão das crianças. Você afirmou que não se deve batizá-las no segundo ou no terceiro dia após seu nascimento e que se deve levar em conta a lei bem antiga da circuncisão. Seria necessário, segundo você, evitar batizar e santificar o recém-nascido antes do oitavo dia completado, mas nosso Concílio entendeu diferentemente. A prática que você acredita obrigatória neste caso, não teve o apoio de absolutamente ninguém. Pelo contrário, por unanimidade decidimos que não se deve recusar a ninguém que venha a este mundo a misericórdia e a graça de Deus. O próprio Senhor o disse em seu Evangelho: *O Filho do Homem não veio para perder as vidas dos homens, mas para salvá-las*[390]. Portanto, enquanto ele estiver em nós, nenhuma alma, se for possível, deve ser perdida".

Observou suas palavras, a sua convicção? Segundo ele, não é a carne somente, é a alma da criança que encontra sua perda e sua ruína, se ela sai desta vida sem ter recebido esse sacramento da salvação!

[390] Lucas 9: 56.

Mesmo se ele parasse após esta afirmação, ela nos imporia o dever de compreender que uma alma não pode perecer, se ela não tem pecado.

Mas escute o que ele diz logo após e bem claramente, sobre essas mesmas crianças, cuja inocência ele defende no mesmo ato.

Ele continua: "Aliás, se algum obstáculo pudesse impedir alguém de chegar à graça, seriam mais os adultos, as pessoas maduras, os idosos da família humana, que bloqueariam o caminho da salvação, com seus pecados graves. Não obstante isto, até mesmo os maiores pecadores, aqueles que inicialmente mais ofenderam nosso Deus, obtém a remissão de seus pecados, quando abraçam a fé, mesmo logo após seus crimes e ninguém é excluído do batismo e nem da graça. Com muito mais razão, deveríamos privar a criança que, recentemente nascida, não possui outro pecado além daquele contraído desde seu primeiro instante, com o contágio da morte antiga, em virtude de seu nascimento carnal como filho de Adão? É muito mais fácil, portanto, para ela, se apresentar para receber a remissão dos pecados, já que são faltas estranhas a ela e não as suas pessoalmente que são então apagadas".

Capítulo 11

São Cipriano se conecta com a antiga tradição da Igreja.

Você vê com que confiança esse homem eminente se expressa aqui, de acordo com a antiga e indubitável regra da fé? E por que ele produz esses documentos de perfeita evidência? Para esclarecer, com esta demonstração firme e impactante, um único ponto duvidoso. Eu quero dizer, a única questão que lhe apresentou aquele que sua carta responde aqui, a única dificuldade que motivou o decreto conciliatório que ele menciona, que é o de batizar a criança que se apresentasse para o sacramento, sem esperar o oitavo dia após seu nascimento.

Não se tratava de saber se as crianças estão presas pelo laço terrível do pecado original. Não, não foi o dogma novo que o Concílio teve que estabelecer ou a doutrina antiga que ele teve que defender, por que lhe opunham alguma contradição.

O objeto da questão, a matéria em discussão era bem diferente. A lembrança da lei da circuncisão carnal trazia esta questão: convinha batizar nossas crianças antes do oitavo dia? Ninguém adotou a opinião negativa. Por quê?

É que não se admitia como questão ou dificuldade que isso tivesse que ser feito e que, pelo contrário, via-se como absolutamente certa a perda das almas, quanto à salvação eterna, se elas

chegassem a sair da vida presente sem ter recebido esse sacramento e, no entanto, admitia-se que as crianças bem recentemente saídas do seio materno tinham unicamente a mancha do pecado original. Assim, mesmo declarando que a remissão dos pecados lhes era mais fácil, por que são faltas alheias, nem por isso ela lhes era menos necessária.

Estando, aliás, estas questões fora de dúvida, a única questão duvidosa, com relação ao oitavo dia, foi então dirimida e o Concílio se pronunciou afirmando que se deve levar socorro ao ser humano desde seu nascimento, sem distinção de dias, para que ele não pereça eternamente.

Esta decisão não impediu que, lembrando a circuncisão carnal, ela fosse vista como uma representação do futuro, mas se evitou dar a entender que o batismo deve ser ministrado ao ser humano no oitavo dia após seu nascimento. Quis-se demonstrar, pelo contrário, que recebemos uma circuncisão espiritual na ressurreição de Jesus Cristo.

Ora, Jesus ressuscitou, é verdade, no terceiro dia após sua paixão. Mas esse dia, no entanto, visto nessa divisão periódica do tempo chamado semana, é mais o oitavo dia, no entanto, já que o Senhor ressuscitou dos mortos no primeiro dia após o sábado.

Capítulo 12

O consenso dos escritores cristãos sobre a presença do pecado original nos bebês.

Desta forma, não sei como explicar essa audaciosa nova disputa que leva algumas pessoas a colocar em questão, como incerta, uma doutrina que nossos pais defendiam como a mais certa no mundo e sobre a qual eles se baseavam para resolver alguns pontos visto como duvidosos por algumas pessoas. Ignoro realmente em que época começou essa agressão aos nossos princípios.

O que eu sei, no entanto, é que São Jerônimo, que em nossos dias apresenta nas cartas eclesiásticas um trabalho e uma doutrina consumados e muito justamente renomados, me forneceu um documento que ele escreveu, aliás, com um tom de perfeita certeza e que não dá margem nem mesmo a discussão.

Em seu comentário sobre Jonas, ele chega à passagem em que o Profeta lembra que até mesmos os bebês foram submetidos aos rigores do jejum. Ele diz: “A idade avançada dá, sobre isso, o primeiro exemplo, que se estende em seguida até à idade mais tenra, pois ninguém é sem pecado, nem mesmo a criança cuja vida não conta mais do que um único dia, ou cujos anos são ainda mais

fáceis de contar[391]. Se as estrelas não são puras perante Deus, muito menos o verme e a podridão[392] e todos aqueles, enfim, que acorrenta como culpados o crime de Adão pecador!”[393].

Se nos foi fácil interrogar este doutor tão erudito, quantos de nós não citaria comentadores das divinas Escrituras, tanto latinos quanto gregos; tantos escritores que se aprofundaram em todas as questões cristãs e que, desde o estabelecimento da Igreja de Jesus Cristo, não possuem outra opinião, não receberam da antiguidade outra tradição, não deixaram, enfim, outra doutrina à posteridade?

Quanto a mim, embora tendo muito menos leitura do que este homem, não me lembro de ter encontrado outro ensinamento nos cristãos que aceitam os dois Testamentos. Não falo somente daqueles que pertencem à Igreja Católica, mas até mesmo daqueles que vivem em algum cisma ou heresia. Não me lembro de ter lido outra coisa em todos aqueles cujos livros sobre esses temas puderam chegar ao alcance de meus olhos, desde que seus escritos se baseiem em livros canônicos ou que pelo menos eles acreditem tê-los seguido ou que gostariam de dar a aparência de respeitá-los.

---

[391] Cf. Jó 14: 5 e 6. *Se seus dias estão contados, se em teu poder está o número dos seus meses e fixado um limite que ele não ultrapassará, afasta dele os teus olhos; deixa-o até que acabe o seu dia como um trabalhador*.

[392] Cf. Jó 25: 4-6. *Como seria justo o homem diante de Deus, como seria puro o filho da mulher? Até mesmo a luz não brilha e as estrelas não são puras a seus olhos; quanto menos o homem, esse verme e o filho do homem, esse vermezinho*.

[393] São Jerônimo. *Comentários a Jonas*, cap. III.

Não sei onde nasceu subitamente essa triste contradição. Foi bem recentemente, de fato, que, estando em Cartago, onde você reside, caro Marcelino, meus ouvidos foram como que roçados ligeiramente por alguns discursos pronunciados, aliás, por algumas pessoas que conversavam de passagem e sem importância. "Não é para a remissão dos pecados, é somente para a santificação em Jesus Cristo, que é preciso batizar os bebês"[394], eles diziam.

Mesmo que impressionado com a novidade desta doutrina e achando inoportuno contradizê-la, ouvindo-a, aliás, de pessoas cujo crédito e autoridade não me preocupavam, eu facilmente coloquei tais despropósitos na lista das coisas para serem esquecidas para sempre e apagadas.

Mas, eis que a vejo ser defendida no encontro da Igreja, com todo ardor e um zelo culposo. Eis que ousam escrevê-la e assim perpetuá-la. Eis que o perigo, desta forma, se torna tão grave a ponto de levar nossos irmãos a nos consultar e nos forçar a discutir e escrever contras esses novidadeiros!

[394] Cf. *De gestis Pelagii* 22, 46.

Capítulo 13

Outro testemunho de São Jerônimo sobre o pecado original.

Há alguns anos, vivia em Roma um certo Joviniano que, dizem, convenceu a casar-se virgens consagradas, de uma idade já bem avançada, no entanto. Não foi, no entanto, convencendo alguma delas a aceitá-lo como esposo. Foi simplesmente afirmando que as virgens devotadas à santa castidade não tinham melhor mérito perante Deus do que as fiéis casadas.

No entanto, não lhe veio à mente tentar afirmar que as crianças nascem isentas do pecado original. Uma doutrina dessas, se ele conseguisse estabelecê-la, convenceria, no entanto, muito mais as mulheres ao casamento, já que ela lhes prometeria gerar frutos puros e perfeitos.

Os escritos deste homem, pois ele ousou escrever, foram enviados por nossos irmãos a Jerônimo, para que ele os refutasse e Jerônimo, não somente não descobriu neles a doutrina que mencionamos, como também, para refutar as inúteis objeções do sectário, se apoiou no dogma do pecado original, como sendo uma verdade muito certa e que ele supunha desta forma, sem dúvida, mesmo aos olhos do seu adversário.

Eis, entre muitas outras argumentações, aquela que usou para este tema, com todas as letras[395]: "Quem pretende permanecer em Jesus Cristo deve caminhar como o próprio Jesus caminhou[396]. Que ele escolha aqui sua posição; nós lhe damos a escolha. Ele permanece em Jesus Cristo ou não? Se ele permanece, então que caminhe como Jesus Cristo. Se, pelo contrário, há a imprudência de prometer uma semelhança perfeita com as virtudes do Senhor, então ele não permanece em Jesus Cristo. Cristo não cometeu pecado e a mentira não se encontrava em seus lábios. Quando o amaldiçoaram, ele não retribuiu a maldição e, como uma ovelha nas mãos do tosquiador, ele não abriu a boca[397]. Contra ele veio o príncipe deste mundo, mas este não encontrou nada nele[398]. Mesmo que ele não tenha cometido nenhum pecado, Deus o fez o próprio pecado, por nós[399]. E nós, pelo contrário, segundo a Epístola de São Tiago, pecamos todos em muitas coisas[400] e ninguém é isento de pecado, mesmo aquele que não tem mais do que um dia de vida. *Quem pode dizer: 'Meu coração está puro, estou limpo*

---

[395] São Jerônimo. *Contra Joviniano*, Livro II.
[396] 1 João 2: 6. *Aquele que afirma permanecer nele deve também viver como ele viveu*.
[397] Cf. Isaías 53: 9 (*Foi-lhe dada sepultura ao lado de facínoras e ao morrer achava-se entre malfeitores, se bem que não haja cometido injustiça alguma, e em sua boca nunca tenha havido mentira*) e 1 Pedro 2: 22 e 23 (*Ele não cometeu pecado, nem se achou falsidade em sua boca. Ele, ultrajado, não retribuía com idêntico ultraje; ele, maltratado, não proferia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça*).
[398] Cf. João 14: 30.
[399] 2 Coríntios 5: 21. *Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus*.
[400] Tiago 3: 2. *Todos nós caímos em muitos pontos*.

de pecado'?[401] Sim, somos todos culpados e acorrentados pela semelhança à prevaricação de Adão. Também Davi lamenta: *Eis que nasci na culpa, minha mãe concebeu-me no pecado*[402]".

Capítulo 14

A existência do pecado original nos bebês é a doutrina tradicional da Igreja e se explica pelo fato de Adão ter sido toda a humanidade.

Ao recordar estes testemunhos, não pretendo que a opinião de polemistas, por mais ilustres que eles sejam, aliás, me forneça um apoio semelhante à autoridade canônica dos santos livros.

Quero somente evidenciar um ponto: é que desde o começa da Igreja até os dias de hoje, em que vimos nascer esta novidade, a fé da Igreja conservou esta doutrina sobre o pecado original com uma perpetuidade inabalável, ao ponto de aqueles que escreveram sobre a divina palavra defenderem este artigo como muito certo para refutar o erro sobre outros artigos, ao mesmo tempo em que ninguém ousou refutar como errôneo este próprio ensinamento.

Por fim, os santos livros canônicos apresentam com todo vigor, todo brilho e plenitude de sua autoridade, a opinião que sustentamos. É o Apóstolo que clama: *Por um só homem entrou o*

[401] Provérbios 20: 9.
[402] Salmo 50: 7.

pecado no mundo e, pelo pecado, a morte. Assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que nele todos pecaram[403].

Desta forma, não é exato dizer que o pecado de Adão arruinou até os que não pecaram, pois a Escritura afirma que nele *todos pecaram*.

Este tipo de pecado não é chamado de falta alheia, no sentido em que os bebês sejam completamente estranhos a ele, pois todos pecaram em Adão, no momento em que todos os humanos eram nele somente um único homem, pelo poder gerador inserido em sua natureza.

Esse pecado é chamado de falta alheia por que os humanos ainda não desfrutavam de sua existência pessoal e a vida de um único humano continha tudo o que estaria em sua descendência futura.

Capítulo 15

Deus não perdoa os pecados sem a regeneração do batismo e não imputa em ninguém os pecados alheios.

Dizem: "A razão proíbe absolutamente aceitar que Deus nos impute os pecados alheios; Ele, que nos perdoa nossas faltas pessoais".

[403] Romanos 5: 12.

Sim, Deus perdoa, mas àqueles que já receberam a regeneração espiritual e não àqueles que somente foram gerados na carne e Deus nos imputa também as faltas que, como já vimos, não nos são estranhas, mas pessoais, certamente.

Estranhas ao ser humano, quando não existia quem as recebesse por transmissão. Pessoais, pelo contrário, desde que recebidas pela geração carnal. E essas faltas permanecerão enquanto não forem perdoadas através da geração pelo espírito.

Capítulo 16

Ainda o problema de por que os filhos dos batizados contraem o pecado original.

Mas, insistem: "Se o batismo purifica o ser humano dessa falta original, aquele que nasceu de dois batizados deve estar isento desse pecado. Os pais não poderiam transmitir aos seus descendentes aquilo que eles mesmos já não possuíam".

Esta é, infelizmente, a fonte que produz e geralmente fazer crescer o erro: algumas pessoas são muito capazes de interrogar sobre coisas que são incapazes de compreender!

Qual será, de fato, aqui, meu ouvinte? Que linguagem devemos empregar aqui? Trata-se de explicar como um princípio vicioso, um germe de morte, não pode prejudicar pessoas que já receberam germes bem diferentes dos princípios da imortalidade.

Enquanto essas pessoas geram a vida segundo princípios viciosos que elas mesmas não possuem, o germe de morte retoma seu império sobre as crianças assim geradas.

Como fazer com que estas coisas tão profundas sejam compreendidas por pessoas que já possuem uma mente pesada e ainda estão presas pelo preconceito de sua opinião pessoal e pela teimosia invencível de seu orgulho?

Admitirei, no entanto, que, se a causa que eu defendo eu tivesse que defendê-la contra aqueles que condenam absolutamente o batismo dos bebês ou que afirmam que o batismo é para eles uma coisa inútil, sob o pretexto de que as crianças nascidas de pais fiéis herdam necessariamente o mérito e a graça de seu pai e de sua mãe, então eu teria talvez que empregar muito mais trabalho e esforço para reduzir ao silêncio uma opinião dessas.

Supondo que, por causa da obscuridade natural e necessária desses problemas, bem como também por causa da inteligência preguiçosa ou questionadora de meus adversários, me fosse difícil refutar o erro e convencer da verdade, eu poderia pelo menos invocar as comparações usuais e os exemplos ao alcance de todos.

Então, eu lhe coloco esta questão, pois você parece surpreso com a ideia de que um pecado apagado pelo batismo ressurja, no entanto, nos filhos de pessoas batizadas: explique-me como o prepúcio retirado pela circuncisão ressurge nos filhos de pessoas cir-

cuncidadas? Como a casca também, que o trabalho humano retira tão cuidadosamente do grão de trigo, ressurge no grão produzido pelo trigo assim processado?

Capítulo 17

Nem sempre os cristãos geram cristãos e nem as pessoas puras geram filhos puros.

Talvez assim e com comparações deste tipo eu tentaria convencer as pessoas que considerassem inútil a aplicação do sacramento regenerador aos filhos de pessoas já regeneradas. Desta forma eu gostaria de convencê-las de que temos soberanamente razão em batizar os filhos dos batizados.

Um pai que traz nele dois germes __ um de morte na carne e outro de imortalidade no espírito __ certamente que poderá não sofrer propriamente com o mau princípio, por que é regenerado espiritualmente, mas seu filho sofrerá com ele, por que foi gerado somente pela carne.

Por consequência, poderá acontecer de este princípio já estar purificado em um, pela remissão e a graça, enquanto que no outro, esta remissão __ que eu comparei com a circuncisão e o processamento da casca do trigo __ ainda está por acontecer.

Mas, na questão presente, lidamos com pessoas que admitem a necessidade de batizar até mesmo os filhos dos batizados.

É de se questionar então o quanto estaremos melhor fundamentados e seremos mais sábios, se lhes colocarmos estas questões:

Vocês afirmam que pessoas purificadas da mácula do pecado só podem gerar filhos isentos de pecado. Como não observar que, pela mesma razão, vocês podem também dizer que pais cristãos geram necessariamente cristãos?

Por que então, pelo contrário, vocês pensam que eles devem ser feitos cristãos? Seus pais não seriam feitos cristãos também segundo o corpo, apesar das palavras que São Paulo dirige a eles: *Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo*?[404]

Talvez um corpo cristão tenha saído de dois outros corpos igualmente cristãos, mas esse corpo teria recebido uma alma cristão?

Mas, eis o que é mais espantoso. De fato, qualquer que seja sua ideia sobre a origem da alma, vocês acreditam, sem dúvida, como o Apóstolo, que ela não pôde fazer nenhum bem e nenhum mal antes de ter nascido.

Pois bem, de duas uma, ou a alma é comunicada por transmissão e, assim como o corpo é cristão por que vem de dois cristãos, a alma também deve nascer cristã, ou então, a alma é criada por Jesus Cristo e, por consequência, destinada a um corpo cristão

[404] 1 Coríntios 6: 15.

ou, mesmo por causa desse corpo cristão, ela tem que ser cristã também, ou em sua criação ou na hora de seu envio à terra, a menos que vocês não aceitem que, por acaso, pessoas possam, como cristãs, gerar um corpo cristão, mas Jesus Cristo mesmo não pode produzir uma alma cristã.

Rendam-se à evidência e reconheçam duas coisas igualmente possíveis: uma __ e vocês já a admitem __ é que cristãos não geram cristãos e nem membros de Jesus Cristo geram um membro de Jesus Cristo. A outra é que __ e nós a proclamamos para prevenir aqui aqueles que se deixam prender por uma ideia religiosa totalmente falsa, mesmo que ela guarde ainda algum respeito pela religião __ de duas pessoas consagradas a Deus não nasce um consagrado.

Desta forma, surge outra possibilidade. É que de dois seres purificados só pode nascer um filho puro. E, para dar razão a esta verdade, que dois cristãos não geram um cristão, o que vocês alegam então, se não é que um cristão é feito não pela geração, mas pela regeneração?

Aceitem então este mesmo argumento para se convencerem de que ninguém é purificado dos pecados em seu primeiro nascimento, mas que todos precisam do renascimento para se tornarem puros.

Por consequência, convenham que pessoas purificadas, precisamente em virtude desse novo nascimento, dão à luz também pessoas que devem renascer para serem purificadas, pois os pais puderam transmitir aos seus descendentes um germe que eles mesmos não tinham, não somente como o trigo puro ainda produz a casca e como o prepúcio é encontrado nos filhos dos circundados, mas também __ e são vocês que dizem isto __ como os fiéis transmitem a infidelidade à sua descendência. E, se eles possuem ainda o vício de uma semente mortal e culposa, eles não têm mais o título de pessoas regeneradas pelo espírito e eles mantém esse vício somente pelo fato de terem sido gerados pela carne.

De fato, já que vocês julgam que os bebês devem adquirir o caráter de fiéis através da virtude do sacramento dos fiéis, vocês admitem então que os pais fiéis produzem assim uma descendência infiel.

Capítulo 18

A obscura questão da origem da alma relacionada com o pecado original.

Dizem: “Mas, se a alma não é comunicada por transmissão, se somente a carne nos é dada, somente ela também possui a força de transmissão do pecado e somente ela então merece a condena-

ção, pois é uma injustiça que a alma que nasça hoje e não da massa de Adão, carregue, no entanto, um pecado tão antigo".

Observe uma coisa aqui, meu caro Marcelino, eu lhe peço. Pelágio é um homem muito prudente, pois é de seu livro que retirei estas palavras citadas. Ele é muito prudente, observe, para não perceber o quanto é difícil esta questão da alma que ele encontrou na estrada.

Assim, ele não afirma que a alma é produzida por transmissão. Ele diz somente "se a alma não é comunicada por transmissão". De fato, sobre um ponto tão obscuro e um problema sobre o qual não podemos encontrar ou, no mínimo, encontraríamos muito dificilmente alguns testemunhos certos e evidentes nas Escrituras santas, é adequado a ele falar em um tom de hesitação e não com um ar de confiança.

Desta forma, eu mesmo, a esta objeção quero responder com uma interrogação modesta e prudente.

Vamos supor então que a alma não venha por transmissão. Onde está então a justiça com relação a ela? O quê?! Recentemente criada e absolutamente isenta de qualquer contágio do pecado desde sua origem, ela não está menos condenada até nos bebês a sofrer os tantos sofrimentos e tormentos variados da carne e, o que é mais horrível, até mesmo os assaltos do demônio?

Não há nenhum desses sofrimentos que a carne não sofra, sem que também e até mesmo mais, a alma dotada de vida e sentimentos não seja castigada! Prove que isto é justo e você me obrigará a lhe mostrar também como é justo que uma carne de pecado receba o pecado original, cujo traço deverá ser apagado pelo sacramento do batismo e pelo efeito misericordioso da graça.

Se o primeiro ponto é indemonstrável, o segundo também o é, em minha opinião e, entre duas opções, escolhamos: ou bem deixamos com as duas verdades os seus mistérios ou então tentamos __ mas em outra época e na medida em que isto parecer necessário __ outro tratado especial sobre a alma, onde discutiremos estes problemas com sobriedade e prudência.

Capítulo 19

Fora da Igreja não há salvação, mas ninguém participa da Igreja em Jesus e com Jesus sem receber seus sacramentos.

Mais do que nunca então, agora compreendemos o texto do Apóstolo: *Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte. Assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que nele todos pecaram*[405].

[405] Romanos 5: 12.

Entendamos este texto sobre o pecado original, caso contrário, por mais esplêndidos e importantes que sejam os oráculos das divinas Escrituras, em vão eles nos instruiriam que, fora da sociedade com Jesus Cristo, que é feita nele e com ele, quando somos que impregnados com seus sacramentos e incorporados aos seus membros, ninguém pode adquirir a vida e a salvação eternas. Seríamos convencidos, pelo contrário, a opor, a essa irrefutável autoridade, uma imperdoável e miserável loucura.

Observemos também: *Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte. Assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que nele todos pecaram*. Este oráculo, escrito para os romanos, não tem um sentido diferente deste outro escrito para os coríntios: *Com efeito, se por um homem veio a morte, por um homem vem a ressurreição dos mortos. Assim como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos reviverão*[406].

Nesta última passagem, não há dúvida de que se trata da morte do corpo, pois a questão tratada tão ardentemente pelo grande Apóstolo era a ressurreição do corpo e assim, parece que ele não tratava ali do pecado, por que tampouco se tratava de justiça.

Na Epístola aos Romanos, pelo contrário, um e outro são citados e recordados com muito cuidado. Eu quero dizer o nosso

[406] 1 Coríntios 15: 21 e 22.

pecado em Adão e a nossa justiça em Jesus Cristo; a nossa morte em Adão e a nossa vida em Jesus Cristo.

Por fim, todas as palavras desta passagem do Apóstolo foram, eu já mencionei isto, estudadas a fundo e explicadas no primeiro de meus dois livros, na medida em que eu pude e me pareceu necessário insistir neste tema.

Capítulo 20

A morte do corpo foi causada pelo pecado.

Também é verdade que esta longa passagem da Epístola aos Coríntios, onde é longamente tratado o tema da ressurreição, termina com uma conclusão que não permite duvidar que a morte do corpo aconteceu como um triste merecimento pelo pecado.

O Apóstolo disse: *É necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade e que este corpo mortal se revista da imortalidade. Quando este corpo corruptível estiver revestido da incorruptibilidade e quando este corpo mortal estiver revestido da imortalidade, então se cumprirá a palavra da Escritura: "A morte foi tragada pela vitória" (Is 25,8). "Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão" (Os 13,14)? Ora, o aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei*[407].

[407] 1 Coríntios 15: 53-56.

Vemos e são as próprias palavras do Apóstolo que declaram: a morte será absorvida em sua vitória pelo único fato de que nosso elemento corruptível e mortal será revestido pela incorruptibilidade e pela imortalidade e também pelo fato de que Deus dará a vida aos nossos corpos mortais, por causa de seu espírito que habita em nós. Com isto fica claro que a morte de nosso corpo, que é exatamente o contrário de nossa ressurreição corpórea, teve por aguilhão o pecado.

Por outro lado, esse aguilhão produziu a morte e não reciprocamente, pois morremos pelo pecado, mas não pecamos ao sofrer a morte.

O aguilhão da morte é, portanto, nas Escrituras, uma expressão semelhante àquela da árvore da vida, que não foi feita para a vida do ser humano, mas que deveria fazer a vida no ser humano. É também uma expressão como a árvore da ciência, que também não é obra da ciência humana, mas que deveria criar a ciência no ser humano. Pela mesma razão, o aguilhão da morte não é feito para a morte, mas ele dá a morte. No mesmo sentido, chamamos de bebida de morte aquela que matou ou que poderia matar uma pessoa e não aquela que foi fabricada por aquele que morreu ou que está morto. O aguilhão da morte é o pecado, cuja picada matou o gênero humano.

Agora, por que questionar ainda de que morte se trata aqui? É a do corpo ou a da alma? É a primeira, que nos colhe hoje ou é a segunda, que atingirá então os ímpios?

Não há espaço para levantar esta questão. Não há espaço para o equívoco. Interroguemos as próprias palavras utilizadas pelo Apóstolo para falar desse aguilhão. Elas mesmas nos responderão. Elas dizem: *Quando este corpo corruptível estiver revestido da incorruptibilidade e quando este corpo mortal estiver revestido da imortalidade, então se cumprirá a palavra da Escritura: "A morte foi tragada pela vitória" (Is 25,8). "Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão" (Os 13,14)? Ora, o aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei*.

Tratava-se da ressurreição do corpo, que deve absorver a morte em sua vitória, depois que nosso elemento mortal tiver se revestido de imortalidade.

Então, será à própria morte que se dirigirá nossa interpelação, pois, pela ressurreição do corpo, ela será sepultada em sua vitória. É a ela então que se dirá: *"Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?"*.

Sim, é à morte corpórea que se dirigirão estas palavras, pois ela será sepultada pela imortalidade vitoriosa, no momento em que nosso corpo mortal se revestir de imortalidade.

A essa morte corpórea, repito, se dirá: *"Onde está a tua vitória?"* Por mais universal que tenha sido sua vitória sobre todos os humanos, a ponto de o próprio Filho de Deus ter que combatê-la e vencê-la, não evitando-a, mas aceitando-a, você venceu em nossa morte, mas foi vencida por nossa ressurreição. Sua vitória devorou e absorveu nosso corpo mortal, mas isso foi só por um tempo. Nossa vitória vai absorver você em nosso corpo ressuscitado e esse será um triunfo eterno.

Onde está o teu aguilhão? Ou seja, onde está o pecado cujo dardo nos atingiu e envenenou, a ponto de dali por diante você ficar presa ao nosso corpo, como a uma presa e a um tempo tão longo? *Ora, o aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei.*

De fato, todos pecamos em um só, de sorte que, em um só devemos todos morrer e recebemos a Lei sem colocar um fim aos nossos pecados, ao nos corrigir, mas até mesmo aumentando-os com nossas transgressões. Pois a Lei veio e o pecado superabundou e as Escrituras reuniram tudo sob esse império do pecado.

Mas, agradeçamos a Deus que nos deu a vitória através de Jesus Cristo Nosso Senhor[408], de sorte que, onde o pecado abun-

[408] Cf. 1 Coríntios 15: 57. *Graças, porém, sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo!*

dou, a graça superabundou[409], por sua vez e a promessa divina foi feita e dada a todos os crentes, pela fé em Jesus Cristo[410].

Capítulo 21

A santificação no matrimônio.

Sobre este ponto então, que ninguém abuse ou engane os outros. Qualquer subterfúgio desaparece e se apaga à luz do sentido tão perfeitamente evidente das santas Escrituras.

Nossa origem nos comunica a morte neste corpo mortal. É nossa origem também que nesta carne pecadora nos transmite o pecado e foi para curá-lo __ tanto a parte criminosa que devemos ao nosso nascimento, quanto a parte que acrescentamos por nossa própria vontade __bem como também para dar vida à própria carne, que o Médico veio a nós com a semelhança de nossa carne pecadora. Doentes ou não, inválidos ou sãos, precisamos dele. Ele não veio chamar os justos, mas sim os pecadores[411].

Resta, é verdade, a passagem em que o Apóstolo adverte os fiéis para não se separarem dos cônjuges não cristãos. Ele diz: *O marido que não tem a fé é santificado por sua mulher; assim como a mulher que não tem a fé é santificada pelo marido que rece-*

---

[409] Cf. Romanos 5: 20. *Sobreveio a Lei para que abundasse o pecado. Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça.*

[410] Cf. Gálatas 3: 22. *A Escritura encerrou tudo sob o império do pecado, para que a promessa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem.*

[411] Cf. Marcos 2: 17. *"Os sãos não precisam de médico, mas os enfermos. Não vim chamar os justos, mas os pecadores".*

beu a fé. Do contrário, os vossos filhos seriam impuros quando, na realidade, são santos[412].

Como devemos entender esta passagem? Podemos primeiro lhe dar o sentido que lhe demos em outro lugar[413] e que Pelágio desenvolveu identicamente, ao comentar a Epístola aos Coríntios[414].

De fato, foram vistos exemplos de almas conquistadas por Jesus Cristo, esposas convertidas por seus maridos, maridos por suas esposas e também bebês, que a vontade santamente vitoriosa de um pai ou de uma mãe cristãos tinham feito cristãos.

Podemos também ver aí um segundo sentido, que, parece, fala mais claramente ainda e se impõe, de alguma forma, no texto do Apóstolo. Tratar-se-ia de um tipo de santificação que purificaria de uma maneira qualquer o cônjuge não cristão, por causa de seu cônjuge cristão.

Desta forma, por exemplo, nos períodos menstruais da mulher, o marido ou a esposa que cumpriam sobre este ponto a recomendação da Lei, se abstinham de relações. Ezequiel, de fato, inclui esta prática dentre aquelas que não se deve entender no sentido figurado[415].

---

[412] 1 Coríntios 7: 14.
[413] *O sermão da montanha*. Livro I, seção 45.
[414] Ver os comentários sobre São Paulo nas obras de São Jerônimo, Tomo VIII. Esses comentários são de Pelágio ou de algum de seus discípulos.
[415] Ezequiel 18: 6.

É possível supor mesmo qualquer outra influência santificante, mesmo que não claramente designada, mas que, inevitavelmente, devia repercutir os laços da natureza estabelecidos entre os esposos e seus filhos.

No entanto, uma verdade deve ser mantida sem sombra de dúvida. Qualquer que seja a santificação tratada aqui, ela não tinha o poder de fazer cristãos e nem de redimir os pecados sem os sacramentos que, exclusivamente, pela lei de Cristo e da Igreja, podem produzir fiéis.

Não, nem os esposos não cristãos, apesar de sua união tão íntima com cônjuges por mais santos e fiéis que possam ser, são, por isso, purificados da iniquidade que separa do reino de Deus e arrasta para a condenação. Nem os bebês, apesar de seu nascimento de pais tão santos e fiéis quanto se queira, são absolvidos da mácula do pecado original se não forem batizados em Jesus Cristo. É sobretudo sua causa que devemos defender, com tanto zelo quanto menos eles podem se defender sozinhos.

Capítulo 22

Temos que ter caridade para com os bebês.

O ataque dirigido contra a Igreja nos últimos tempos e a triste novidade contra a qual devemos opor a verdade dos antigos

tempos, tem somente um objetivo: querem fazer crer que o batismo dos bebês é totalmente inútil.

Não ousam dizer isto abertamente, com medo de que a tradição tão saudavelmente enraizada na Igreja não consiga suportar por mais tempo aqueles que a violariam de bom grado.

Mas, se é para nós uma lei levar socorro aos órfãos, com muito mais coragem ainda devemos assumir a causa dos bebês. Sob a tutela de seus pais, eles ficariam mais abandonados e desafortunados do que os próprios órfãos, pois lhes seria recusada a graça de Jesus Cristo quando eles não podem ainda implorá-la por eles mesmos.

Capítulo 23

A perfeição é fruto da oração.

Quanto àquilo que costumam dizer: “Existiram e existem ainda, pessoas em pleno uso de sua razão e que jamais cometeram absolutamente qualquer pecado nesta vida”. Que isto seja assim no futuro deve ser objeto de nossos desejos, de nossos esforços e de nossas preces, mas que esta perfeição já existiu, não devemos confiar nisto.

Se, de fato, desejamos, tentamos e imploramos com humilde súplica essa perfeição, todo resíduo de pecado que ainda resta em nós é cotidianamente apagado quando dizemos sinceramente:

Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido[416].

Mas, com a única exceção do Santo dos Santos, todos, por mais santos que sejam e mesmo que conheçam e pratiquem a vontade de Deus, sempre precisaram absolutamente nesta vida dirigir a Deus esta prece.

Afirmar sobre isto o contrário é se enganar enormemente. É se tornar incapaz de rogar Àquele mesmo que se pretende louvar. Acreditar-se perfeito assim é se enganar e não ter mais a verdade consigo[417], pela única razão, aliás, de que é acreditar numa falsidade.

Cabe ao Médico __ o médico necessário às pessoas doentes e não às saudáveis __ saber como ele nos curará e nos tornará perfeitos para a salvação eterna.

Ele não destrói a morte no mundo presente em favor daqueles cujos pecados ele perdoa e, portanto, a morte nos foi infligida como punição pelo pecado. Ele quer que, ao vencer o medo que a morte inspira, a sinceridade de sua fé não recue diante de um combate tão temido. E, para que seus justos não se ensoberbeçam, ele não lhes concede em alguns casos a ajuda que aperfeiçoaria a justiça. Desta forma ele quer nos mostrar que nenhum ser vivo

---

[416] Mateus 6: 12.
[417] Cf. 1 João 1: 8. *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*.

está completamente justificado diante dele[418] e que, por consequência, devemos sempre dirigir ações de graça à sua indulgente misericórdia. Assim, ele quer que a santa humildade nos cure do inútil inchaço do orgulho, que é a causa primeira de todos os vícios.

Meu objetivo inicial era escrever uma breve carta e eis que acaba de nascer um livro de grande fôlego. Espero que ele seja tão bem recebido quanto foi bem concebido!

[418] Cf. Salmo 142: 2. *Não entreis em juízo com o vosso servo, porque ninguém que viva é justo diante de vós*.

Créditos

© 412 Aurelius Augustinus Hipponensis

© 2018 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil

Traduzido de *Du merite et de la rémission des péchés et du baptême des petits enfants* por Souza Campos, E. L. de.
Traduzido do latim para o francês pelo Abade Collery *in Oeuvres complètes de Saint Augustin*. Bar-le-Duc, 1871.

Cotejado com *Consecuencias y perdón de los pecados y El bautismo de los párvulos*, traduzido pelo Pe. Victorino Capánaga (OAR) e revisto pelo Pe. Javier Ruiz Pascual (OAR)
E *Il castigo e il perdono dei peccati e il battesimo dei bambini*.

Conteúdo

O MÉRITO, O PERDÃO DOS PECADOS E O BATISMO DOS BEBÊS. 2

LIVRO I 2

A MORTE VEM DO PECADO 2

CAPÍTULO 01 2

PREFÁCIO 2

CAPÍTULO 02 4

ADÃO NÃO MORRERIA SE NÃO TIVESSE PECADO. 4

CAPÍTULO 03 6

DIFERENÇA ENTRE SER MORTAL E SER SUJEITO À MORTE. 6

CAPÍTULO 04 8

A MORTE DO CORPO VEM MESMO DO PECADO. 8

CAPÍTULO 05 9

DIFERENÇA ENTRE MORTAL, MORTO E CERTEZA DE MORRER. 9

CAPÍTULO 06 10

COMO O CORPO ESTÁ MORTO POR CAUSA DO PECADO. 10

CAPÍTULO 07 13

A VIDA DO ESPÍRITO PREPARA A VIDA DO CORPO. 13

CAPÍTULO 08 15

A MORTE DO CORPO SEGUNDO SÃO PAULO. 15

CAPÍTULO 09 16

FOI PELA PROPAGAÇÃO E NÃO POR SIMPLES IMITAÇÃO QUE O PECADO PASSOU PARA TODA A HUMANIDADE. 16
CAPÍTULO 10 18
O PECADO ATUAL E O PECADO ORIGINAL. 18
CAPÍTULO 11 20
TODOS PECARAM EM ADÃO. 20
CAPÍTULO 12 22
O PECADO MAIS ANTIGO DA LEI. 22
CAPÍTULO 13 23
O QUE É O REINO DA MORTE, NA OPINIÃO DO APÓSTOLO? 23
CAPÍTULO 14 25
A REDENÇÃO SUPERA O PECADO ORIGINAL. 25
CAPÍTULO 15 26
HÁ UM SÓ PECADO QUE É COMUM A TODOS. 26
CAPÍTULO 16 28
NEM TODO PECADO VEM DE ADÃO, MAS A REMISSÃO DE TODOS VEM DE JESUS CRISTO. 28
CAPÍTULO 17 29
O REINO DA MORTE E O REINO DA VIDA. 29
CAPÍTULO 18 31
SÓ JESUS CRISTO PODE JUSTIFICAR. 31
CAPÍTULO 19 33
NINGUÉM É GERADO SEM ADÃO E NINGUÉM É REGENERADO SEM JESUS. 33
CAPÍTULO 20 36

COMPARAÇÃO ENTRE A GERAÇÃO CARNAL E A GERAÇÃO ESPIRITUAL. 36
CAPÍTULO 21 37
A CONDENAÇÃO DOS BEBÊS MORTOS SEM O BATISMO. 37
CAPÍTULO 22 39
OS BEBÊS NÃO POSSUEM PECADOS ATUAIS. 39
CAPÍTULO 23 41
REFUTAÇÃO DAQUELES QUE DIZEM QUE OS BEBÊS SÃO BATIZADOS PARA A OBTENÇÃO DO REINO DOS CÉUS E NÃO PARA REMISSÃO DO PECADO ORIGINAL. 41
CAPÍTULO 24 43
OS BEBÊS NÃO BATIZADOS SÃO PECADORES. 43
CAPÍTULO 25 45
OS BEBÊS, NO SACRAMENTO DO BATISMO, SE TORNAM PENITENTES E CRENTES. 45
CAPÍTULO 26 47
NÃO HÁ SALVAÇÃO E VIDA ETERNA FORA DO REINO DOS CÉUS. 47
CAPÍTULO 27 48
O PRECEITO EUCARÍSTICO TAMBÉM OBRIGA AS CRIANÇAS. 48
CAPÍTULO 28 50
OS BEBÊS NÃO BATIZADOS SÃO CONSIDERADOS NÃO CRENTES, PARA EFEITO DE CONDENAÇÃO. 50
CAPÍTULO 29 51
O MISTÉRIO DA DISTRIBUIÇÃO DA GRAÇA. 51
CAPÍTULO 30 53
ESTÁ ENVOLTO PELO MISTÉRIO DA JUSTIÇA DE DEUS OS DESTINOS DIVERSOS DOS BEBÊS. 53

CAPÍTULO 31 55

É INSUSTENTÁVEL E INÚTIL A OPINIÃO DE QUE DEUS ESTABELECE A SORTE DA ALMA DE ACORDO COM O MÉRITO DE UMA VIDA PRECEDENTE. 55

CAPÍTULO 32 58

UM EPISÓDIO CONTRA A OPINIÃO PRECEDENTE. 58

CAPÍTULO 33 61

JESUS CRISTO É O SALVADOR E MEDIADOR ATÉ MESMO PARA AS CRIANÇAS. 61

CAPÍTULO 34 63

O BATISMO É A SALVAÇÃO E EUCARISTIA É A VIDA ATÉ PARA AS CRIANÇAS. 63

CAPÍTULO 35 65

SEM O BATISMO AS CRIANÇAS PERMANECEM NAS TREVAS DO PECADO. 65

CAPÍTULO 36 66

NÃO HÁ PARA NINGUÉM UMA ILUMINAÇÃO FORA DO BATISMO. 66

CAPÍTULO 37 67

SÓ DEUS É A LUZ. 67

CAPÍTULO 38 68

NOSSO SER INTERIOR PERMANECE NAS TREVAS, SEM A ILUMINAÇÃO DA FÉ. 68

CAPÍTULO 39 71

A CONSCIÊNCIA DA IGREJA UNIVERSAL INCLUI TAMBÉM OS BEBÊS NA NECESSIDADE DA REDENÇÃO. 71

CAPÍTULO 40 73

TESTEMUNHOS EVANGÉLICOS SOBRE A NECESSIDADE DO BATISMO PARA OS BEBÊS. 73

CAPÍTULO 41 75

OS TESTEMUNHOS DA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE SÃO PEDRO. 75

CAPÍTULO 42 77

O TESTEMUNHO DA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE SÃO JOÃO. 77

CAPÍTULO 43 79

O TESTEMUNHO DE SÃO PAULO, EM SUA EPÍSTOLA AOS ROMANOS. 79

CAPÍTULO 44 82

O TESTEMUNHO DE SÃO PAULO NAS EPÍSTOLAS AOS CORÍNTIOS. 82

CAPÍTULO 45 84

O TESTEMUNHO DE SÃO PAULO NA EPÍSTOLA AOS GÁLATAS. 84

CAPÍTULO 46 84

O TESTEMUNHO DE SÃO PAULO NA EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS. 84

CAPÍTULO 47 86

O TESTEMUNHO DE SÃO PAULO NA EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES. 86

CAPÍTULO 48 88

O TESTEMUNHO DE SÃO PAULO NA EPÍSTOLA A TIMÓTEO. 88

CAPÍTULO 49 89

O TESTEMUNHO DE SÃO PAULO NA EPÍSTOLA A TITO. 89

CAPÍTULO 50 90

O TESTEMUNHO DE SÃO PAULO NA EPÍSTOLA AOS HEBREUS. 90

CAPÍTULO 51 93

O TESTEMUNHO DO APOCALIPSE 93

CAPÍTULO 52 93

O TESTEMUNHO DO LIVRO SOBRE OS ATOS DOS APÓSTOLOS. 93

CAPÍTULO 53 94

O TESTEMUNHO IMPLÍCITO DO ANTIGO TESTAMENTO. 94

CAPÍTULO 54 95

ALGUNS TESTEMUNHOS EXPLÍCITOS DO ANTIGO TESTAMENTO. 95

CAPÍTULO 55 100

JESUS CRISTO É INDISPENSÁVEL A TODOS. 100

CAPÍTULO 56 103

A CONCLUSÃO DE TANTOS TESTEMUNHOS. 103

CAPÍTULO 57 104

DESCRIÇÃO DO PECADO ORIGINAL CONTRA O PANO DE FUNDO DA CONCUPISCÊNCIA CARNAL. 104

CAPÍTULO 58 107

EM QUE SENTIDO O BATISMO É NECESSÁRIO, SEGUNDO OS PELAGIANOS. 107

CAPÍTULO 59 109

O DIÁLOGO ENTRE JESUS E NICODEMOS. 109

CAPÍTULO 60 111

COMO ACONTECE A REGENERAÇÃO ESPIRITUAL DO SER HUMANO. 111

CAPÍTULO 61 115

TODOS, INCLUSIVE AS CRIANÇAS, FORAM ENVENENADOS PELA PICADA DA SERPENTE. 115

CAPÍTULO 62 116

SÓ É POSSÍVEL A RECONCILIAÇÃO COM DEUS ATRAVÉS DE JESUS CRISTO. 116

CAPÍTULO 63 119

O PRÓPRIO RITO DO BATISMO MOSTRA QUE ELE É UMA REMISSÃO DOS PECADOS. 119

CAPÍTULO 64 121

SE OS PELAGIANOS ENTRASSEM EM ACORDO ENTRE ELES, ELES ENTRARIAM EM ACORDO COM OS CATÓLICOS. 121

CAPÍTULO 65 122

NÃO É NECESSÁRIO PROVAR QUE OS BEBÊS NÃO PODEM TER PECADOS PRÓPRIOS. 122

CAPÍTULO 66 123

IMPOSSÍVEL ENCONTRAR QUALQUER EVIDÊNCIA DE PECADO NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA DAS CRIANÇAS. 123

CAPÍTULO 67 126

A CAUSA DA IGNORÂNCIA DA PRIMEIRA INFÂNCIA. 126

CAPÍTULO 68 128

POR QUE NÓS E JESUS NASCEMOS DIFERENTES DE ADÃO? 128

CAPÍTULO 69 131

A IGNORÂNCIA E A FRAQUEZA DAS CRIANÇAS. 131

CAPÍTULO 70 132

A CONCUPISCÊNCIA DEPOIS DO PECADO. 132

LIVRO II 135

TODOS SÃO PECADORES. 135

CAPÍTULO 01 135

RESUMO DO PRIMEIRO LIVRO E O TEMA DO SEGUNDO. 135

CAPÍTULO 02 136

A LIBERDADE HUMANA PRECISOU DA GRAÇA DIVINA. 136

CAPÍTULO 03 138

NOSSA FRAQUEZA MORAL PODEMOS REMEDIAR COM O EXERCÍCIO DA MISERICÓRDIA. 138
CAPÍTULO 04 139
A CONCUPISCÊNCIA NAS CRIANÇAS E NOS ADULTOS. 139
CAPÍTULO 05 142
PARA OBEDECER AOS MANDAMENTOS DE DEUS PRECISAMOS DA AJUDA DE DEUS. 142
CAPÍTULO 06 145
A LIBERDADE NÃO BASTA SEM A PRECE. A PRECE NÃO DISPENSA O EXERCÍCIO DA LIBERDADE. 145
CAPÍTULO 07 147
O SER HUMANO, AJUDADO POR DEUS, PODE VIVER ESTA VIDA TERRENA SEM PECADO? 147
CAPÍTULO 08 149
HÁ NESTE MUNDO UMA ÚNICA PESSOA SEM PECADO? 149
CAPÍTULO 09 151
A PERFEIÇÃO HUMANA NÃO É ADQUIRIDA EM UM INSTANTE, MAS GRADUALMENTE. 151
CAPÍTULO 10 155
QUANDO VIRÁ A PERFEIÇÃO? 155
CAPÍTULO 11 157
POR QUE O JUSTO NÃO GERA UM JUSTO. 157
CAPÍTULO 12 159
TAMBÉM PECARAM OS SANTOS MAIS ELOGIADOS DAS SANTAS ESCRITURAS. 159

CAPÍTULO 13 160
DANIEL 160
CAPÍTULO 14 162
JÓ 162
CAPÍTULO 15 165
JÓ TAMBÉM SE SENTIA UM HOMEM "FILHO DA IRA". 165
CAPÍTULO 16 167
COM RELAÇÃO À JUSTIÇA DE JESUS CRISTO, JÓ ACUSA ELE MESMO. 167
CAPÍTULO 17 169
NINGUÉM É JUSTO EM TODOS OS ASPECTOS. 169
CAPÍTULO 18 172
A PERFEIÇÃO HUMANA, MESMO PERFEITA, AINDA É IMPERFEITA. 172
CAPÍTULO 19 172
NEM MESMO O SACERDOTE ZACARIAS TINHA A SANTIDADE SACERDOTAL DE JESUS CRISTO. 172
CAPÍTULO 20 174
ZACARIAS E ISABEL NÃO ERAM MAIS PERFEITOS DO QUE SÃO PAULO, QUE CONFESSA A IMPERFEIÇÃO DA PRÓPRIA PERFEIÇÃO. 174
CAPÍTULO 21 178
NINGUÉM É SEM PECADO. 178
CAPÍTULO 22 179
A PERFEIÇÃO ABSOLUTA NÃO SE CONFUNDE COM A PERFEIÇÃO RELATIVA. 179
CAPÍTULO 23 181

EMBORA TODOS PEQUEM DE ALGUMA MANEIRA, PERMANECE VÁLIDO O MANDAMENTO DE NÃO PECAR. 181
CAPÍTULO 24 183
SÃO PAULO JÁ SE SENTIA VITORIOSO POR CAUSA DA FIRMEZA NA ESPERANÇA E NÃO POR QUE JÁ FOSSE SEM PECADO. 183
CAPÍTULO 25 185
OS MAIORES SANTOS TIVERAM OU TÊM CULPA PARA ESPIAR. 185
CAPÍTULO 26 187
NOSSA CULPA SURGE DA IGNORÂNCIA, DA FRAGILIDADE E DA INCOERÊNCIA COM A GRAÇA DE DEUS. 187
CAPÍTULO 27 189
NO FUNDO DE TODO PECADO ESTÁ A SOBERBA E NO FUNDO DE TODA BOA AÇÃO ESTÁ O AMOR A DEUS. 189
CAPÍTULO 28 191
QUAL É A FRONTEIRA ENTRE O LIVRE ARBÍTRIO E A GRAÇA? 191
CAPÍTULO 29 192
A BOA VONTADE VEM DE DEUS, MAS SÓ INDIRETAMENTE DESDE A CRIAÇÃO. 192
CAPÍTULO 30 193
A BOA VONTADE HUMANA VEM, NECESSARIAMENTE, DE DEUS. 193
CAPÍTULO 31 194
A CONVERSÃO A DEUS É UM ATO DE MISERICÓRDIA DIVINA E SUA NÃO CONCESSÃO É UM ATO DE SUA JUSTIÇA. 194
CAPÍTULO 32 196
DEUS OPERA MISTERIOSAMENTE COM SUA MISERICÓRDIA E COM SUA JUSTIÇA. 196

CAPÍTULO 33 197

É PELA GRAÇA QUE VEM O CONHECIMENTO E A ATRAÇÃO PELO BEM. 197

CAPÍTULO 34 200

COM EXCEÇÃO DE JESUS CRISTO, NÃO HOUVE E NÃO PODERÁ HAVER NINGUÉM ISENTO DE PECADO. 200

CAPÍTULO 35 202

A OBEDIÊNCIA FORTEMENTE RECOMENDADA AO SER HUMANO PELO PRÓPRIO DEUS. 202

CAPÍTULO 36 205

O ESTADO DO SER HUMANO APÓS O PECADO. 205

CAPÍTULO 37 208

A CORRUPÇÃO DA NATUREZA PELO PECADO E SUA RENOVAÇÃO POR JESUS CRISTO. 208

CAPÍTULO 38 210

A CARNE DO FILHO DE DEUS FEITO HUMANO. 210

CAPÍTULO 39 213

A OBJEÇÃO DOS PELAGIANOS: JÁ É BATIZADO O FILHO DE UM BATIZADO. 213

CAPÍTULO 40 214

QUEM NASCE DE UM BATIZADO PRECISA DO BATISMO COMO QUEM NASCIA DE UM CIRCUNCIDADO PRECISAVA DA CIRCUNCISÃO. 214

CAPÍTULO 41 215

SÃO PAULO AFIRMOU QUE OS FILHOS DOS BATIZADOS SÃO SANTOS. POR QUE DEVEM ENTÃO SER BATIZADOS? 215

CAPÍTULO 42 217

OS VÁRIOS MODOS DE SANTIFICAÇÃO. O SACRAMENTO DOS CATECÚMENOS. 217
CAPÍTULO 43 220
QUEM NÃO RENASCER NÃO PODE VER O REINO DOS CÉUS. 220
CAPÍTULO 44 221
O BATISMO PERDOA OS PECADOS, MAS NÃO PROVOCA MUDANÇA NA QUALIDADE E NO ESTADO DA PESSOA. 221
CAPÍTULO 45 223
OS PAIS CRISTÃOS GERAM CARNALMENTE E TRANSMITEM, ASSIM, O PECADO. 223
CAPÍTULO 46 226
O BATISMO EXTINGUE PARA SEMPRE O CRIME DA CONCUPISCÊNCIA, MAS NÃO SUA PRESENÇA. 226
CAPÍTULO 47 227
DEUS SEMPRE SALVOU E SALVARÁ OS PREDESTINADOS COM UMA MESMA FÉ OBJETIVA, MAS COM SACRAMENTOS DIVERSOS NAS DIVERSAS ÉPOCAS. 227
CAPÍTULO 48 229
JESUS É O ÚNICO SALVADOR DE TODOS, ADULTOS E BEBÊS. 229
CAPÍTULO 49 231
A REDENÇÃO DE JESUS NOS AJUDOU MAIS DO QUE O PECADO DE ADÃO NOS PREJUDICOU. 231
CAPÍTULO 50 233
POR QUE O BATISMO NÃO DESTRÓI IMEDIATAMENTE A MORTE JUNTO COM OS PECADOS? 233
CAPÍTULO 51 235
ATÉ A MORTE É UM EXERCÍCIO DE FÉ. 235

CAPÍTULO 52 237

ENTRA NO CAMPO DA FÉ A INVISIBILIDADE DO CRISTO RESSUSCITADO. 237

CAPÍTULO 53 239

A REMISSÃO DOS PECADOS NÃO EXTINGUE IMEDIATAMENTE A PENA PELO PECADO. 239

CAPÍTULO 54 241

COM A REDENÇÃO, A CONDIÇÃO DA HUMANIDADE PERMANECEU AQUELAS PROVOCADAS PELO PECADO, MAS COM UM PROPÓSITO DIFERENTE. 241

CAPÍTULO 55 242

ADÃO FOI TRATADO COMO SOMOS TRATADOS ATUALMENTE. 242

CAPÍTULO 56 243

TAMBÉM A DAVI FOI DÃO UM TRATAMENTO IGUAL. 243

CAPÍTULO 57 245

NÃO SE PODE AFASTAR, NEM PARA A DIREITA E NEM PARA A ESQUERDA, AS SANTAS REGRAS. 245

CAPÍTULO 58 247

ATÉ OS BEBÊS PRECISAM DE REDENÇÃO. 247

CAPÍTULO 59 248

UM PROBLEMA DIFÍCIL RELACIONADO À ALMA, CUJA SOLUÇÃO NÃO É NECESSÁRIA À SALVAÇÃO. 248

LIVRO III 251

CARTA A MARCELINO 251

CAPÍTULO 01 251

O MOTIVO DESTE TERCEIRO LIVRO. 251

CAPÍTULO 02 253

OS BEBÊS NO BATISMO SE TORNAM CRENTES E, COMO TAIS, PARTICIPAM DA REDENÇÃO. 253

CAPÍTULO 03 256

A CONDENAÇÃO DOS BEBÊS NÃO BATIZADOS SERIA INJUSTA SEM A PRESENÇA NELES DO PECADO ORIGINAL. 256

CAPITULO 04 257

AS QUESTÕES DISCUTIDAS NÃO SÃO FÁCEIS E É PRECISO REZAR. 257

CAPÍTULO 05 258

AS TESES DE PELÁGIO CONTRA O PECADO ORIGINAL. 258

CAPÍTULO 06 259

QUAL ERA A CONVICÇÃO PESSOAL DE PELÁGIO? 259

CAPÍTULO 07 261

DEVEMOS TER COMO GUIA AS INDICAÇÕES EVIDENTES DAS ESCRITURAS. 261

CAPÍTULO 08 262

UM TEXTO DAS ESCRITURAS QUE ESCLARECEM UM TEXTO DE SÃO PAULO CONSIDERADO INCERTO POR ALGUNS. 262

CAPÍTULO 09 264

O TEXTO DE SÃO PAULO NÃO É UM TEXTO INCERTO. 264

CAPÍTULO 10 266

A DOUTRINA DE SÃO CIPRIANO SOBRE O PECADO ORIGINAL NOS BEBÊS. 266

CAPÍTULO 11 269

SÃO CIPRIANO SE CONECTA COM A ANTIGA TRADIÇÃO DA IGREJA. 269

CAPÍTULO 12 271

O CONSENSO DOS ESCRITORES CRISTÃOS SOBRE A PRESENÇA DO PECADO ORIGINAL NOS BEBÊS. 271

CAPÍTULO 13 274

OUTRO TESTEMUNHO DE SÃO JERÔNIMO SOBRE O PECADO ORIGINAL. 274

CAPÍTULO 14 276

A EXISTÊNCIA DO PECADO ORIGINAL NOS BEBÊS É A DOUTRINA TRADICIONAL DA IGREJA E SE EXPLICA PELO FATO DE ADÃO TER SIDO TODA A HUMANIDADE. 276

CAPÍTULO 15 277

DEUS NÃO PERDOA OS PECADOS SEM A REGENERAÇÃO DO BATISMO E NÃO IMPUTA EM NINGUÉM OS PECADOS ALHEIOS. 277

CAPÍTULO 16 278

AINDA O PROBLEMA DE POR QUE OS FILHOS DOS BATIZADOS CONTRAEM O PECADO ORIGINAL. 278

CAPÍTULO 17 280

NEM SEMPRE OS CRISTÃOS GERAM CRISTÃOS E NEM AS PESSOAS PURAS GERAM FILHOS PUROS. 280

CAPÍTULO 18 283

A OBSCURA QUESTÃO DA ORIGEM DA ALMA RELACIONADA COM O PECADO ORIGINAL. 283

CAPÍTULO 19 285

FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO, MAS NINGUÉM PARTICIPA DA IGREJA EM JESUS E COM JESUS SEM RECEBER SEUS SACRAMENTOS. 285

CAPÍTULO 20 287

A MORTE DO CORPO FOI CAUSADA PELO PECADO. 287

CAPÍTULO 21 291

A SANTIFICAÇÃO NO MATRIMÔNIO. 291

CAPÍTULO 22 293

TEMOS QUE TER CARIDADE PARA COM OS BEBÊS. 293

CAPÍTULO 23 294

A PERFEIÇÃO É FRUTO DA ORAÇÃO. 294

CRÉDITOS 297

CONTEÚDO 298